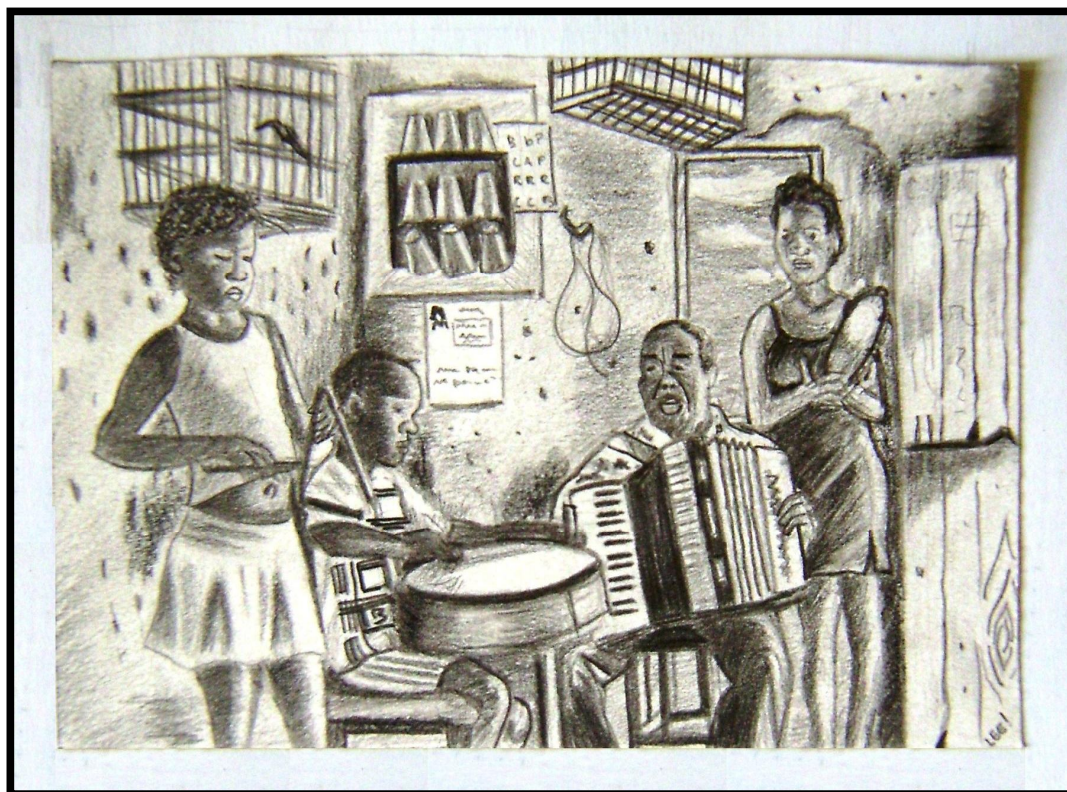


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO ACADÊMICO

**OS FORRÓS DA SERRA DA GAMELEIRA (SÃO TOMÉ/RN):
etnicidade, festa e sociabilidade**



FLÁVIO RODRIGO FREIRE FERREIRA

NATAL
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FLÁVIO RODRIGO FREIRE FERREIRA

OS FORRÓS DA SERRA DA GAMELEIRA (SÃO TOMÉ/RN):
etnicidade, festa e sociabilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Julie Antoinette Cavnac

NATAL
2009

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ferreira, Flávio Rodrigo Freire.

Os forrós da Serra da Gameleira (São Tomé/RN) : etnicidade, festa e sociabilidade / Flávio Rodrigo Freire Ferreira. – 2009.

140 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2009.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Julie Antoinette Cavnac.

1. Festas de forró – Dissertação. 2. Serra da Gameleira – Rio Grande do Norte. 3. Etnicidade. 4. Sociabilidade. I. Cavnac, Julie Antoinette. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 574: 39(813.2)

FLÁVIO RODRIGO FREIRE FERREIRA

OS FORRÓS DA SERRA DA GAMELEIRA (SÃO TOMÉ/RN):
etnicidade, festa e sociabilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Julie Antoinette Cavnac – UFRN
(Orientadora)

Prof^ª. Dra. Francisca de Souza Müller – UFRN
(Examinadora Interna)

Prof^º. Dr. Manoel Ferreira Lima Filho – UFG
(Examinador Externo)

Prof^º. Dr. Muirakytan Kennedy de Macedo – UFRN
(Examinador Suplente)

À minha avó do coração, Raimundinha Bento (*in memoriam*), que, com suas lições, ensinou-me a enxergar o mundo de uma forma simples e bela;

Ao pequeno Dante, que a cada dia ensina-me algo novo, ajudando-me a suportar as rotinas diárias;

Aos moradores da Serra da Gameleira, que nos abriram as portas de um mundo, repleto de lições sobre um (com) viver;

Dedico esta Dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é ratificar um trabalho, sempre realizado por muitas mãos. Conteí com a colaboração de várias para realização deste. Certamente nem todas têm a dimensão real da importância que tiveram. Todas foram em algum grau, de suma importância, pois me ajudaram a ser persistente nos momentos mais difíceis e/ ou contribuíram com informações enriquecedoras. Assim, agradeço:

À minha mãe Edileuza, sem ela não teria chegado até aqui. Mãe você é a principal responsável por tudo! A força de vontade com a qual “nos criou” me fortifica a cada dia. Meu pai Edivaldo, ou simplesmente “café” que na vida diária permanece apenas “distante dos olhos”.

Aos meus irmãos Jorge e Francisca, presença marcante em minha vida. A Gustavo, pequeno sobrinho que quer ser “irmão de Dantinho” e a sua mãe Genilma, que é “filha” de São Tomé. Ao meu sobrinho-irmão, Bruno César, que agora dá seus primeiros passos na pós-graduação. Boa sorte, mas não se entregue a frieza e principalmente as doutrinas do mundo acadêmico.

À Valéria Mendes, mãe incansável, por tentar suprir minhas ausências no dia-a-dia do pequeno Dante. À Dante pelo carinho com que me fortifica.

Devo ainda agradecer a minha “outra” família que durante os meus dez primeiros anos de vida ajudaram mamãe a “me criar” e que durante o mestrado nos reaproximamos: Avó Raimundinha (in memorian), tia Nêga (outra mãe), tia Zélia, tia Zenilde, e tio Antonio Bento (fonte de inspiração), enfim a todos da família Bento, pois também sou parte de dela.

À Professora Dr^a. Julie Cavignac, orientadora que nunca desiste de seus alunos, mostrando que somente através do esforço acadêmico é possível vencer os obstáculos. Agradeço a atenção e sugestões durante esses anos.

Ao professor Dr^o. Muirakytan Kennedy de Macedo e a professora Dr^a. Luciana de Oliveira Chianca, pelas valiosíssimas considerações prestadas durante a qualificação do projeto.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, em especial aos que partilharam seu saber nas disciplinas ministradas. Aos funcionários da antropologia (UFRN), Adriano Aranha, Ana Elvira e Diego Manguinho (com méritos divididos).

A todos integrantes do projeto “Inventário da Cultura do Seridó” (IPHAN-UFRN), em especial aos coordenadores, Julie Cavignac, Isabel Dantas, Muirakytan de Macedo, Paula de Brito e Custódio Jacinto, aprendi bastante com vocês. Aos colegas do Núcleo Câmara

Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses – NCCEN e da base de pesquisa Cultura, Identidade e Representações Sociais – CIRS, pelas conversas, troca de saberes e experiências de pesquisa.

À Ana Kalliny, companheira em todos os momentos. Foi dialogando e compartilhando nossas angústias e inquietações que esse trabalho se tornou possível. Você não faz idéia o quanto cresci ao seu lado. Meu agradecimento mais que especial.

Aos amigos remanescentes da velha Caravana, que teimam em conservar o espírito caravanesco: Ribamar Júnior, ou simplesmente negão; Diogo Moreno (apaixonado pelas músicas do forrozeiro Elino Julião); Wesley? Não, Bubu; Augusto Maux, o Guru (Estandarte da Caravana); José Roberto (ex-seminarista que trocou a batina pelo estilo caravana de viver); e Jônathas (“fugitivo” dos des-mandos da academia). Temos parafraseado bastante o musicista Cyro Lins: “*A caravana não morreu, não morreu nem morrerá!*”.

Aos alunos e amigos que fiz no Centro Educacional Dom Bosco – CEDB, em especial a Daci, Daíse, Alexandra, Otacílio, Joel, Karine, Liara e Pe. Diego Vanzetta, pessoas que amam o que fazem, depositando nos jovens a possibilidade de mudarem os rumos de suas vidas.

À Lisiana Vieira autora do desenho da capa; e Liandra Moura responsável pela tradução do resumo para a língua inglesa.

À amiga Elaine Savalli, pelos diálogos de nossas pesquisas, assim como pela confiança profissional em mim depositada.

A todos os colegas ingressos na terceira turma de alunos do PPGAS-UFRN: Cyro Almeida, Heloisa Helena (desde a graduação em Ciências Sociais – 2003), Henrique José, Jaína Alcântara, Jean-Claude, Luiz Augusto, Rodolpho Sá. Foi uma convivência marcante. Um abraço especial a Augusto, um amigo sempre presente, grande incentivador em todos os momentos, desde o primeiro dia de curso. E a Tiago Cantalice (que preferiu Recife – UFPE à Natal – UFRN).

Ao médico e ex-vice-prefeito de São Tomé, Eriberto Rocha, por ter me levado ao convívio de sua terra. Ao amigo de infância, seu filho Eriverton Rocha, pois “crescemos” juntos nessa pequena cidade e a todos os amigos que fiz nesse lugar. Agradeço ainda ao funcionário público Hemerson Araújo, pelas valiosíssimas informações prestadas e ao “Galego” da moto-taxi que sempre servia de companhia na subida da serra.

Na Serra tenho muitas pessoas a agradecer. Lembrarei as famílias e os principais responsáveis pelas informações prestadas. Agradeço a toda família Domingos da Cruz, na pessoa de Severino Domingos, sua esposa Maria do Carmo e seus filhos Janilson, Janielson, e

Hilson. À família Félix dos Santos, na pessoa do sanfoneiro Francisco Félix ou apenas Loza do acordeon, sua esposa Chiquinha e seu “filho” Mecias, agradeço ainda a Clidenor Gídio e demais integrantes do grupo musical “Os feras do forró”. A todos da família Lopes, em especial seu Alfredo Lopes e sua mãe, dona Antonia Merandolina, as vésperas de se tornar centenária. Todos da família Fernandes Pereira, especialmente Zé Menino. A todos da família Souza, em especial dona Maria e Zé “Tatu”. Finalmente agradeço imensamente, aos forrozeiros que nos abriram as portas de suas casas: “Loza”; Ronildo, “Piaba”; Luis “Besouro”; Vicente, “neném”; e “neguinho” Israel. Para finalizar, um pensamento especial dedicado a todos os moradores da Serra, lembrando a afirmação do filósofo Frederick Nietzsche: consideremos perdido o dia em que não se dançou nem uma vez! E digamos que é falsa toda verdade que não teve, a acompanhá-la, sequer uma risada!

A todas às “mãos” não lembradas nessas linhas, meus sinceros agradecimentos.

NO MEU PÉ DE SERRA,

chóte

Lá no meu pé de serra,
Deixei ficar meu coração
Ai que saudades tenho
Quero voltar pro meu sertão...
No meu roçado, eu trabalhava todo dia,
Mas no meu rancho eu tinha tudo que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira,
Sanfona num faltava
E tome chóte à noite inteira.

O chóte é bom
De se dançar
A gente gruda na cabocla sem soltar,
Um passo lá
Um outro cá
Enquanto o fole
Tá tocando
Tá gemendo
Tá chorando
Ta fungando
Reclamando sem parar...

LUIZ GONZAGA e HUMBERTO
TEIXEIRA, agosto de 1945.

RESUMO

O presente trabalho objetiva descrever e analisar as festas de forró que acontecem na Serra da Gameleira, em São Tomé/RN. A Serra é um espaço social dividido: grupos de diferentes origens étnicas convivem em Gameleira de Baixo, Salgadinho (ou Gameleira de Cima) e Chaves Belas. São aproximadamente duzentas famílias que vivem exclusivamente da agricultura. Busca-se compreender como as festas informam sobre a organização social, a composição étnica das famílias em presença e o passado da Serra, através da genealogia dos tocadores de forró. Na discussão, identifica-se os lugares festivos: ao todo, contam-se cinco casas de forró que funcionam com regularidade – dentre elas, uma foi descrita. Nelas, os espaços públicos e privados estão intimamente relacionados, com limites entre a casa de forró e a casa residência bastante tênues. Cada casa de forró tem seu dono, que regularmente realiza as festas, mobilizando grande parte dos moradores, o que provoca o estreitamento das relações sociais. Assim, ao observar a sociabilidade festiva entre os diferentes segmentos sociais, o forró aparece como elemento minimizador dos conflitos sociais, propiciando novas formas de associação e cooperação no espaço da Serra da Gameleira. Para a coleta de dados, utiliza-se o método etnográfico, através da observação direta, realização de entrevistas e pesquisa documental. A história local é recontada seguindo os caminhos da memória oral e da análise de documentos históricos. Ao final da análise, revela-se que música e festa são elementos que agregam os diferentes grupos que residem no local e determinam formas de expressão de uma cultura vista como tradicional.

Palavras-chave: Festa de forró. Serra da Gameleira. Etnicidade. Sociabilidade.

ABSTRACT

This work intends to describe and analyze the parties of *farró* that happen in *Serra da Gameleira*, in *São Tomé/RN*. *Serra* is a divided social space: groups of different ethnic origins live together in *Gameleira de Baixo*, *Salgadinho* (or *Gameleira de Cima*) and *Chaves Belas*. They are approximately two hundred families that live exclusively from agriculture. We try to understand how the parties inform about the social organization, the ethnic composition of the families that live there and the past of *Serra*, through the genealogy of *farró* players. In the discussion, we identify the festive places: in the total, we have five houses of *farró* that function regularly – one of them has been described. The private and public spaces inside them are intimate related, with no clear limits between the house of *farró* and the residence. Each house of *farró* has an owner, that regularly makes the parties, mobilizing a big part of the inhabitants, and provoking the straitening of the social relations. Observing the festive sociability between different social segments, the *farró* appears like an element that minimizes social conflicts, providing news ways of association and cooperation in the space of *Serra da Gameleira*. For the collection of facts, we used the ethnographic method, through the direct observation, interviewing and documentary research. The local history is recounted following the routes of oral memory and historical documents analysis. In the end of the analysis, we concluded that music and party are elements that aggregate the different groups that live in the location and determine forms of expression of what is seen as a traditional culture.

Key-Words: Farró party. Serra da Gameleira. Ethnicity. Sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (1848-1928)–“Fabião das Queimadas”	28
Foto 2 – Estátua de Fabião das Queimadas	35
Foto 3 – Restos da cobertura de uma suposta tampa: a caliça	53
Foto 4 – Preparo da terra	67
Foto 5 – Trabalho nas roças do terreiro	80
Foto 6 – Plantações de milho, feijão e espaço de “mata”	81
Foto 7 – Relação casa de forró x casa domiciliar	91
Foto 8 – Relação casa de forró x casa domiciliar	91
Foto 9 – Casas de forró na Serra da Gameleira	93
Foto 10 – Casas de forró na Serra da Gameleira	93
Foto 11 – Cartazes anunciando três festas na Serra durante o mês de junho de 2008	95
Foto 12 – A sanfona do “mestre” Loza	99
Foto 13 – Cartaz anunciando festa na Gameleira de Baixo	99
Foto 14 – Loza do Acordeon, Chiquinha e Mecías Show: uma família de forrozeiros	103
Foto 15 – Loza em sua casa durante uma das entrevistas	105
Foto 16 – Limites imprecisos: casa de forró e casa domiciliar	107
Foto 17 – Encontro dos forrozeiros antes da festa começar	112
Foto 18 – Jovens e crianças: presença marcante nas festas	120
Foto 19 – Clidenor Gidio, Loza do Acordeon e Mecías Show: “Os feras do forró”	121
Foto 20 – Encontros e conversas: forró da Gameleira na década de 1990	126
Gráfico 1 – Calendário anual: festa e trabalho	75
Gráfico 2 – Os forrós da Serra	83
Gráfico 3 – Trajetos festivos	94
Ilustração 1 – Mapa do Rio Grande do Norte	32

Ilustração 2 – Mapa do território municipal de São Tomé/RN	33
Ilustração 3 – Árvore Genealógica da Família Gidio com legendas	40
Ilustração 4 – Árvore Genealógica da Família Tatu	45
Ilustração 5 – Árvore Genealógica dos Lopes.....	47
Ilustração 6 – Mapa hidrográfico do Rio Grande do Norte.....	57
Ilustração 7 – Localização aproximada das terras e toponímia dos lugares.....	62
Ilustração 8 – Croqui da Serra da Gameleira.....	71
Ilustração 9 – Localização do Forró de Loza	108
Ilustração 10 – Organização interna de uma casa de forró	110
Ilustração 11 – Distribuição dos grupos durante o forró.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os tocadores antigos	42
Quadro 2 – Sesmarias na ribeira do Potengi	59
Quadro 3 – Ocorrências das festas de forró	84
Quadro 4 – As casas de forró da Serra.....	90
Quadro 5 – Os tocadores de hoje.....	101

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

AQSGB – Associação Quilombola Serra de Gameleira de Baixo.

CRG – Sesmaria da Capitania do Rio Grande.

FCP – Fundação Cultural Palmares

FVR – Fundação Vingt-Un Rosado.

IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

NCCEN – Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandense da UFRN.

NEHAD – Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos e de Documentação da UFRN.

PMST – Prefeitura Municipal de São Tomé.

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
FORRÓ FESTA!	18
FESTA E SOCIABILIDADE	19
FORRÓ E ETNICIDADE	22
SUBINDO A SERRA	23
1. “TEMPO DE CATIVEIRO, TEMPO DE FESTA”: A HISTÓRIA DA SERRA DA GAMELEIRA	28
1.1 LOCALIZANDO A SERRA.....	31
1.2 FORRÓ E ESCRAVIDÃO NOS ARREDORES DA SERRA.....	34
1.2.1 Festa de negros.....	37
1.2.2 A memória dos forrós.....	39
1.2.3 A origem da família Tatu.....	43
1.2.4 A chegada dos Lopes.....	46
1.3 O OLHO D’ÁGUA DA GAMELEIRA.....	48
1.3.1 Uma serra encantada: a calça.....	52
1.4 NA RIBEIRA DO POTENGI.....	56
1.4.1 O Capitão brabo.....	63
2. “SAIR DO ROÇADO, NÓS VAMOS PRO FORRÓ!”	67
2.1 UMA SERRA DIVIDIDA.....	69
2.2 FORROZEIROS E ROCEIROS.....	72
2.3 TEMPO DE TRABALHO, TEMPO DE FESTA.....	73
2.3.1 Fertilidade e privação.....	76
2.3.2 “Botar um roçado”.....	77
2.4 UMA SERRA DE FORRÓS.....	82
2.4.1 Os “donos” dos forrós.....	85
2.4.2 O forró “dentro” das casas.....	90
2.4.3 Trajetos festivos.....	93
2.4.4 “Os tocadores de hoje”.....	95
2.4.5 Forrozeiros e animadores.....	101
3. ANOITECER E AMANHECER NO FORRÓ DO LOZA: ETNOGRAFIA DE UMA CASA DE FORRÓ	103
3.1 “EU TOCO NO MEU FORRÓ”.....	106
3.1.1 Um encontro para um forró.....	110
3.1.2 A portaria.....	113

3.1.3 Comidas e bebidas	114
3.2 “O SALÃO TÁ CHEIO? ESSE FORRÓ VAI DAR BOM!”	116
3.2.1 Sobre os forrozeiros	117
3.2.2 Quem toca e quem canta	121
3.2.3 Encontros e conversas	123
3.3 “O FORRÓ JÁ TÁ FRAQUEJANDO”	126
3.3.1 Hora da partida	128
3.3.2 Esperando a próxima festa	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENCONTROS FESTIVOS	130
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	140

INTRODUÇÃO

Ao chegar a São Tomé se avista ao longe: estrada de terra batida e o pé de uma Serra proibida, de onde se ouvem os ecos dos sons e das batidas. É a Gameleira, e já é hora de subirmos até lá!¹

Em uma tarde de sábado, enquanto caminhava pelas estradas da serra com o presidente da associação comunitária, ouvi um som que chamava atenção pelo ritmo vibrante. Parei à porta e percebi que se tratava do toque de uma sanfona, que não estava solitária, pois acompanhada de outros instrumentos aglutinava pessoas ao seu redor. O sanfoneiro olhou-me e começou a tocar a música, “No meu pé de serra”, caprichando no toque. Nesse momento fiquei a observar atentamente aquela “reunião” que na verdade tratava-se de um ensaio para a festa que aconteceria logo mais a noite. Rapidamente comecei a tomar nota do momento que presenciava.

Esse trabalho propõe uma reflexão sobre as festas de forró que acontecem num ambiente rural do interior do estado do Rio Grande do Norte, a Serra da Gameleira. Trata-se de um espaço social no qual grupos de diferentes origens étnicas mantêm convívio marcado historicamente por relações tensas e conflituosas. Nesse espaço, o elemento que mobiliza todos os moradores que residem na Serra são as festas de forró, momento em que os diferentes grupos se comunicam através dos encontros. Diante disso, indaga-se: como é constituído o conjunto de relações sociais que acontecem na Serra em torno do forró? Como as festas acontecem? Nas festas de forró que ocorrem na Serra da Gameleira, campo empírico desta pesquisa, existe uma intensa sociabilidade festiva entre os diferentes grupos? Essas indagações são feitas privilegiando-se a festa não só como um espaço de lazer e divertimento que grande parte dos moradores vivenciam, mas como um lugar que oportuniza a reunião entre os grupos familiares. Nas festas desenvolve-se um tipo de sociabilidade, dotada de uma linguagem própria que possibilita a convivência entre os grupos e compartilha saber musical, além de organização própria para a realização das festas. Assim, buscamos compreender como as festas informam sobre a organização social, a composição étnica das famílias em presença e o passado da Serra, através da genealogia dos tocadores de forró.

Ao escolher a serra como campo de pesquisa ainda não havia definido o que investigar. Não tinha atentado para o que as pessoas diziam sobre as festas. Foi então que comecei a perceber que os forrós tinham alguma relevância para os moradores do local. Notei

¹ Texto produzido durante viagens a Serra para realização de pesquisa de campo.

que os comentários sobre as festas que haviam ocorrido, e a expectativa para as que ainda viriam a acontecer, eram os assuntos preferidos nas rodas de conversas em todos os locais que reunia pessoas: roçados, bares, açude, campo de futebol, até no interior da pequena capela, ou seja, todos na serra somente queriam falar sobre os forrós.

A partir das conversas travadas com nossos interlocutores e durante a observação das festas percebemos que é através do encontro nas casas de forró, da organização interna em cada local onde as festas ocorrem, bem como dos diferentes momentos, que tivemos a certeza de estar tratando de um acontecimento central para a vida dos moradores da Serra. Essas situações que se apresentavam em campo proporcionou a seguinte indagação: é possível a partir da observação das festas de forró, fazer uma leitura sobre a vida na serra, apreensão do passado e definição das relações sociais?

FORRÓ FESTA!

É importante voltar para os usos do termo para compreender sua utilização na vida dos moradores da Serra. Assim, o termo forró foi reformulado ao longo de um percurso que se estendeu durante todo o século XX. É interessante perceber que atualmente o forró tem essa dupla importância, pois está presente tanto no passado, quanto nos dias atuais das pessoas que vivem em Gameleiras.

Em linhas gerais, o que sabemos sobre forró? Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro: “Forró é o mesmo que arrasta-pé que significa baile reles. O mesmo que bate chinela. Ou o mesmo que fobó²” (CASCUDO, 1972). De acordo com Chianca (2006, p. 87), forró é festa, é dança e é música, pois “dança-se forró num forró, enquanto se escuta um forró”. O trabalho de Alfonsi (2007) pensa a partir da confluência dos três elementos - música, dança e baile - como ocorre à produção social da diferença entre os participantes dos shows de forró. Apesar de destacar sua importância, não interessa aqui os aspectos performáticos que fazem parte do dançar forró³, aqui, o esforço estará centrado apenas no

² Outra versão que é resultado de uma leitura sobre as definições de Cascudo nos diz que: “O termo forrobodó - expressão africana que segundo o historiador Câmara Cascudo significa ‘algazarra’, ‘festa para a ralé’, ‘arrasta-pé’” (CASCUDO, 1972 *apud* TRINDADE, 2004).

³ A dança se dá entre pares enlaçados. A mulher apóia sua mão esquerda sobre o ombro do parceiro e a mão direita se apóia na mão esquerda do parceiro, portanto, o casal une as mãos para poderem dançar. O homem enlaça a sua parceira pela cintura com a mão direita e a outra mão segura a mão da parceira. As pernas se encaixam em um movimento rítmico embalado pela música motivadora que também nomeia a festa: o forró.

forró enquanto festa⁴.

De acordo com Dominique Dreyfus em “A Vida do Viajante” (1996), existia, já em meados da década de 1920, um tipo de festa que a autora designa como forró. Assim, ela põe em evidência a importância das festas no ambiente rural: “Mas o que ninguém perdia mesmo, eram os forrós, todo fim de semana [...]” (DREYFUS, 1996, p. 37). E complementa: “O sanfoneiro era, portanto, um personagem importante na vida do sertão” (p. 38). Porém, foi somente “no final da década de 1970, a palavra forró adquiriu um segundo sentido [...]. O forró⁵, que significava originalmente ‘baile’, passou a designar também o ritmo sobre o qual se dançava no baile” (DREYFUS, 1996, p. 275).

As festas de forró contemporâneas remontam ao criador e divulgador desse ritmo musical, o sanfoneiro Luiz Gonzaga. Segundo Chianca (2006, p. 68), “Gonzaga assumiu para si a tarefa de representar a música regional nordestina, do ‘interior’[...] Esse estilo foi batizado inicialmente de baião, xote e xaxado”. Assim, é importante ressaltar que o termo forró só adquire o significado de gênero musical a partir de 1970 – antes era apenas sinônimo de baile e festa.

Na verdade, as festas de forró se caracterizam como uma das poucas ocasiões propícias ao lazer na Serra da Gameleira. É preciso considerar que até alguns anos era a única opção noturna de lazer, em um lugar onde só recentemente começou a dispor de energia elétrica. Por isso, as festas funcionam como um “cimento” entre os diferentes grupos de residência (WOORTMANN, 1995) que compõem a Serra. No entanto, as festas não estão associadas apenas ao lazer, pois, como será visto, também inclui um conjunto de elementos como uma arte que inclui saber musical (instrumentos), dança e etc.

FESTA E SOCIABILIDADE

Para pensar teoricamente a festa é preciso buscar inspiração em autores clássicos. Em “As formas elementares da vida religiosa”, de Émile Durkheim (1978), a festa surge nos últimos capítulos para embasar a noção de ritual festivo, utilizada como ponto de partida de maneira unânime pelos sucessivos estudos realizados sobre festas. Em Mauss (1974) a noção

⁴ Porém daremos importância ao todo, isto é, à “música na cultura” e à “música enquanto cultura” (MERRIAM, 1964 e 1977 *apud* PINTO, 2001).

⁵ A autora discorda da versão etimológica, difundida por Geraldo Azevedo e Capinam, na música “For all, para todos” (1982), que atribui a invenção do termo a uma contração “abrasileirada” do termo inglês “For all”. Essa versão indica que o termo foi utilizado pelos operários ingleses, para nomear seus bailes noturnos, durante a construção das ferrovias brasileiras ao longo da primeira metade do século XX.

de “fato social total” opera no sentido de recuperar a visão totalizadora sem, contudo, pôr de lado a necessidade de “ver as próprias coisas sociais, na realidade, de fato como são” (p. 180). A utilização desse conceito revela e põe em ação a totalidade das instituições sociais. Tomar um evento social para, a partir dele, analisar realidades sociais mais abrangentes será nossa estratégia. Queremos pensar a festa de forró, enquanto espaços sociais festivos, nos quais se desenvolve uma sociabilidade festiva, sem esquecer nossa questão norteadora: compreender como as festas informam sobre a organização social, o presente e o passado na Serra, através da genealogia dos tocadores de forró.

Por dispor de uma importância compartilhada entre os grupos, “ir para o forró” é também uma forma de afirmação de um estatuto social, pois há uma certa obrigatoriedade em participar das festas (MAUSS, 1974). A obrigação é uma noção seguida naturalmente, como se faltar a uma festa fosse algo inconcebível.

De acordo com Valerí (1979) buscaremos compreender o forró na Serra da Gameleira enquanto uma atividade regular ritualizada, onde “As festas são caracterizadas por uma solidariedade social mais intensa, que se manifesta por atividades [rituais] regulares” (p. 95, Grifos meus). Segundo esse autor, as festas podem representar a sociedade numa forma sintética e ideal, fazendo-a mais facilmente perceptível como uma totalidade. Demonstraremos a vida na Serra como uma totalidade expressa através das festas.

Os forrós da Gameleira são atos formalizados, expressivos e portadores de uma dimensão simbólica. Além disso, as festas têm uma estrutura morfológica própria de caráter repetitivo. Caracterizam-se por sua dimensão coletiva, e por uma “configuração espacial-temporal determinada, além de portar elementos codificados e emblemáticos, estados de transição e um significado social” (SEGALEN, 2002, p. 31), que serão demonstrados no decorrer do trabalho.

Nesse sentido, as festas de forró são práticas sociais que revelam uma ordem social vivenciada através de um certo tipo de sociabilidade. Realizando uma arqueologia do uso dos termos, Socialidade x Sociabilidade na obra de G. Simmel⁶, Marilyn Strathern mostra que “Sociabilidade tem a ver com a constituição social e moral de ‘relatedness’ (o estado de estar relacionado)” (STRATHERN *apud* MCCALLUM, 1998, p. 1). Para Cecília McCallum (1998) socialidade é “um estado momentâneo na vida social de um grupo, definido pelo sentimento de bem-estar e pelo auto-reconhecimento como um grupo de parentes em plena

⁶ Para esse autor, a sociabilidade é uma relação de prazer onde cada um depende do outro na interação social, com cordialidade e partilhando as mesmas regras de um grupo. É preciso que cada grupo se comporte como se o outro fosse um igual (Simmel, 2006).

forma” (p. 4). O estudo de Vianna (1988, p. 69) aproxima-se de uma utilização dos termos quando coloca que “Não existe um objetivo, mas estão reunidos [também] pela satisfação de estarem juntos”. Aqui, não se estabelecerá separações entre os termos, pois acredita-se que para a realidade de Gameleiras as definições se complementam. No entanto, usar-se-á o termo sociabilidade na pesquisa.

Desse modo propomo-nos descrever as festas de forró como momento onde se desenvolve uma sociabilidade festiva, quando observamos uma circulação de todos os moradores da Serra (MCCALLUM, 1998). O forró expressa uma linguagem que permite que se estabeleça sociabilidade e essas festas funcionam no sentido de “Fabricar uma sociabilidade que extrapole os limites de uma série de relações sociais” (MCCALLUM, 1998, p. 11). Através delas, em que todos os grupos se envolvem, há uma minimização dos conflitos existentes na Serra que acaba reforçando certos tipos de relação (REZENDE, 2001, p. 1). Nesse sentido, podemos falar em uma sociabilidade festiva intrinsecamente ligada à vida dos grupos articulando, portanto, sociabilidade a outros momentos da vida social que não apenas o da festa.

A observação das festas de forró na Serra da Gameleira aproxima-se da seguinte idéia: “A festa não se reduz à festa” (MÉRIOT, 1999, p. 7). Sua ocorrência traz consigo significados diversos, fornecendo a oportunidade de colocarmos questões essenciais para pensar o universo cultural e social de determinados grupos. O estudo das festas não pode ser realizado de maneira rígida, sem correlacioná-las com a vida cotidiana, seus hábitos e rotinas, especialmente com o universo do trabalho diário predominante na vida produtiva. É preciso tratar a festa como linguagem reveladora do mundo social e apreender o conjunto de elementos existentes que permite comunicação entre os grupos (AMARAL, 2006).

Os forrós organizam a vida diária na Serra da Gameleira, dá um sentido ao trabalho, ordenando os momentos da vida social reatando laços existentes entre os grupos, pois há uma estreita relação entre trabalho e festas. Semanalmente, sempre nas sextas, sábados ou feriados, quando as pessoas saem dos roçados seguem para suas casas pensando no forró que ainda irão dançar. As festas começam sempre à noite, sem horário fixo para terminar. Nesse sentido é preciso descrever o contexto histórico e social das festas, pois todo ato ritual “ordena [e] atribui sentido [...] conferindo aos sujeitos os meios para dominar o tempo e as relações sociais” (SEGALEN, 2002, p. 148).

A linguagem, verbal e/ ou não-verbal, condensada e muito repetitiva (LEACH, 1996) presente nos forrós revela formas de organização e percepção do mundo social: existem diferentes grupos que mantêm relações tensas no cotidiano. Esses conflitos serão apaziguados

durante o tempo das festas, reatando laços e aproximando os diferentes grupos familiares. O forró está sempre dizendo alguma coisa sobre o grupo, como atividade ritual, essa festa “é uma declaração simbólica que ‘diz’ alguma coisa sobre os indivíduos envolvidos na ação” (LEACH, 1996, p. 76). São essas ações que informam sobre formas de organização social, ou seja, é o forró que organiza os grupos e ameniza os conflitos. É assim que a festa, inserida em um determinado contexto histórico e social, pode ser um lócus privilegiado para o estudo de grupos e comunidade, pois permite uma leitura do social.

FORRÓ E ETNICIDADE

A problemática centrada no forró trouxe consigo um pano de fundo presente que versa sobre etnicidade. As questões levantadas sobre as origens eram recorrentes, então notei que na verdade, estava diante de grupos que tem origens familiares diferentes. Isso porque cada um dos três grupos que convive nesse espaço social chamado serra da Gameleira tem um ancestral comum. Nesse sentido “A oralidade cumpre um papel todo especial [...], pois os grupos étnicos conhecem as histórias dos seus ancestrais” (ANDRADE, 2003, p. 42). Tais grupos travam relações ou interações sociais construídas historicamente entre si (BARTH, 2000).

Notei que o forró também se fez presente nessa relação histórica de convivência entre grupos étnicos diferentes, pois logo que busquei questões empíricas, me deparei com a existência de dois tipos de festas na memória oral: o “forró dos pretos” e o “forró dos brancos”. Em seguida entrevistando as famílias me deparei com dois importantes personagens antigos que conviveram na serra: “Zé do Ó, preto” e “Zé do Ó, branco”.

Essa diferença vivida e sentida entre as famílias da serra da Gameleira, somada a influência de agentes externos, fez emergir em um dos grupos, durante o ano de 2004, uma forma de mobilização política em busca de reconhecimento étnico. Foi assim que surgiu entre os membros da Gameleira de Baixo, um sentimento de comunidade. De acordo com Weber (1991) as comunidades étnicas têm uma “consciência tribal” associada a intenções políticas comuns que garantem aos indivíduos um sentimento de pertencimento ao grupo étnico. Esse grupo se percebe diferente de seus vizinhos, é a “afirmação do nós ante os outros” (OLIVEIRA, 1976, p. 5). Compreendemos essa afirmação também como um processo que se desenvolve continuamente, na história de cada grupo, ou seja, devemos considerar que existem processos anteriores aos processos analisados.

Nesse sentido, o grupo familiar de Gameleiras de Baixo passou a reivindicar uma identidade quilombola. No contexto atual, os grupos se auto-afirmam e constroem suas identidades a partir dos interesses dos atores em cena (ARRUTI, 1997).

As referências de estudos que se debruçam sobre a ocorrência de forró entre grupos étnicos são poucas. O trabalho de Siqueira (2006) toma a ocorrência do forró entre os Kalunga, comunidade negra do interior de Goiás, como expressão das mudanças ocorridas recentemente no interior do grupo. Não é nossa intenção centrar nas mudanças, mas sim nas formas de organização social da Serra.

O que causou inquietação, no sentido de problematizar o forró da Gameleira, foi encontrá-lo como marca de identidade e ancestralidade entre os membros familiares de Gameleiras de Baixo. Em agosto de 2007 se realizava em Natal um evento que reunia as lideranças quilombolas do Estado. Na oportunidade, compareci ao local para poder conversar com os moradores da serra presentes no evento. Foi quando notei entre as pessoas de Gameleiras a presença de um sanfoneiro e de outros integrantes de um grupo de forró. Segundo o presidente da associação, eles iriam realizar uma apresentação para animar os “quilombolas presentes e mostrar o forró da Gameleira” (Severino Domingos, agosto de 2007). Mas, por que o forró, expressado através da música e da dança em caráter festivo, é conduzido para fora da Serra, até os encontros de autoridades do movimento negro, nas reuniões Quilombolas?

Foi nesse momento que percebi que o forró estava sendo acionado em contexto favorável (CARVALHO, 2007). Mobilizar músicos, tocadores e trazê-los para Natal é uma maneira de mostrar o que existe de “tradicional” para os moradores de Gameleiras. A liderança mostrava-se orgulhoso em poder expor algo que faz parte da realidade da Serra. Disse-me: “Flávio, não vá embora, não. Espera aí um pouquinho que vai ter uma apresentação do nosso forró, o sanfoneiro tá aí!”. É nesse contexto político atual que as festas de forró estão inseridas.

SUBINDO A SERRA

São Tomé – RN (1999): “Rapaz, você pra ir um forró lá na Serra tem que ter muita coragem porque os negros são brabos e gostam de confusão!”

Natal – RN (2006): “São Tomé? Você conhece a Gameleira? Tem representantes de lá no encontro das comunidades negras e eles tocam forró e dançam.”⁷

⁷ As duas afirmações foram emitidas em conversas com dois amigos: o primeiro, morador de São Tomé; e o segundo, estudante de graduação em Ciências Sociais, realizadas em diferentes momentos de minha vida.

Há cerca de três anos, acompanhando os processos de emergências étnicas de grupos tradicionais do interior do Rio Grande do Norte junto aos órgãos Estatais, comecei a ter notícias sobre uma comunidade quilombola, situada na Serra da Gameleira em São Tomé. Nesse momento, comecei a rememorar minhas lembranças sobre vivências passadas na cidade. Três fatores foram decisivos para me fazer subir a Serra: o fato de ter convivido durante cerca de cinco anos na cidade de São Tomé, ouvindo falar freqüentemente sobre a Gameleira de um modo bastante peculiar; ter tomado conhecimento que um grupo na Serra que integrava o movimento negro na busca de reconhecimento dos seus direitos constitucionais; e o fato de saber que existe na Serra um forró que é reconhecido em São Tomé devido à “animação” das pessoas que lá residem. Foi apenas o início de uma empreitada que exigia, primeiramente, que fosse possível estabelecer um diálogo produtivo que suscitasse questões diretamente no contato em campo.

Meu primeiro contato com as pessoas de Gameleiras, localmente conhecidas como “povo da Serra” ou “negros da Gameleira”, não ocorreu na Serra. Em abril de 2007, sabendo por colegas que acompanham as reivindicações do movimento negro do Estado que os representantes da comunidade de Gameleiras estariam presentes em Natal para participarem de um seminário visando à elaboração de políticas públicas para a promoção da igualdade racial, fui até o encontro. Chegando ao local, uma liderança do movimento negro do estado apresentou-me como um pesquisador da UFRN (antropólogo) às lideranças da comunidade de Gameleiras, durante um momento de intervalo no seminário. Deste modo, aproveitamos e conversamos bastante um pouco sobre minhas vivências em São Tomé, assim como, sobre pessoas em comum que conhecíamos. Perguntando também a respeito da realidade em Gameleiras. Até aquele momento, só tinha conhecimento sobre um grupo proveniente de São Tomé que participava do movimento negro e que reivindicava uma identidade Quilombola junto à Fundação Cultural Palmares – FCP. Foi à primeira aproximação realizada. Conheci Severino Domingos e Francileide Domingos – a “Nêna” –, respectivamente presidente e vice da Associação Quilombola da Serra de Gameleiras de Baixo (AQSGB).

Dando seguimento às etapas da pesquisa, ou seja, realização do trabalho de campo. Procurei aproximar-me ao máximo das pessoas em seu cotidiano. Aqui, busco apresentar alguns dos momentos que vivenciei no contato direto com os moradores da Serra e como essa aproximação se traduz metodologicamente.

Assim que cheguei a Serra, na casa de Severino Domingos, fui tratado com um relativo distanciamento, digno de um desconhecido. Era um pesquisador, como fui apresentado, mas era também um visitante, como logo fui chamado por Severino: “Nessas

suas visitas você ainda vai conhecer muitas coisas aqui da comunidade”. Realizava observação direta em campo, por isso precisava lidar bem, primeiramente, com essa imagem de visitante para poder apreender aspectos da vida social. Nas visitas posteriores, percebi que já estava adquirindo alguma confiança. No primeiro dia, conversando com, Janilson, filho de Severino Domingos, ele entregou-me o álbum de sua família dizendo: “Veja, Flávio, o álbum dos quilombolas!”. Esse grupo que me recebeu foi responsável pelos direcionamentos iniciais da pesquisa de campo. Nas minhas idas a Serra, sempre ficava hospedado na casa de Severino, ponto de apoio para escrita. Logo, comecei a questionar-los em busca de entender como as pessoas organizavam-se em sua vida diária?

Como havia conhecido Severino Domingos em um ambiente de afirmação identitária, ele sempre queria falar sobre o movimento negro. Quando inusitadamente resolveu-me apresentar um espaço natural, no qual existe um marco, de grande importância para a memória social dos moradores da serra. Ele questionou-me sobre quem teria realizado aquela construção: “Foram, Índios ou Quilombolas?”⁸. Nesse instante, percebi indícios de dúvidas quanto à origem e o passado dos grupos que convivem na serra. Comecei a notar afirmações que localizavam bem as famílias em diferentes grupos de residência: Gameleira de Baixo; Gameleira de Cima (ou Salgadinho); e Chaves Belas, todos convivendo na serra. Assim, observei que um dos elos entre essas famílias eram as festas de forró.

Os dados foram obtidos a partir de entrevistas não diretivas com organizadores, tocadores e forrozeiros, participantes das festas de forró na Gameleira, assim como, através da produção de notas de campo. Em todos os momentos em campo, realizei um trabalho intensivo, ou seja, aproveitando ao máximo minhas permanências nas idas aos locais de pesquisa. Devido à necessidade de realização do trabalho de campo, visitei e me integrei ao ambiente de estudo quinze vezes: duas nos encontros de comunidades negras em Natal (abril e setembro de 2007); uma em maio de 2007, quando subi a serra pela primeira vez; e nove entre abril e julho de 2008. Foram três idas em abril; duas em maio; três em junho; e uma em julho. Ainda retornei ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2008 e janeiro de 2009, totalizando mais de cinquenta dias de pesquisa de campo. As estadas duravam cerca de quatro dias, geralmente viajava na quinta-feira e retornava na segunda. Realizamos ainda pesquisa documental, no IHGRN, através de cartas de doação sesmarial.

Foi a partir das indicações de Severino Domingos que pude chegar aos meus primeiros interlocutores. Decidi adotar o método etnográfico e aplicar a observação participante, na qual

⁸ Cf. capítulo I: “A CALIÇA”.

o olhar, o ouvir e o escrever proporcionam o encontro entre os saberes teóricos e práticos (OLIVEIRA, 1998). Dessa forma, consegui fazer contato com muitas pessoas diretamente, porém, para o presente momento, escolhi quinze interlocutores⁹ para serem entrevistados. Selecionei essas pessoas porque todas mantêm ou mantiveram alguma relação particular com os forrós da Gameleira.

Os selecionados para as entrevistas são pessoas residentes na serra, jovens, adultos e principalmente idosos que, de alguma forma, estão envolvidas com esse evento. A partir das informações iniciais, decidi buscar outras vozes na serra que envolvesse todos os grupos familiares. Os relatos orais tornaram-se um meio de aproximação. Pessoas preferencialmente com idade avançada que conservam em sua memória lembranças de histórias contadas por seus pais e avós e que transmitiram, via oralidade, a ocorrência de eventos considerados importantes para a vida em Gameleiras. Os relatos, versões da história, são entendidos como retratando uma realidade vivida socialmente. A investigação privilegia a via das narrativas e tenta realizar uma etnografia da memória (CAVIGNAC, 2007) devido à ausência de documentos e estudos realizados na área.

A principal dificuldade encontrada para a realização da pesquisa diz respeito à minha relação com o forró. Algo próximo do que apontou Chianca (2006, p. 26) no seu estudo sobre as Festas Juninas de Natal, evidenciando a relação ordinária na qual construímos cotidianamente com nossas tradições culturais. Foi o desafio de realizar “um estranhamento em casa”, pois além da relação estreita com o forró, conheço bem a região (PEIRANO, 2006).

Através dos três capítulos que compõe o presente estudo buscarei compreender como as festas informam sobre a organização social, a composição étnica das famílias em presença e o passado da Serra da Gameleira.

No capítulo primeiro, demonstraremos o processo de formação histórica da Serra da Gameleira e proximidades. A partir da presença de um personagem da história local, ex-escravo e tocador de rabeca, demonstraremos o quanto são antigas as festas da Gameleira, pois estão presente na memória dos mais velhos. Eram festas que aconteciam na Serra no tempo de seus pais e avós, revelando uma tradição festiva, vivida na Serra. Inicialmente a festa era um forró tocado em rabeca que reunia pessoas para dançar. Também utilizaremos como fonte, registros de doações de terras do século XVIII, realizando um cruzamento entre texto oral e escrito, com o objetivo de demonstrar uma linearidade nas histórias (CALAVIA

⁹ O uso do termo interlocutor remete a um tipo de pesquisa antropológica que busca pelo desenvolvimento de uma relação dialógica na relação pesquisador x pesquisado (SILVA, 2000). Ver listados em anexo.

SAEZ, 2006), personagens e lugares que aparecem na memória oral: Capitão Jô, Olho d'água, Caliça, festas, rabequeiros e sanfoneiros. Ao final revelaremos o passado a partir da genealogia dos grupos familiares que convivem na Gameleira.

No capítulo segundo, através de uma descrição sistemática demonstraremos onde os grupos estão localizados e como se organizam socialmente na serra. Realizaremos uma relação entre festa e atividades produtivas, mediada pela questão do tempo e ainda pelas relações sociais. Na verdade o tempo é organizado de modo cíclico (CALAVIA SAEZ, 2006), para se referir a uma passagem temporal que se repete durante os anos e que tem como centro de referência o processo agrícola, que culmina nas plantações com atividades produtivas realizadas nos roçados. As relações sociais vivenciadas tanto nos momentos das festas de forró, quanto nos trabalhos realizados nos roçados, aproximam-se através da contagem do tempo e das práticas de cooperação na Serra da Gameleira. Ao final demonstraremos os aspectos centrais presentes nos cinco centros festivos da serra através de importantes personagens para realização das festas, pois todos são fundamentais para pensarmos em um tipo de sociabilidade festiva que ocorre na Gameleira.

No capítulo terceiro, realizaremos uma descrição minuciosa de um dos centros festivos da Gameleira: o forró de Loza para compreendermos como ocorre uma festa na Gameleira. Buscaremos demonstrar os elementos que fazem parte da festa: os tocadores, os participantes, a organização interna, as comidas enfim todos os aspectos que envolvem esse evento local centrando na sociabilidade que ocorre entre os grupos durante a realização da festa.

CAPÍTULO I

“TEMPO DE CATIVEIRO, TEMPO DE FESTA”: A HISTÓRIA DA SERRA DA GAMELEIRA



Foto 1 – Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (1848-1928) – “Fabião das Queimadas”. Fonte: Ilustração retirada de Borges (2000, p. 11).

Sou filho de São Tomé, terra que já deu mocó, hoje não existe mais só tem lá no Seridó, vá desculpendo os erros do poeta seu do Ó¹⁰.

Neste capítulo iremos fazer uma reflexão será o passado da serra. Versa sobre a história das famílias que vivem e sempre viveram no local. Partiremos das versões contadas pelos moradores para entender a importância das festas para passado das famílias. Como se deu a formação sócio-histórica da região? Como foi o processo de ocupação e colonização da Serra? Essas questões iniciais apontaram para o caminho.

Enfatizaremos a versão dos nossos interlocutores dos diferentes grupos que habitam esse local, observando os detalhes sobre a ocupação primeira dessa terra. O repertório da etno-história inclui a presença de populações autóctones, a ocupação colonial da terra (leia-se posse sesmarial das terras) e a utilização de mão-de-obra escrava no local. Tentaremos entender o passado na serra, partindo dos relatos orais sobre o “tempo antigo” e ler os documentos a luz desses relatos. Esse passado é narrado através da narração das relações genealógicas. O tempo do “parentesco seria o tempo histórico, objetivado numa perspectiva linear” (CALAVIA SAEZ, 2006, p. 368). Outro ponto de referência para reconstruir essa história são as diferentes gerações de músicos que existiram e continuam existindo na memória local.

Esse “tempo antigo” que emerge através das narrativas é invocado pelos moradores da Serra para trazer à tona acontecimentos que marcaram profundamente o passado das pessoas que hoje vivem no local. Aqui, deter-se-á a análise em dois pontos centrais na reconstrução de uma história sobre a Serra da Gameleira. O primeiro deles é o “Tempo do Cativo”, período em que tudo era “difícil”, quando as pessoas moravam em taperas, em torno do olho d’água espaço que é visto como sendo fundador da história local e que hoje conserva sua importância, como lugar de sociabilidade. Esse período está associado à memória das relações interétnicas e onde a escravidão ocupa um lugar central. O “Tempo de Festas” marca uma outra temporalidade que emerge nos momentos de expressão daquilo que é fundamental para a história da Serra, um tempo bom de ser lembrado.

Para podermos entender a história da Serra da Gameleira é preciso entender a história do município de São Tomé, logo, não se pode tratá-las em separado. O presente estudo enfatiza momentos e fatos considerados relevantes para a reconstituição de uma história da serra. Um deles diz respeito à ocupação do território localizado às margens da ribeira do

¹⁰ Seu João do Ó, 78 anos, morador da Gameleira de Baixo, filho de “Zé do Ó, ‘preto’”;

Potengi, nas proximidades do atual município de São Tomé. Essa reconstituição é importante, pois demonstra as permanências dos lugares na toponímia local.

As fontes de natureza manuscrita compreendem requerimentos de datas de sesmarias¹¹ na ribeira do Potengi e as raras citações de trabalhos realizados sobre a história da região onde está situada a Serra da Gameleira. Cinco cartas de doação foram selecionadas durante um período que compreende 1719 a 1767 – exatos 48 anos. Todos esses registros aludem à toponímia dos lugares que integram o território municipal, tendo como ponto de referência a sede do município de São Tomé. São locais que continuam a emergir na lembrança das pessoas que moram na Serra da Gameleira. A partir disso, esta pesquisa explora esses registros escritos à luz da memória oral, realizando um cruzamento dos dados obtidos através das diferentes fontes históricas. Na análise exploratória desses documentos sobre as doações de terras, fica evidenciada nos textos escritos a ausência das populações indígenas e escravas no local. Porém sabemos que havia utilização de mão de obra escrava na região, através da presença do ex-escravo rabequeiro, conhecido por, Fabião das Queimadas.

Todavia, de acordo com pesquisas recentes¹², os grupos étnicos ressurgem como atores da sua história, pois tradicionalmente foram relegados a segundo plano nessa história. A diversidade étnica possibilitou uma convivência comum entre os diferentes grupos, em um espaço social relativamente pequeno como o da serra. Isso trouxe à tona os conflitos, as alianças, os ressentimentos que até hoje existem e se perpetuam, quando se questionam sobre as origens sociais de cada grupo. Eles se reconhecem, como sendo de origens diferentes e resolveram não se “misturar”, praticando uma endogamia. Sobre o “tempo antigo”, entre as formas de relações sociais presentes na memória, destacam-se as categorias utilizadas que separavam genericamente os pretos dos brancos. Como exemplo, pode-se citar dois importantes ancestrais evocados que estão entre fundadores de famílias: “Zé do Ó, preto” e “Zé do Ó, branco”; a mesma lógica perpassa o “forró dos pretos” e o “forró dos brancos”.

O elemento histórico que compõe essa realidade e que atualmente funciona como minimizador das tensões e conflitos entre os grupos na Serra são as mesmas festas de forró que nos “tempos antigos” também apareciam em meio às discordâncias. Esse fato remonta a certa tradição musical constituinte da história da Serra. São músicas e danças que originaram festas e remontam um tempo feliz onde os moradores da serra podiam celebrar sua liberdade e

¹¹ Utiliza-se de requerimentos de terras da capitania do Rio Grande durante o século XVIII.

¹² Pesquisas recentes revisam a história e demonstram o processo de ocultamento sofrido pelas populações autóctones que viviam nessas terras e que ficaram relegadas ao segundo plano pelos cânones da historiografia oficial norte-rio-grandense (CAVIGNAC, 2003; Muirakytan, 2007).

autonomia. Associa-se essa celebração a um personagem da história local, um ex-escravo que conseguiu comprar a sua liberdade tocando rabeça, instrumento que teria originado as festas de forró na Serra da Gameleira. O que existe hoje é o prosseguimento dessa história, pois emerge através da memória, tendo sido continuada por personagens atuais.

Para tratar o texto oral, utiliza-se a etnografia da memória (CAVIGNAC, 2007). Essa perspectiva é fundamental para coletar e analisar narrativas que se reportam aos eventos que ocasionalmente aparecem nos registros oficiais da época. Para avaliar as relações entre história e memória, recorre-se a seguinte afirmação, “a memória é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (LE GOFF, 1990, p. 22). Para o autor, “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história [...]” (LE GOFF, 1990, p. 368). Está a se explorar concomitantemente os documentos orais¹³ – as entrevistas – e os registros escritos – cartas de doação de terras.

O “ouvir falar” é o princípio reprodutivo da memória oral. As narrativas são atualizadas a cada vez que são contadas e recontadas, já que é na memória de um grupo estabelecido em um local há séculos que tais histórias se perpetuam. Nesse longo percurso histórico, as “heranças” permanecem. Em particular, uma característica marcante tem relação direta com a vida das pessoas e continua bastante presente: a noção das festas de forró como tradição. Essas festas compõem a história de quem vive na Serra. Antes de refletirmos sobre a história das famílias da Serra é preciso localizar bem sobre que local estamos falando.

1.1 LOCALIZANDO A SERRA

Serra da Gameleira¹⁴ é designação local que aparece em registros de terra já no século XVIII. Os moradores mais velhos dizem que somente ouviam falar, através dos antepassados, sobre essa árvore que existia no espaço do olho d’água, mas nunca chegaram a ver um pé de

¹³ A noção de documento utilizada é ampla e abrangente, cunhada pelos fundadores da chamada “Escola dos Annales” (1929), precursores de uma nova história, que alargou em muito a compreensão sobre o que vem a ser fontes históricas.

¹⁴ Segundo o dicionário das árvores brasileiras, Gameleira é uma planta da família das Bromeliáceas, encontrada nas regiões mais quentes e secas das caatingas brasileiras. Tem conotação sagrada na África e é muito cultuada no Candomblé. Dizem que nunca se retira um pé de gameleira, esteja onde estiver. Também se fala que a gameleira é a árvore primordial que foi dada aos homens, e existe desde sempre (Disponível em: <<http://www.arvores.brasil.com.br>>. Acesso em: 7 ago. 2008).

Gameleira.

A Serra é distrito da cidade de São Tomé/RN¹⁵ e se localiza a cerca de 15 km do lado sul do município, com um clima quente e um solo pedregoso. O único meio de transporte disponível para “subir” a Serra é de moto-táxi. Quem necessita “descer” a Serra tem que esperar o carro que leva os alunos para a escola todas as noites na sede do município ou esperar o sábado de manhã, dia em que ocorre a feira livre na cidade de São Tomé.

O mapa a seguir, do estado do Rio Grande do Norte, localiza o município de São Tomé e a Serra da Gameleira. Na divisão em regiões efetuada pelo estado, a cidade de São Tomé está localizada na Microrregião da Borborema Potiguar¹⁶. Porém, os municípios banhados pelas águas do rio Potengi compõem uma região que historicamente é mais conhecida pelo mesmo nome.



Em destaque: São Tomé e a Serra da Gameleira.

Ilustração 1 – Mapa do Rio Grande do Norte.

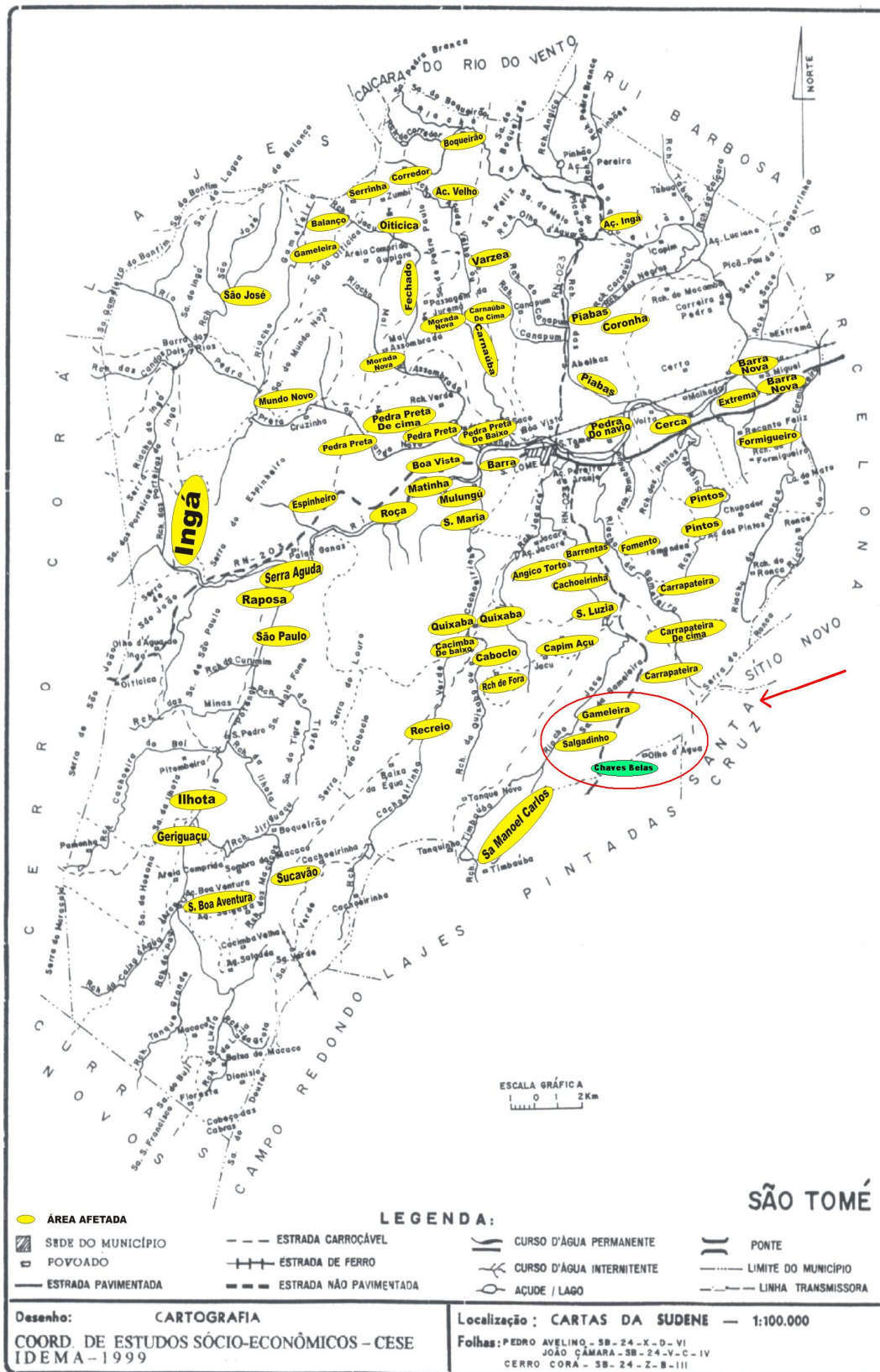
Fonte: Disponível em: <http://www.banstur.com.br/online/imagens/mapa_rn.gif>.

Acesso em: 10 fev. 2009. Imagem adaptada.

O mapa seguinte localiza distritalmente a Serra da Gameleira inserida no território municipal de São Tomé.

¹⁵ O município está localizado a 110 km de distância de Natal, capital do estado. O acesso é realizado pela rodovia RN 203.

¹⁶ É uma das microrregiões do Rio Grande do Norte pertencente à mesorregião Agreste Potiguar. (Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/ae03/meso_micro.htm>. Acesso em: 10 fev. 2009).



Em destaque: Serra da Gameleira.

Ilustração 2 – Mapa do território municipal de São Tomé/RN.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Tomé – PMST, 1999. Imagem adaptada.

1.2 FORRÓ E ESCRAVIDÃO NOS ARREDORES DA SERRA

O reconhecimento de uma tradição musical na ribeira do Potengi, proximidade da Serra da Gameleira, se inicia com um ex-escravo, poeta e rabequeiro: Fabião das Queimadas. Fabião teria nascido em uma fazenda de nome Queimadas, pertencente à Santa Cruz/RN, até então único município oficialmente reconhecido na região, e vivido entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Fabião dá conta de uma tradição artística e festiva que se constituiu na região e que continua sendo revivida na Serra de Gameleiras. Encontrei alusões a antigos rabequeiros e antigos sanfoneiros na formação histórica dos grupos que viveram e vivem na Gameleira¹⁷, porém, não localizei indícios concretos sobre a presença de Fabião na Serra. Suas apresentações ficaram registradas somente em festas realizadas pelos fazendeiros.

Esta evidência aponta para o reconhecimento da presença de escravos na região, uma vez que os proprietários na ribeira do Potengi também utilizaram como força produtiva a mão-de-obra escrava. Câmara Cascudo (1984), lembrando fatos da história do Rio Grande do Norte, faz menção aos “dons artísticos do escravo Fabião das Queimadas (Fabião Hermenegildo da Rocha, 1848-1928), poeta popular das vaquejadas no Agreste do RN”.

Outra citação encontrada no Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte, de Veríssimo de Melo (1976, p. 87), traz mais algumas informações sobre Fabião das Queimadas:

Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha era o nome completo de Fabião das Queimadas, o mais famoso cantador de rabeça norte-riograndense. Foi escravo do proprietário da fazenda Queimadas em Santa Cruz, RN, de onde tirou o apelido. Teria nascido na ribeira do Potengi, possivelmente no ano de 1845, pois “A República”, ao noticiar seu falecimento, em 1928, afirmava que ele desaparecia aos 83 anos de idade.

Como visto, as referências supracitadas não chegam a um consenso quanto à data de nascimento de Fabião. Ambas tentam aproximar-se de uma data para iniciar a história sobre esse escravo-liberto, que já teria nascido em terras brasileiras e adquirido certo grau de reconhecimento ao longo dos anos. Rabequeiro, escravo-forro, conseguiu sua liberdade e de familiares graças a um instrumento musical: a sua rabeça.

¹⁷ Existe uma fazenda de nome Queimadas, localizada vizinha a Gameleira.

A citação anterior também nos faz pensar que um importante jornal local dificilmente noticiaria a morte de uma figura anônima. Fabião das Queimadas ganhou notoriedade pela sua sensibilidade artística, que foi descoberta por Câmara Cascudo. Durante toda sua vida chamou atenção de todos, inclusive dos fazendeiros proprietários de terra, que o pagavam para animar os participantes das festas.

A imagem que segue é de uma estátua recentemente erigida em homenagem a Fabião das Queimadas, na rodovia (RN-203) que dá acesso a São Tomé, nas proximidades da Serra da Gameleira.



Foto 2 – Estátua de Fabião das Queimadas.
(Foto do autor, novembro de 2008)

Um dos grupos que compõe a variabilidade étnica dos povos da Serra são “os negros”, descendentes de um ancestral comum que teria fugido de uma fazenda de gado em Santa Cruz/ RN. O escravo fujão seria justamente Gidio Velho, ancestral mais antigo das pessoas que residem no local, atualmente conhecido como Serra da Gameleira de Baixo. Severino Domingos, Loza e seus parentes o reconhecem como fundador do grupo que acaba de ser certificado como remanescente de quilombo. Não se conhece exatamente como ou quando o escravo chegou à Serra, sabe-se apenas que ele, juntamente com outras pessoas de seu tempo, viveram em umas “taperas veias” às margens do Olho d’água da Gameleira, em cujo local, segundo conta Severino Domingos, ainda é possível encontrar vestígios das moradias. Alfredo Lopes complementa informando que “Gidio Velho não trabalhava, não. Vivía do

mato quase como índio, ele morava numas grotas”. Na Serra, ele também é lembrado como gente do “tempo do cativoiro”.

Uma parte do sobrenome de Fabião, o Ferreira da Rocha, foi herança de seu dono, porém, o Hermenegildo aparece sem uma referência precisa. Existe uma regra onomástica (LIMA, 1997) que está associada à atribuição dos nomes das pessoas que compõem a Gameleira de Baixo. Os sobrenomes dos mais antigos são Gidio, todavia, em um determinado momento, esse nome passa a ser Félix dos Santos. Isso porque muitos desses “povos antigos” nunca tiveram documentação (registros de nascimento ou batizados na Igreja Católica) e, por isso, em determinada época houve uma institucionalização dos sobrenomes na Serra.

Durante a realização de uma entrevista em sua casa, Loza descobriu uma carteira de identidade de um tio falecido, chamado José Hermenegildo dos Santos. Esse nome revela uma possível confusão homonímica no momento do registro oficial: se era Gidio, passou a ser Hermenegildo – outra aproximação com Fabião, que também tinha o sobrenome de Hermenegildo.

Outro caso onomástico é o exemplo de seu Severino Félix dos Santos, falecido mestre de boi de reis¹⁸, irmão de seu Manoel Mãozinha, que ficou conhecido como Severino Mãozinha devido a uma deficiência que seu pai tinha na mão.

O reconhecimento musical que tem início com Fabião é ampliado para uma tradição festiva, pois a animação é algo que faz parte da história da Serra, sendo amplamente conhecida pelos arredores, caracterizando a movimentação festiva realizada pelas pessoas que lá vivem através das músicas, danças e festas, e retratando parte da história dos grupos.

Na citação seguinte sobre a cidade de São Tomé, encontra-se a reprodução da visão corrente que se tem sobre os moradores da serra da Gameleira, no que diz respeito à sua “animação”: “O boi de reis que se apresentava todos os anos na festa da padroeira em São Tomé, era da Serra da Gameleira [...] Era um grupo muito simples, caracterizando a maior parte dos participantes de cor negra lá da serra¹⁹” (LIMA, 2001, p. 43).

A passagem reconhece uma tradição festiva oriunda da Gameleira, porém, como algo folclórico e até anedótico, demonstrando apenas mais um grupo, com a sua devida importância no cenário local, que se apresentava durante a realização da festa da padroeira da

¹⁸ O grupo de boi de reis da Serra da Gameleira encerrou suas atividades no ano de 2004, quando o mestre faleceu e não teve mais quem continuasse a organizar “a brincadeira do boi”. Ainda hoje, os objetos utilizados pelo grupo estão guardados na casa da viúva do falecido mestre – alguns consumidos pelo tempo, como a cabeça do boi. Cf. foto em anexo.

¹⁹ Essa é a visão comum que as pessoas de São Tomé têm a respeito das pessoas da Gameleira e, nesse caso, reproduzida em um trabalho monográfico.

cidade. Não se perguntava sobre suas origens étnicas ou sobre o algo mais que esses ritos “têm a nos dizer”, expressando hábitos e costumes próprios de uma coletividade. Antes da rabeça se calar, após a morte dos seus tocadores, os sons desse instrumento chegaram a acompanhar a brincadeira do boi, oferecendo um ritmo próprio à festa. Mais uma vez, torna-se presente a sensibilidade artística dos grupos que fazem a história local.

Assim, percebe-se que, etnicamente, Fabião das Queimadas se aproxima bastante de um dos grupos que integra a formação histórica da Serra da Gameleira, oferecendo possibilidades para se estabelecerem aproximações e relações concretas que, considerando as imediações locais dos fatos, não podem ser vistas como mera coincidência. Essa relação compreende uma tradição festiva e musical que coloca em cena índios e negros que tinham uma certa autonomia (sem “donos”). Com Fabião das Queimadas visualizamos as festas associadas a uma origem negra, a um passado escravo, e principalmente à conquista da liberdade através de música, na ribeira do Potengi.

1.2.1 Festa de negros

Um dos principais assuntos tratados diariamente pelas pessoas da Serra, sem dúvida é o forró. Por isso, precisa-se saber qual o significado e a devida importância que essas festas têm no contexto da Serra. Para responder a essa questão, é necessário reconstruir uma versão da história sobre as festas na Serra da Gameleira.

As festas de forró da Serra da Gameleira são antigas e sua história pode ser dividida em estágios complementares. Seria uma combinação perfeita: a música tocada na rabeça, acompanhada pelas danças (movimentos dos corpos), resultaria num momento festivo. Dessa forma, para que os momentos festivos fossem consolidados, seria necessário a presença de ritmos musicais e dançantes. Essa versão da história está ligada aos ancestrais já falecidos, mas que está muito presente na memória dos mais velhos, época em que os forrós eram chamados apenas de festas. Esses mais velhos, que informam sobre “as festas dos negros”, são descendentes dos antigos artistas tocadores. Um dos grupos da Serra da Gameleira confere uma ampla legitimidade a Loza do Acordeon para falar do passado e dos antepassados. O lugar de sua fala é o de enunciador oficial, por ser um continuador das festas e estar falando sobre a história daquilo que pratica.

Por meio de uma “etnografia da memória” (CAVIGNAC, 2007), encontram-se muito

marcantes, através da oralidade dos mais velhos, lembranças de acontecimentos que remetem à presença do forró em um tempo pretérito. Tais lembranças, mesmo sem uma linearidade histórica, evidenciam a presença das festas na história das pessoas que convivem na Serra. Se Zé Menino conta que na Gameleira as pessoas sempre tiveram uma euforia e um entusiasmo para com as festas, elas são uma “tradição da Serra”, amplamente reconhecidas na região. Para ele, as festas de forró são “Coisa da animação da gente mesmo. Antigamente tinha casa aqui que os negros se juntavam e era a noite toda comendo sodoro, macambira e dançando forró, batendo tambor (zabumba), tocando triângulo, rabeca e dançando forró” (sic) (Zé Menino, 84 anos – Gameleira de Baixo, março de 2007).

Nesse depoimento, fica clara a importância que os festejos têm para a história da Serra. Além de evidenciar as reuniões entre grupos específicos que aconteciam para festejar, de acordo com o modo e as regras da época, unindo-as em um mesmo local, conta sobre como era a vida dessas pessoas. Bater tambor, tocar triângulo e rabeca, demonstram a ancestralidade dos tocadores.

No entanto, ao mesmo tempo em que essa reunião para festejar unia pessoas, um outro momento de festa, também motivada por meio do forró, separava-as. Zé Menino conta:

O senhor já viu ter uma festa e não se poder entrar? Pois a gente já teve! Durante muito tempo teve aqui o forró dos pretos e o forró dos brancos. No forró dos brancos, o preto não entrava; já no forró dos negros, os brancos queriam entrar. E era assim! (Zé Menino, 84 anos – Gameleira de Baixo, 2007).

Esse depoimento emblemático amplia o campo de análise ao retirar-se de uma observação homogênea dos grupos que vivem no espaço da Serra e reforça a ideia de que historicamente na Serra não existe apenas um grupo étnico, mas sim uma convivência conflituosa entre grupos em tempos passados. Revela a existência de um conflito latente. Os resquícios dessa acentuada rivalidade étnica ainda persistem, porém, são minimizados com as festas de forró, que favorecem a união e integração mais do que a separação e exclusão. Atenta-se também para a centralidade que tais festas adquiriram para esses grupos rurais, envolvendo a convivência num mesmo espaço social. Grupos que se percebem como distintos, tanto em uma ocasião mais limitada, abrangendo uma coletividade reduzida, quanto num momento mais amplo, envolvendo pessoas de origens diversas, em que um meio para estabelecer essas relações sociais eram as festas de forró.

Esses são apenas alguns aspectos abordados para demonstrar o significado e a importância que as festas de forró têm no dia-a-dia das pessoas e na história da Serra da Gameleira. Adotar-se-á um caminho semelhante para alcançar o mesmo objetivo.

1.2.2 A memória dos forrós

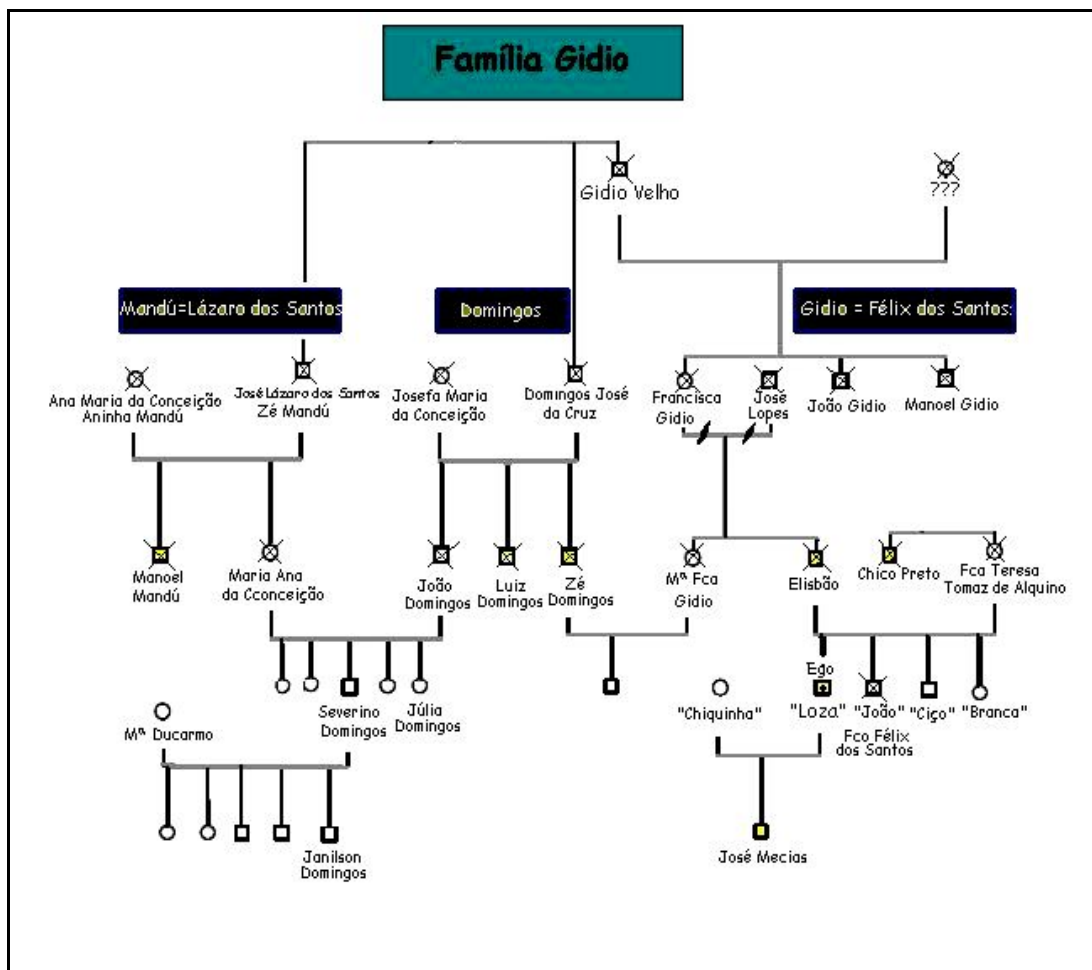
A história dos tocadores antigos é outro caminho da memória relatado pelos moradores da Serra para reconstrução da sua história. Os tocadores aparecem na memória dos mais velhos como personagens já falecidos que estão relacionados à origem das festas na Serra. Trata-se de outro fato que igualmente chama atenção para a ancestralidade das festas, em conjunto com um saber musical, que corresponde à existência do ofício de tocador, passado geracionalmente.

Essa tradição musical da Serra tem origem concomitante através de um rabequeiro – que produzia seu próprio instrumento –, quatro sanfoneiros e um violeiro. O rabequeiro se chamava Luiz Domingos, tio de Severino Domingos²⁰, nascido na Serra da Gameleira e descendente de Gidio Velho. Sabe-se que tinha grande desenvoltura na produção artesanal, utilizando objetos de madeira, atividade lhe que proporcionou fabricar suas próprias rabecas e aprender a tocá-las. Como morreu ainda jovem, são poucas as lembranças vividas e conhecidas dele.

O irmão de Luiz Domingos, e seu contemporâneo na música, chamava-se Zé Domingos. Tocador de rabeca e sanfoneiro, Zé Domingos foi uma pessoa aventureira e não se restringia a viver sempre na Serra. Como relata Francisco Félix dos Santos, o Loza: “Ele era um cara que andava muito, saiu daqui, não tocava, e quando voltou chegou tocando, adquiriu uma sanfoninha e a levou para animar a vida na Serra”. Zé Domingos era muito requisitado nas festas e compunha seus próprios forrós. Ele morava em uma casinha de taipa, onde faleceu, nas palavras de Loza, já com idade avançada.

Abaixo, a árvore genealógica de Gameleiras de Baixo, destacando os principais tocadores antigos.

²⁰ Presidente da Associação Comunitária Serra de Gameleira de Baixo.



LEGENDA:

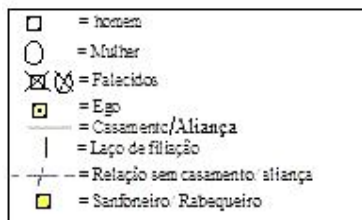


Ilustração 3 – Árvore Genealógica da Família Gidio com legendas.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo Loza, o primeiro sanfoneiro da Gameleira foi Chico Preto, seu tio. Loza lembra-se dele tocando, ainda quando era criança, mas conta que “Ele faleceu já com uns 70 anos, bebia demais, fumava muito, era muito estragado”.

Para Loza, a maior inspiração musical foi o seu pai – Elisbão Félix dos Santos, neto de Gidio Velho, um sanfoneiro que nasceu de uma relação estabelecida entre famílias de origens distintas: os Gidio, representantes da Gameleira de Baixo, e os Lopes, que representam a Gameleira de Cima. Seria o princípio de uma aliança que não chegou a se concretizar e

apenas gerou um filho (relação tracejada na árvore genealógica geral de Gameleiras), uma vez que era inconcebível a realização de união entre eles. Nessa relação, nasceu o Lopes bastardo, de nome Elisbão, antigo sanfoneiro da comunidade e pai de “Loza” – “ego” genealógico e atual sanfoneiro da comunidade. Até hoje, quando se fala sobre esse fato, algumas pessoas da Gameleira de Cima negam, já outras comparam Alfredo com Elisbão, reconhecendo a história como verdadeira: “a voz dele era igual a do meu tio, Zé Lopes. Tinha nem como negar”.

Elisbão aprendeu a tocar ainda criança, com um homem chamado “Chico Lúzia”, que morava nos arredores da Serra. Anos depois, repassou seu saber de sanfoneiro – e prática de forrozeiro – ao filho Loza. É ele quem narra, com um olhar especializado, sobre a época de seu pai: “Não era nem sanfona ainda. Era um folezinho velho de oito baixos”. Loza lembra que seu pai foi um dos melhores sanfoneiros que existia pelos arredores da Serra, pois sempre era convidado a tocar nas casas de forró:

Papai já era mais famoso, por isso tocava mais pra longe [...]. [Ele] conseguiu o forró a noite toda, começava cedo e depois dali... Tinha um Vicente que fazia forró também e papai era o tocador. Só que, na época, os dinheiros eram dez tões e dois mil réis era muito dinheiro, que dava pra tudo e ainda sobrava. E na época da Asa Branca²¹, os cabras aproveitavam pra carregar as negras [risos]. E assim amanhecia o dia. Eu acompanhei papai tocando forró não nessas casas, já em outras... Alcancei papai tocando forró, por aqui mesmo. Tocava na casa do pai de Severino e ali na casa, onde hoje tá só a tapera velha, de seu Oscar Vitorino. E tudo isso aqui quem fazia a festa era o povo dessa comunidade. Sim, tocava na casa de seu Arthur, ali em cima na estrada, que era uma casa de forró, num sabe? Tocava na casa do finado Antonio Grande, que tinha as oito filhas. Tudo isso era aqui na Serra! (sic) (Francisco Félix dos Santos, “Loza”, 57 anos – Gameleira de Baixo, abril de 2008).

O relato acima revela muito sobre a história de vida de um antigo tocador, que ensinou o seu dom ao filho²², fundando, assim, uma tradição de sanfoneiros para integrar a história das festas de forró na Gameleira. A narrativa exposta traz à tona lembranças de um contexto festivo que se estabeleceu na Serra de maneira muito bem sucedida e faz parte da realidade vivida nos dias atuais. Esse forró é considerado expressão cultural dos povos da Serra, uma festa que começa a ser realizada através de uma rabeca (instrumento de cordas que emite um som em várias tonalidades), tocada por Luis Domingos, concomitantemente com sanfonas (acordeons), que teria sido trazida para o local através das viagens realizadas por Zé Domingos para fora dos limites da Serra, permanecendo até hoje na prática das pessoas que

²¹ Essa música, classificada como toada, foi composta em 1947 por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (DREYFUS, 1997, p. 343).

²² Como veremos adiante, Elisbão Gidio vai passar o saber musical adquirido para seu filho Loza. Ver a seção “Os tocadores de hoje”.

ali vivem.

Na mesma época de Elisbão, encontra-se o violeiro Chico Feitosa, morador da Gameleira de Cima. É o único representante da família Lopes na história que tem envolvimento com as festas. A viola não é um instrumento muito apropriado para o forró, porém, Chico Feitosa sempre a tocava para animar as noites Serranas.

Ao destacar os tocadores antigos, compreende-se o potencial integrador que essa festa tem na vida das pessoas. O quadro abaixo nomeia os seis tocadores mais presentes na memória dos mais velhos, com os seus respectivos saberes musicais, os quais estão diretamente relacionados com os instrumentos tocados.

	Tocador	Ofício musical
1	Chico Preto	Sanfoneiro
2	Luis Domingos	Rabequeiro
3	Zé Domingos	Sanfoneiro/Rabequeiro
4	Elisbão Félix dos Santos	Sanfoneiro
5	Zé Antônio dos Santos	Sanfoneiro
6	Chico Feitosa	Violeiro

Quadro 1 – Os tocadores antigos.
Fonte: Elaborado pelo autor²³.

Chico Feitosa era casado com uma filha de Pedro Lopes, por isso está associado a uma tradição familiar oriunda de Salgadinho (ou Gameleira de Cima). O sanfoneiro Elisbão, apesar de ser filho de um Lopes, sempre foi visto como pertencente à Gameleira de Baixo, com vínculo maior ligando-o à sua mãe, Chica Gidio (filha de Gidio Velho). Já Chico Preto era irmão da mãe de Loza, logo, seu tio. Zé Antonio era sobrinho da mãe de Loza. Todos, com exceção de Chico Feitosa, tinham algum grau de parentesco entre si.

Esses tocadores antigos deixaram herdeiros na música, pessoas que assumiram o papel de continuadores do ofício de tocador com seus respectivos instrumentos e, por isso, têm uma grande responsabilidade em prosseguir fazendo as festas de forró acontecerem. Mas, quem são esses continuadores? Como eles fazem com que as festas aconteçam? Toda a história descrita até o presente momento integra a realidade atual que faz parte da Serra da Gameleira. Essa realidade é composta por ambiente festivo, no qual as pessoas mobilizam-se e participam ativamente com frequência das festas.

²³ O uso dos quadros demonstrativos tem inspiração no artigo The Kalela Dance de Clyde Mitchell, 1959.

1.2.3 A origem da família Tatu

A etnicidade emerge fortemente através das narrativas orais quando se faz referência à origem de pessoas associadas ao olho d'água. Trata-se de uma história recorrentemente contada sobre a domesticação de uma criança indígena no espaço da Serra. Cruzando os textos orais e escritos, compôs-se uma projeção que indica tal ocorrência já durante o século XIX. Utilizando a narrativas orais, movi-me até onde a memória genealógica permitia e, traçando possíveis datas, cheguei até a metade do século XIX.

Os integrantes da família Tatu são apontados por todos os moradores da Gameleira como sendo remanescentes diretos de povos indígenas, pois “tem sangue de índio” (Severino Bezerra, 66 anos). Essa referência é importante, pois está dentro do quadro de relações estabelecidas pelos grupos que vivem na Serra e mostra a presença de uma história de sujeição por parte de uma minoria, no caso a índia domesticada, mas que revela, no contexto do acontecido, a presença de povos de origem e identidade diferenciada nas proximidades do espaço do olho d'água. Vejamos como começa a história da família Tatu:

A Maria Tatu já era filha de Maria Xém-Xém [pausa]. Ela era uma menina que vinha andando no mato, aí um vaqueiro viu e botou o cavalo atrás. Quando ela pressentiu, correu. Era uma índia porque era de outra nação que se assombrava com gente. Aí pegou ela e trouxe pra casa. Agora ela veio pr'aí, ela era vizinha de meu avô, de Zé do Ó, branco. Morava com uma família, que acabou de criar ela, ou como filha ou como irmã... Isso eu num sei dizer... Sei que era uma mocinha, assim de uns doze ou treze anos. Era índia pura mesmo. Agora parece que ela não se casou, ficou assim, uma mulher solteira, teve um bocado de filho do mato, mas não casou. Eu não conheci marido dela, não. Sei que ela fez família, era tudo conhecido como Xém-Xém. Trabalharam para meu pai, a mais velha era Maria, mas a gente chamava Tatu, tinha Martinha, Estepânia, José, tinha um Felipe Xém-Xém, que esse eu não conheci. Sei que esses tudo tinha uma diferençazinha dos outros povos. Mas eles tudo sabiam que a mãe deles era índia. A Maria Xém-Xém criou esses filhos dela pedindo leite por aqui, muitas vez ela pediu a meu avô pra levar pra a Tatu nova que não tinha o que comer. (sic) (Alfredo Lopes – Gameleiras de Cima, julho de 2008).

Essa versão da origem da família Tatu evidencia ainda as condições difíceis e as diferenças sociais e étnicas. Foi narrada por Alfredo Lopes, que não é descendente da família, mas que conhece várias narrativas sobre a Serra da Gameleira. Essa história é amplamente conhecida em termos locais, dispondo de outras versões para contar o mesmo fato, o qual é marcante para todos os grupos originários da Serra, pois é comum fazer esse relato a fim de se referir ao “tempo do cativo”, no qual todos os grupos teriam juntamente vivido. A

referência à família Tatu surge do seguinte modo: “Tem uma família aqui que a avó deles foi pega à casco de cavalo aqui na mata desse olho d’água” (Severino Bezerra, 65 anos). Na verdade, seguindo-se a versão primeira sobre a origem dos Tatu, essa família deveria ser nomeada por Xém-Xém, visto que era o sobrenome da criança índia “pega na mata”, o que indica Tatu como sendo uma denominação posterior.

Como essa história é relativamente recente, as pessoas que não são da família Tatu contam-na de uma maneira que os distingue dos descendentes. Segundo as narrativas orais, não é apenas a história que os diferenciou das outras pessoas ao longo do tempo, seu modo de vida também os diferenciou: “Todo mundo por aqui sabe que os Tatu sempre foi um povo assombrado, que vivia numas taperas em forma de círculos, próximo ao olho d’água” (sic) (Severino Domingos, 60 anos). Dessa forma, a história é revelada através da etnicidade.

Quando perguntado quem teria criado a criança índia, Alfredo desconversa, de modo semelhante a quando se refere sobre quem seria o pai dos filhos de Maria Xém-Xém, incluindo a Maria Tatu. Todos seriam filhos “do mato”, defende, fazendo alusão a um estado selvagem.

Diante de tantas questões e curiosidades, fui até Chaves Belas conhecer pessoalmente a família Tatu: seu Zé Tatu (78 anos), seus filhos e sua irmã, Maria Tatu (que disse “estar dentro de 80”, ao seu referir à idade). Todos se reconhecem enquanto remanescentes indígenas, através da afirmação que teriam “sangue de índio”, se considerando descendentes de uma “índia pura”. Seu Zé tem muitas histórias para contar, que sua mãe já lhe contava. Ele tem um modo de vida camponês, voltado para a agricultura, de acordo com o que aprendeu ao longo de sua vida.

Chegando ao local, visitei primeiramente dona Maria Tatu em sua pequena casa de taipa. Ela é uma senhora que não tem filhos, vive sozinha, é bastante assustada e não autorizou que fosse fotografada. Dona Maria, tentando se esconder de uma presença diferente, disse: “É, a história eu tenho pra contar é da minha avó, que era índia e foi pega por carreira aqui nesse olho d’água. E os Tatus são daqui, filho daqui, ninguém nunca ouviu falar que fosse de outros cantos, não” (sic). No depoimento de Dona Maria, existe uma relação forte com a terra, expressa através da descendência direta, sugerida quando ela afirma que todos foram “nascidos e criados” no olho d’água.

No gráfico a seguir, elaborou-se uma árvore genealógica com base na memória oral. Observa-se que Zé Tatu é posto como ego. Ele tem 78 anos. Sua mãe, falecida nos anos 1970, era a mais nova entre os filhos da criança índia que foi pega no mato, Maria Xém-Xém. Portanto, essa ancestral deve ter vivido durante a segunda metade do século XIX, muito

depois das doações de terras.

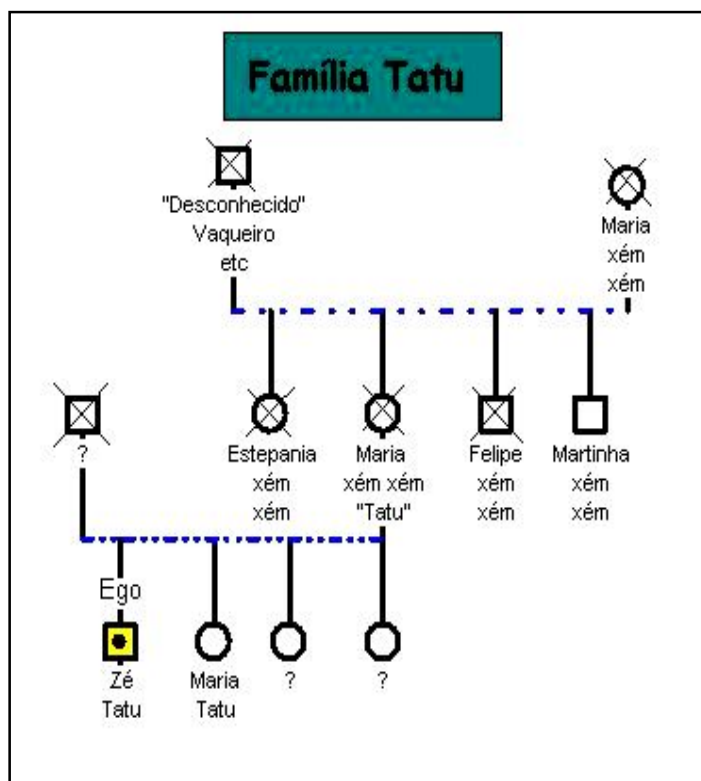


Ilustração 4 – Árvore Genealógica da Família Tatu.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Dona Maria conta que o nome Tatu veio de sua mãe, que nasceu com apenas sete meses e, por isso, muito pequena. Desse modo, Maria Xém-Xém associou o tamanho da recém-nascida ao Tatu, batizando-a com esse nome. Essa é uma representação animal transposta para a vida social. Ela disse ainda que “por aqui, toda vida ouviu falar nos tapuias”, mas que não sabia o que era.

Quando perguntei a Zé Tatu sobre seus ancestrais, especialmente sobre sua avó, ele imediatamente lembrou a sua infância. Para situar sua ascendência, fez referência a um marco natural presente ao longo de toda sua vida, relatado na seguinte passagem: “Esse serviço que foi feito ali no olho d’água só pode ter sido feito por esse povo, viu. Por que eu era menino, tinha que me abaixar como uma cacimba pra buscar água”. A ancestralidade de Zé Tatu é reconhecida através do marco “construído” – a calça do olho d’água.

1.2.4 A chegada dos Lopes

As histórias narradas anteriormente misturam-se com a odisséia sobre Pedro Lopes. Conta-se que Pedro Lopes e sua irmã, na metade do século XXI, saíram de uma pequena cidade do Ceará em busca de trabalho nas fazendas da região, se estabelecendo na Serra, mais especificamente no Salgadinho (hoje Gameleira de Cima). Quem narra esta história é Alfredo Lopes, 70 anos, que tem uma memória genealógica bastante aguçada, pois consegue lembrar com facilidade de todos os familiares que conheceu e ouviu falar. Ele conhece detalhes da origem de sua família, que está na Serra da Gameleira há mais de um século. Segundo ele, seu avô teria chegado a Gameleira em meados de 1850.

O pai de meu pai eu ainda alcancei sendo ele mais velho ainda. Ele vinha à procura de trabalho. Ele é filho natural do Ceará. Vieram um casal de irmãos vindo do Ceará, de uma cidade chamada Riacho do Sangue²⁴, pelas eras de 1850. Tinha umas terras aqui que ele comprou... Essas terras num tinha dono, não. Mas ele comprou a um morenã que tinha aqui, que ensinava o povo a ler e a contar, de nome Anselmo. Aí junto do olho d'água só vivia os Gídios numas taperas. Aí meu avô veio morar ali perto deles, nessas terras que ele comprou... Esse povo todo foi do tempo do cativoiro. (sic) (Alfredo Lopes, 70 anos, Gameleira de Cima, julho de 2008).

No depoimento exposto, percebe-se que o próprio Alfredo Lopes desconhece os motivos pelos quais teriam levado seu avô a chegar à Gameleira. O avô de Alfredo Lopes, Pedro Lopes é o fundador dessa família na serra, pois conseguiu terra e constituído família. Os membros de sua família casaram-se entre si, certamente para conservarem algum patrimônio. Atualmente, os Lopes são reconhecidos como diferentes, por não terem se “misturado”. Eles uniram-se apenas com uma família que já estava nas proximidades, os Fernandes. Os Lopes representam uma parcela das pessoas que vivem na Serra, mais especificamente em Gameleira de Cima. Alfredo Lopes também põe seu avô como sendo do tempo do cativoiro. Os Lopes, os Tatu e, como veremos adiante, os Gídios, teriam sido contemporâneos, todos viverem “juntos”, pois o lugar de origem é o mesma para ambos os

²⁴ Hoje Jaguaratama, antes Riacho do Sangue, também já foi chamado de Riacho das Pedras, pertencia a Jaguaribe, criado pela Resolução do Conselho Provincial, de 6 de maio de 1833. Depois transferido para o núcleo Cachoeira, hoje Solonópole, através da Lei nº. 518 de 1º de agosto de 1850. Finalmente, Riacho do Sangue foi transferido para o núcleo de Jaguaribe, sob a Lei nº. 1121, de 8 de novembro de 1864. Desmembrado de Jaguaribe pela Lei nº. 1567, de 9 de setembro de 1873, o Município Riacho do Sangue foi restaurado pela Lei nº. 1822, de 1º setembro de 1879. A palavra Jaguaratama tem origem indígena e significa terra das onças. Do tupi yaguar = onça; e retama = a terra natal, a pátria. Do combate entre os índios Tapuias e Bandeira de Matias Cardoso. Na época, correu sangue pelo rio afora. Por esse motivo, o município recebeu o nome Riacho do Sangue. (Disponível em: <<http://www.jaguaratama.ce.gov.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2008).

grupos, apontando para uma convivência entre as diferentes famílias às margens do olho d'água. Esses grupos tiveram algo comum durante a convivência nesse mesmo espaço – o caráter festivo, traduzido na música e na dança. Estão também associados às origens de um terceiro grupo e remonta a uma tradição musical que faz parte de todo o contexto local.

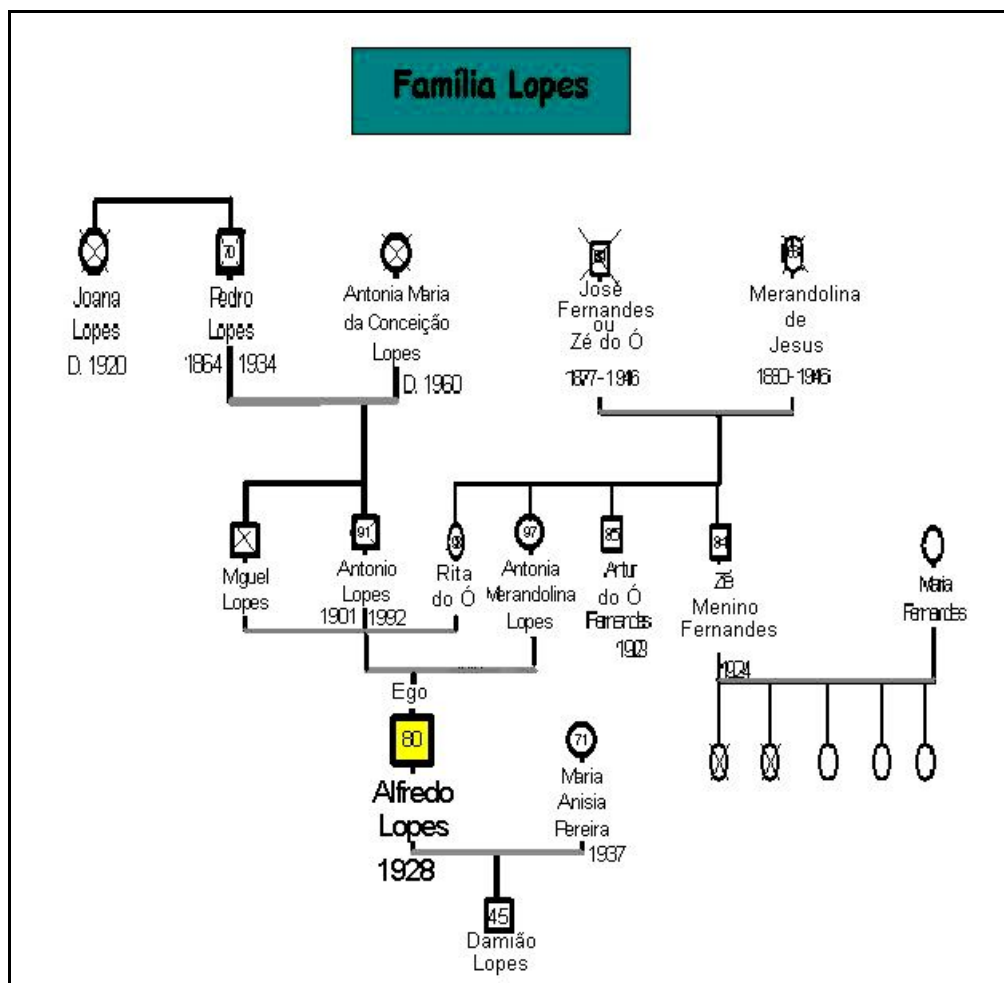


Ilustração 5 – Árvore Genealógica dos Lopes.
Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico anterior traça a origem da família Lopes e foi elaborado com auxílio de Dona Merandolina, mãe de Alfredo Lopes. Sua memória guarda fatos vividos por seu falecido esposo, Antonio Lopes, e até seu sogro, Pedro Lopes. A convivência entre essas famílias tem origem em um espaço natural que aparece na memória oral, mas também está presente nos registros escritos, documentos de terras como veremos a seguir.

1.3 O OLHO D'ÁGUA DA GAMELEIRA

Um espaço natural surge com bastante vigor nas narrativas orais. Um lugar com características semelhantes aparece em um documento histórico, mais especificamente em uma carta de doação de terra, fazendo referência a um “olho d’água” presente em uma serra chamada Gameleira. Nessa carta de doação sesmarial, uma palavra bastante incomum para os documentos da época aparece no texto – traduzida por mim como “encantada”. Estamos tratando de um marco para a memória local, pois nesse espaço natural existe uma construção desconhecida em que as pessoas oferecem uma determinada explicação.

A água era um recurso básico para a empresa colonial, fundamental para a sobrevivência humana e animal. Assim, a presença de rios e riachos assegurava água para o consumo humano. Na Serra da Gameleira, em determinadas épocas do ano, as chuvas são escassas, de forma a dificultar a vida cotidiana. As condições climáticas assemelham-se às do sertão. Por esse motivo, os suplicantes de terras buscavam as ribeiras e as fontes de água como os bens mais preciosos e bastante concorridos. Era certo o grau de importância atribuído aos rios perenes ou temporários. A possibilidade de ter água com frequência, mesmo no período em que o leito do rio estivesse seco, agradava os suplicantes. Seus servos deveriam estar atentos às estratégias nativas de sobrevivências, que inclui o conhecimento prévio das fontes de água. Era preciso aprender a sobreviver.

Muitas vezes era o caso de ter na terra um olho d’água, que em geral aparecem nas datas de sesmarias. Segundo Macêdo (2007, p. 68), esses olhos d’água “poderiam ser minadouros, mas me parecem ser, em muitos casos, tão e simplesmente poços naturais nos leitos dos rios e riachos”. Um olho d’água é uma nascente de água que rebenta do solo, fonte natural, perene. Uma definição mais precisa detalha que tipo de fonte é essa. O sertanejo chama “olho d’água” qualquer fonte, mais ou menos perene, que corre ou mesmo que apenas se mostra naturalmente brotando de pedras, de grutas, tabuleiros, etc. (GUERRA; GUERRA, 1980, p. 68). Quando não se mostra naturalmente, essa fonte pode ser extraída do subsolo, areia ou pedra mediante trabalho de escavações, sendo chamada de cacimba, de areia ou de pedra, conforme a natureza do solo.

Encontra-se uma referência escrita sobre esse importante espaço natural encravado na memória local como ponto de origem comum entre os diferentes grupos que vivem na Serra da Gameleira. Trata-se do registro nº. 249 (FVR, Sesmarias do Rio Grande). É como se, através das narrativas orais, os grupos associassem as suas origens àquele local. Todas as

leituras das cartas de data e sesmaria apresentadas, principalmente sobre a de nº. 249 estão articuladas à leitura prévia de um emblemático texto oral colhido em campo, obtido numa entrevista com Alfredo Lopes, de 80 anos, morador da Serra de Gameleira de Cima (ou Salgadinho). Observe-se o que diz Alfredo Lopes:

Meu pai contava que já o pai dele contava que houve uma demarcação das terras, que chamava demarcação judicial, coisa dos governos de antigamente... E entenderam de dividir as terras. Aí disse que tiravam uma linha, como quem chama, como uma légua, num sabe? Tiravam uma linha com distância de légua e meia e outra légua e meia fazendo três léguas num lado, por exemplo. Então aconteceu que veio essa demarcação medindo mesmo as terras, uns homens, que não sei mais quem eram. Aí disse que mediam do “olho d’água” até a Serra acolá, que chama da Quixâba por ali. Aí esses homens foi que foram dando os nomes, chegaram no “olho d’água” e olharam e disse que havia um pau chamado Gameleira... pé de pau frondoso! Pai contava essa história, que já ouvia meu avô contar. Aí esses homens deram o nome de “olho d’água da Gameleira”, porque tinha esse pé de árvore de Gameleira. Mas ninguém nunca viu essa árvore! (sic) (Alfredo Lopes, Gameleira de Cima, maio de 2008).

Entre as passagens da narrativa acima, frisa-se dois pontos: o primeiro em que possivelmente Alfredo Lopes narra para o momento da demarcação sesmarial das terras da Serra da Gameleira (memória da demarcação); e o outro diz respeito ao processo de nomeação do lugar. As distâncias a que Alfredo Lopes faz referência são bastante próximas das indicadas na doação sesmarial: “haver trez legoas de terra de comprido e hum de largo fazendo piam na dita alagoa em olho de agoa” (FVR, nº. 249). As coordenadas que o avô de Alfredo Lopes ouviu falar e contou ao seu filho e este ao seu neto, provavelmente são as mesmas contidas no documento sesmarial. A passagem considerada fundamental nessa doação de terra diz respeito ao centro da sesmaria: fazer pião é acompanhar circularmente o olho d’água, o principal ponto geográfico da sesmaria. De acordo com Macêdo (2007, p. 39), fazer peão “é uma expressão comum aos atos demarcatórios que se refere a um acidente geográfico central do qual distam os limites do território fundiário”.

Pelo que consta na narrativa oral de Alfredo Lopes e nos documentos escritos, nesse momento a Serra foi nomeada por colonizadores brancos. É fundamental perceber que esse processo de nomeação não foi aleatório e que houve motivos para a Serra ser “batizada” como Gameleira²⁵. Como visto na narrativa acima, a referência local sobre a árvore em si é

²⁵ Segundo o dicionário das árvores brasileiras, Gameleira é uma planta da família das Bromeliáceas, encontrada nas regiões mais quentes e secas das caatingas brasileiras. Tem conotação sagrada na África e é muito cultuada no Candomblé. Dizem que nunca se retira um pé de gameleira, esteja onde estiver. Também se fala que a gameleira é a árvore primordial que foi dada aos homens, e existe desde sempre (Disponível em: <<http://www.arvores.brasil.nom.br>>. Acesso em 7 ago. 2008).

para remetê-la a um tempo mítico, imemorial e desconhecido. Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, já aponta para os mistérios dessa planta: “Para o povo a Gameleira é árvore suspeita, e sua sombra noturna será dificilmente atravessada por gente do tempo antigo” (CASCUDO, 1962, p. 341). O interessante entre essas diferentes versões é que ninguém nunca viu um pé de árvore de Gameleira, mas é a árvore localizada no olho d’água que explica o no do local.

Pode ser que esse seja o mesmo olho d’água que aparece em um registro de 21 de janeiro de 1767 (FVR, sesmária n.º. 476). Trata-se das terras do rio Salgado, concedidas ao Tenente Francisco Tavares Guerreiro na Ribeira do Potigí. Nessa carta sesmária, para fins demarcatórios, está escrito que “As terras do riacho salgado deságuam num olho d’água e este no rio Potigí”. Atravessando a Serra da Gameleira, existe uma torrente de água conhecida como riacho salgado, que deságua justamente no olho d’água. Seria mera coincidência pensar que mais uma vez um recebedor de uma data de terra na Serra da Gameleira tivesse um título de destaque. O local é conhecido como Salgadinho e, para alguns, confunde-se com a Gameleira de Cima. Os mais antigos relatam que não havia diferença entre a Gameleira de Cima e a de Baixo. Na verdade, ou era Gameleiras ou era Salgadinho. Antonia Merandolina, centenária, lúcida e moradora de Gameleiras de Cima, deixa escapar numa entrevista que a divisão sempre foi outra: “Quando eu casei, aí vim morar aqui no Salgadinho”. Cruzando essa frase memorial com a história escrita, pensa-se que a divisão existente é explicada pela história: entre Gameleiras e Salgadinho.

Assim, observa-se que, na narrativa supracitada e até mesmo nos registros de terras, o nome da Serra está ligado a esse espaço natural chamado olho d’água e repleto de mistérios. Esses enigmas dizem respeito às pessoas que moraram às margens do olho d’água e fizeram construções que até hoje ninguém sabe ao certo do que se tratam. Mas que segredos são esses que a história nos reserva? Enfatiza-se no campo de investigação o sentido e a percepção de uma experiência histórica coletiva em um espaço determinado. São “recortes que resgatam um passado pensado como comum, elaborado e reelaborado a partir de uma situação presente” (OLIVEIRA, 2003, p. 24). É como se houvesse um reconhecimento de que todos na Serra advêm de um mesmo passado remoto.

Em seu estudo, Macêdo (2007) verificou que se localizavam as primeiras fazendas junto às ribeiras. Porém, no caso de Gameleiras, foi diferente. De acordo com a memória oral, a idéia sobre as “taperas velhas” é recorrente. José Fernandes, o “Zé Menino”, conta que, junto às margens do olho d’água, só existiam “taperas velhas”, um “povo do tempo do cativoiro”, os possíveis ancestrais, negros e índios, das pessoas que tradicionalmente vivem

no local, ainda que os grandes fazendeiros tivessem presença marcante na ribeira do Potengi²⁶.

A memória oral complementa as informações contida nos registros de terras. O olho d'água é um local a que todos na Gameleira se referem para ressaltar a sua importância no abastecimento de água, pois até o ano de 2003 não havia cisternas: “aqui o que a gente cozinhava, bebia, tomava banho, era tudo com essa água dali, do olho d'água” (Zé Menino, 84 anos). A importância histórica aumenta com a representação que é feita sobre o espaço: é uma fonte de água que nunca teria secado, com diminuição do fluxo, mas sempre com água. Outra representação sobre o espaço alude a várias histórias pertencentes ao mundo do sobrenatural, insistindo nas estranhas aparições que surgem no olho d'água²⁷.

Conforme um registro de terra concedido em 4 de outubro de 1736 — carta de data e sesmaria sob o nº. 249 — pelo Capitão-mor da Capitania do Rio Grande, mais uma vez na ribeira do Potigí, os senhores que foram indultados chamavam-se Capitão-mor Gonçallo de Castro Rocha e Sargento-mor Manoel Theixeira Cazado. Ambos conservavam em comum as honrarias de serem portadores de títulos militares: capitão e sargento, respectivamente. Não seria mera coincidência que duas pessoas, ambas moradoras dessa capitania e ostentadoras de títulos militares, recebessem uma determinada terra. Não se tratava de uma terra qualquer, muito menos de qualquer carta, pois, como veremos, essa doação tem um conteúdo diferente dos demais. Eram as terras do “olho d'água da Gameleira, entre os campos do Jacaré e a serra do Potigí” (FVR, nº. 249). No texto original, as ordens para os donatários eram claras e determinantes: “desobrirá hum olho d'água chamado Gameleira o qual corre por suas algas chamada encantada”. Era necessário descobrir algo que estava encoberto? Talvez fosse esse o sentido atribuído a tal palavra²⁸ nesse local.

²⁶ De acordo com Oswaldo Lamartine de Faria, “São Tomé usa como ferro para marcar o gado o ‘P’ – ribeira do Potengi. Uns poucos entendem que a letra é alusiva ao rio Pedra Preta da geografia local. ‘Na zona do rio Quixâba, afluente do Potengi, é usada a letra C’ – Prefeito Aribaldo de Carvalho” (FARIA, 1984, p. 50).

²⁷ No local são recorrentes as histórias sobre a aparição de cabeças de índios nas grutas e de um boi preto que assombrava as pessoas. Atualmente existe certo tabu para ir até o olho d'água à noite, pois você poderá ser vítima de um mau assombro.

²⁸ Em seu estudo, Macêdo (2007, p. 65) aponta para o termo “descobrimento” no sentido de uma exploração sistemática, diferente do termo “achar”, que tem sentido de primeiro encontro.

1.3.1 Uma serra “encantada”: a caliça

Existe uma espécie de construção com a aparente função de cobrir o olho d’água, à qual todos na Serra se reportam para fazerem referência ao passado. A construção existente no olho d’água da Gameleira é conhecida nativamente como uma caliça²⁹. É uma edificação antiga existente na serra e está muito presente na memória das pessoas que sempre viveram no local. A convivência nas margens do olho d’água, junto a essa caliça, foi compartilhada pelas pessoas que viveram no “tempo do cativoiro”. Referência central quando os moradores mais velhos se reportam ao passado.

Uma questão que se coloca nessa passagem é sobre a última palavra do texto: “encantada”. O que essa palavra contida em um documento oficial do período colonial quer expressar?

A doação de terra é marcada por passagens no mínimo emblemáticas, às quais podem ser atribuídos diversos significados. Por exemplo: nas cartas, o escrivão faz referência a plantas de modo tão enfático que nos deixa em dúvida se ele se referia apenas aos vegetais – “Tem dois pés de genipapeiros³⁰ junto de sy e hum pé de feijão brabo”. Essas passagens proporcionam uma atenção especial a esse registro de terra. Considera-se o lugar de destaque que tal espaço ocupa nos discursos nativos e não apenas os vestígios físicos que fazem parte de uma paisagem natural. Esse lugar informa-nos sobre o passado e a formação histórica dos grupos, o que, aliás, está indicado por uma palavra que dá título a esta seção – caliça. Esse termo é utilizado nativamente para referir-se a uma antiga construção que é imbuída de significados, tendo presença marcante na memória oral.

Em pesquisa de campo na Serra da Gameleira, desde a primeira vez quando lá estive, tomei conhecimento sobre algo de grande importância para as pessoas que ali vivem. Trata-se de uma construção bastante atípica cobrindo o local conhecido como “olho d’água”, o mesmo que aparece nas doações sesmariasais. Interessante é notar que no registro de doação da terra aparece uma palavra incomum nos requerimentos e curiosamente a palavra está junto a “olho

²⁹ Pó ou fragmentos de argamassa ressequida que sobram de uma construção ou resultam da demolição de obra de alvenaria (Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005).

³⁰ Árvore da família das rubiáceas (Genipa americana), de folhas oblongas e agudas, flores longas, tubulosas e alvas, e cujo fruto, o jenipapo, é uma baga fortemente aromática e muito apreciada para licores, sendo a madeira, clara, utilizada no fabrico de coronhas e raquetes. Ocorre em todo o Brasil (Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005.)

d'água”: “Desobrirá hum olho d'água chamado da Gameleira o qual como p^a hua algas chamada encantada” (FVR, Sesmaria n°. 249). Qual significado pode ser atribuído à palavra “encantada”, no ano de 1736? É possível que essa construção seja mais antiga que esse documento de doação de terra. A noção de “encantada” aparece como forma de referir-se a algo desconhecido, estranho ao colonizador. De acordo com os moradores, a construção que cobre a fonte d'água está no mesmo local desde tempos imemoriais, o que faz relacionar com a palavra incomum que aparece no registro de doação de terra.

A Serra é “encantada” porque tem uma construção enorme que serve para lacrar o curso do rio, justamente nas proximidades da nascente do olho d'água. Vejamos a imagem seguinte.



Foto 3 – Restos da cobertura de uma suposta tampa: a calça
(Imagem do autor, julho de 2008)

Localmente, considera-se essa uma construção, conhecida como calça, e os moradores têm necessidade de saber quem a erigiu às margens do olho d'água. A calça é um modelo de construção baseado em uma mistura parecida com argamassa e diferente de uma tampa comum. É notória a diferença que a calça apresenta em relação às outras formações rochosas do local. Muito semelhante a um cimento, porém, mais resistente. Segundo a memória oral, está lá desde que se tem notícia sobre vida humana no local. Muitos dizem que é uma construção indígena, outros preferem apenas dizer qual a função: “Isso aqui é uma tampa pra quem entende”. Uma tampa tem a função de cobrir para que não seja visto, para

que alguma coisa seja encoberta; nesse caso, o olho d'água. Observemos a versão narrada por Antônia Merandolina:

Diz o povo antigo que tinha um povo que eram índios brabo. O povo diz que pegaram uns a casco de cavalo. E o olho d'água era todo “calabriado” de um cimento, pra o povo morrer de sede. Severino alcançou aquela barreira bem alta. Dizem que foram os índios que fizeram a caliça e a barreira bem alta... Eu alcancei o olho d'água, a gente carregava água de lá pra beber. Eu mesmo carreguei muita água de lá pra beber, a gente ia buscar: era eu e minha irmã, todas duas (sic) (Antonia Merandolina – Gameleiras de Cima, julho de 2008).

Trata-se de uma versão da história dessa construção imemorial, onde são apontados os índios como os primeiros moradores do local. O que se tem certo na versão anterior é que as pessoas se abasteciam da água desse olho d'água e que a “tampa” atrapalhava. Nessa última versão, surge uma referência sobre quem teria feito tal empreendimento. Em sua interpretação, dona Antonia cita os índios brabos, que teriam sido os responsáveis pela construção, com o objetivo de matar as pessoas de sede: “os índios construíram a caliça!”. Evidencia-se o lugar que o gentio brabo ocupa nas representações sobre a história local. Em seus estudos, Cavignac (2006) encontra uma referência sobre índios que, na tentativa de proteger as suas terras, teriam tapado as fontes de água, antes da fuga. “Ao fugirem ante a chegada dos colonos, os índios teriam fechado as fontes com cera de abelha e troncos de árvores” (FIGUEIREDO FILHO, 1960, p. 24 *apud* CAVIGNAC, 2006, p. 139).

Os mais jovens tendem a desconfiar sobre quem teria de fato construído aquela “barreira no olho d'água”. Para eles, a construção é um verdadeiro mistério. Não obstante, os mais velhos, com toda certeza, afirmam sobre quem teriam sido os construtores. Unânicos, todos dizem que foi “serviço dos índios”, como conta seu Valdeci Galdino:

Foram os índios que construíram, taparam a fonte d'água, pra o povo não descobrir que eles moravam ali, né. Depois, Nosso Senhor mandou uma chuva forte e rasgou tudo [...]. Tem uma história velha que diz que os índios andavam por ali. De primeiro que surgiu aqui a Gameleira, diz que moravam aqui no olho d'água. Depois que começaram a descobrir o Brasil. Aí, os índios foram embora daí, né... pra o Mato Grosso, pra São Paulo do sul, pro estrangeiro e pra esse meio de mundo. Vejo passar isso na televisão! (sic) (Valdeci Galdino Domingos, 68 anos – Gameleira de Baixo, junho de 2008).

O espaço do olho d'água, junto com o da caliça, é cercado por representações nativas sobre a história local e é o ponto de origem comum a todos os grupos que vivem na Serra da Gameleira. A narrativa acima reforça que era lá onde os povos indígenas moravam, inclusive responsabilizando-os pela construção e tentativa em esconder a água, e ainda explica para

onde foram, afirmando que eles teriam fugido, por causa da presença do colonizador, depois que o Brasil foi descoberto.

Nas idas ao campo, uma liderança local — interessada em descobrir as suas origens familiares que estão encravadas na Serra — trouxe um fragmento da calíça para ser analisada por um especialista na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Conforme solicitou: “Flávio, você vai levar um pedaço desse material para analisar quais foram as mãos que fizeram esse... isso aqui, se foram índios ou quilombolas!” (Severino Domingos, 66 anos). Severino queria que víssemos “com os próprios olhos” algo tão importante para as pessoas da Serra, pois há a preocupação em conhecer as origens locais e sabe-se que a história “está ali” (OLIVEIRA, 2003), presente naquele local.

Todas as pessoas da Serra sabem de histórias sobre o olho d’água e têm versões sobre a calíça. A versão seguinte é de Severino Domingos e foi narrada no local, em cima da suposta tampa, e apresenta um pouco mais sobre a representação de um passado:

Aqui a gente julga o seguinte: antigamente chegou alguém aqui, ou índio ou quilombola fugitivo que veio lá de fora e ficaram aqui, morando tudo aqui. Aí eles não queriam que alguém se aproximasse aqui dessas terras, dessa vertente d’água. Queriam que ficassem aqui só eles, tudo só pra eles. Aí eles tentaram cobrir isso aqui. Isso aqui é uma tampa pra quem entende, com esse material pra ninguém se aproximar, pra só eles ficarem com isso aqui. Aqui tá coberto, aqui ninguém vinha dar água a animal, ninguém vinha tomar banho... Aí, pronto, um riacho muito forte, isso aqui é conhecido como riacho grande, riacho da Gameleira, começou a arrebentar e hoje tá assim. Isso aqui vai muito longe: começa lá de cima e desce até lá em baixo. (sic) (Severino Domingos — riacho da Gameleira, abril de 2008).

O relato levanta alguns aspectos interessantes a considerar, como a presença nativa vinda de fora. A dúvida persiste: em todas as versões sobre a calíça não se sabe bem do que se trata, para que fora construída e quem de fato a construiu. Mesmo assim, as pessoas ensaiam explicar algo sobre a construção, porque convivem com ela desde sempre. Todavia, para conhecer mais sobre suas origens, elas sentem a necessidade de conhecer realmente os responsáveis pela criação da calíça.

Diante de tantas indagações, levou-se o fragmento para análise no Departamento de Geologia da UFRN. Nele, constatou-se que não se tratava de um material geológico, logo, deveria ser analisado pelos especialistas da área de Engenharia de Materiais. Um professor do Departamento de Engenharia de Materiais disse que, à primeira vista, se tratava de um

argilomineral³¹, quer dizer, algo construído pelo homem. Desse modo, uma construção como essa pode ter sido erguida durante as guerras contra o “gentio brabo” no interior da capitania, em meados do século XVII, com o objetivo de fazer com que as pessoas que residiam e resistiam nesse local e se abasteciam daquela água viessem a morrer de sede. Poderia ser uma estratégia militar para acabar com uma aldeia indígena. Outra possibilidade, considerada menos provável, é a de que, com a ameaça do homem branco chegando cada vez mais próximo às terras em questão, as populações autóctones tenham lacrado o olho d’água para o colonizador não ter como abastecer-se, obrigando-o, em consequência, a debandar para outro lugar. Essas hipóteses levantadas se apóiam nas diferentes versões colhidas em campo, porque todas variam, mas objetivam contar uma versão, ou melhor, uma interpretação sobre a história local, a de colocar os índios na origem local (apenas uma versão apresenta os quilombos como possíveis construtores).

1.4 NA RIBEIRA DO POTENGI

O olho d’água e a caliça estão localizados na Serra da Gameleira, situada na região popularmente conhecida como Potengi. Neste estudo, debruça-se, sistematicamente, sobre as cinco cartas de data e sesmaria³² (FVR, Sesmarias do Rio Grande), com o objetivo de entender o processo de ocupação de grande parte do território étnico no qual está situada a Serra da Gameleira. Esse processo histórico ocorreu nas proximidades da nascente do rio Potengi e ao longo do seu fluxo, onde atualmente se localiza o município de São Tomé. Nesse local, se estendiam terras que foram concedidas a vários donatários durante as investidas ocupacionais. A intenção é demonstrar que todas essas doações de terras em conjunto originaram o amplo espaço que compreende o atual município de São Tomé.

Do início do século XVIII, ano 1702, há um registro no Livro 3º de cartas e provisões do Senado da Câmara de Natal (1691 – 1702, fls. 127-133), fazendo referência a um

³¹ Composto basicamente de silicato de alumínio hidratado, podendo conter outros elementos, como: magnésio, ferro, cálcio, sódio, potássio, lítio (Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI**. 2005). Ver, em Anexo D, uma cópia da análise do fragmento. Infelizmente, as interpretações dessa análise não foram realizadas devido a problemas técnicos laboratoriais.

³² As cartas de datas e sesmarias foram concessões de terras para “aqueles que participaram das guerras de restauração” (MACÊDO, 2007, p. 44 e 56). As ordens sesmarias foram adotadas e utilizadas em Portugal bem antes da colonização nas terras brasileiras. Esse mesmo sistema foi tomado como protótipo, legitimado pela majestade para distribuição de terras no Brasil colônia.

aldeamento indígena, segundo Medeiros Filho (1997, p.155), da “Aldeia de São Paulo da Ribeira do Potengi”, também conhecida como “Pirituba”. Esboçando um panorama da época e mostrando formas de resistência, tal registro informa sobre a ocorrência de rebeliões contra os colonos e de fugas indígenas e indica nas proximidades dessa ribeira a tentativa de subjugar as populações nativas que habitavam a terra que mais tarde ficaria conhecida apenas como Região do Potengi.



Em destaque: a Serra da Gameleira e a Ribeira do Potengi

Ilustração 6 – Mapa hidrográfico do Rio Grande do Norte.
Fonte: Ilustração retirada de Borges (2000, p. 17). Imagem adaptada.

Ao longo desta seção, dialoga-se com o trabalho de Macêdo (2007) sobre o patrimônio das famílias seridoenses no período colonial, em particular com a parte onde aborda a ocupação da terra durante o período colonial na ribeira do Seridó. O objetivo é estabelecer conexões entre os objetos de estudo, tendo em vista a proximidade socioespacial entre as respectivas regiões onde as pesquisas foram realizadas: ribeira do Seridó e ribeira do Potengi. Além disso, Macêdo (2007) afirma que é útil como suporte metodológico, contribuindo para pensarmos como tratar e realizar a leitura dos textos coloniais.

Ao se analisar a instituição sesmarial (MACÊDO, 2007), entende-se os movimentos de ocupação do solo na ribeira do Potengi, em especial na Serra da Gameleira, compreendendo como essas terras foram repartidas e distribuídas com os sujeitos sociais que, juntos, formaram a matriz da sociedade colonial nesse local. Os registros coloniais recolhidos em campo afirmam os limites e o donatário oficial da terra, os lugares onde os peticionários

moravam (ou que deveriam morar) e um pouco do modo como viviam na época, juntamente com as populações autóctones. A memória oral permite cruzar e complementar informações contidas nos registros escritos, além de poder dar voz a atores que ficaram de fora da historiografia oficial, fazendo surgir outra versão dos fatos.

Para obter êxito na ocupação das terras do interior, era necessário levar a cabo uma atividade produtiva que servisse de base para a empresa colonial. Ao longo do século XVIII, as investidas foram intensificando-se, visto que nesse momento as terras eram doadas como prêmios aos que lutaram nas guerras contra o “gentio brabo” do interior. Essa prática compensatória permaneceu após essas guerras. Os investimentos em criação de gado foram suficientes para legitimar a posse das terras do interior da capitania nas mãos de pessoas “merecedoras de recompensas”. Antes de tudo, foi a chegada do homem branco que se instalou na ribeira do Potengi e requereu terras para criação de seus rebanhos.

A principal justificativa contida nos documentos permitia a posse legal da terra aos donatários, já que “as terras estavam devolutas” e, por esse motivo, disponíveis para serem exploradas: “Que o donatário possa criar gados seus e cavalares que tem” (FVR, Sesmaria n.º. 192). Contudo, existia uma prerrogativa a ser preenchida: que o requisitante comprovasse uma finalidade econômica e social para o usufruto da terra. Para isso ser provado, era necessário perceber se os antecedentes da pessoa estavam em consonância com o projeto colonizador (MACÊDO, 2007, p. 56). Porém, como aponta Macêdo (2007), em muitos casos o requisitante não assumia o papel de cuidar da terra. Ele entregava-a para um escravo, figura obediente, que se tornava uma espécie de cuidador, tomando conta dessa terra. Com o abandono por parte do senhor, recebedor oficial da concessão, o cuidador da terra, o qual já estava no local, era quem assumia o papel de dono.

A ribeira do Potengi foi alvo de várias investidas ocupacionais pelos colonizadores³³. Isso se afirma pelo fato de várias terras terem sido doadas num período próximo de tempo. Em quarenta e oito anos, ou seja, de 1719 a 1767³⁴ (FVR, Sesmarias do Rio Grande do Norte), foram realizadas cinco doações de terras nessa ribeira, com concessões adjacentes. Se comparado com outros locais da capitania, esse processo colonizador deve ser considerado tardio. Possivelmente, a partir desse momento, houve a ocupação efetiva dessas terras, visto que isso era necessário e fundamental dentro de uma política adotada pela metrópole. Aqui,

³³ Um dos primeiros efeitos sobre a territorialização desse espaço foi o encontro cultural entre povos que dispunham de visões de mundo, comportamentos e lógica sociais completamente diferentes.

³⁴ “Nessa época já se apagavam os conflitos indígenas no sertão e estruturava-se uma sociedade colonial, com fazendas, famílias extensas, tímidos povoados, escravaria, vilas, etc.” (MACÊDO, 2007, p. 61).

dá-se ênfase e atenção especial à “variabilidade étnica dos grupos” (MACÊDO, 2007) envolvidos nesse longo processo.

O quadro abaixo sintetiza informações pontuais — trabalhadas ao longo desta seção — sobre os conteúdos de cada carta de data e sesmaria analisada.

Nº.Sesmarial	Ano da doação	Qualificação do solicitante	Número de solicitantes	Localização Geográfica	Finalidade
192	1719	Desembargador	01	Serra do Pica-Pau	Criar gados e povoar
249	1736	Capitão-mor e Sargento-mor	02	Olho d’água	Criar gados
443	1758	Qualificação indeterminada	01	Riachos do Pica-Pau e do Jacaré	Povoar e plantar lavouras
450	1762	Qualificações indeterminadas	03	Riachos Pedra Preta e samba Quixâba	Povoar e plantar lavouras
476	1767	Tenente	01	Riacho Salgado	Criar gados e plantar lavouras

Quadro 2 – Sesmarias na ribeira do Potengi.

Fonte: FVR, Sesmarias do Rio Grande do Norte – CGR em IHGRN (Dados trabalhados pelo autor).

Este quadro apresenta algumas informações importantes a respeito dos oito sesmeiros do Potengi e dos grupos que lá estavam. Em algumas cartas, não se informa se os sesmeiros residiam no local de aquisição da terra. Um aspecto considerado central é a ocupação prévia das terras pelas populações autóctones, que em nenhum momento é mencionada. A única alusão presente nos registros é quanto à preocupação em proteger a vida do solicitante das ameaças nativas. O povoamento, como indica Macêdo (2007, p. 61), considerava apenas o homem branco, como uma via de mão única.

Com relação à qualificação dos titulares, tem-se apenas duas solicitações de terras em nome de pessoas comuns. Esses suplicantes não declararam nenhum título honorífico, provavelmente não o tinham, mas conseguiam atender ao requisito da concessão de terra devido à ausência de outros interessados. Os demais conservavam alguma honraria, principalmente militar. Diante disso, pode-se pensar num recrutamento de homens residentes nos povoados, um tipo de militarização da população, visto que não existia exército profissional suficientemente mobilizado (MACÊDO, 2007, p. 57). Observa-se ainda a prática de solicitações conjuntas, como no caso em que, na mesma solicitação, dois militares e três pessoas, sem qualificação determinada, requisitaram dois lotes de terras.

Com relação a terras, é possível considerar, segundo Macêdo (2007, p. 74), termos uma anarquia fundiária, existente durante as primeiras décadas das doações, fruto de uma inoperância fiscalizadora por parte da metrópole. Os processos eram lentos, demorando mais de um ano, desde a tramitação do requerimento até a posse legal da terra. A última doação já entra na segunda metade do século XVIII, momento em que houve uma maior organização nas transferências. Por isso, os registros tinham a função de servirem de arquivo para novas concessões (p. 75) e não somarem-se às terras já prescritas ou já ocupadas sem a titulação.

Nas cinco solicitações, estão presentes os nomes de oito titulares que auferiram terras nessa ribeira. Certamente alguns se fixaram, trazendo suas famílias, como ficava estabelecido na doação da terra. O princípio era o de “povoar” a todo custo, mesmo que fosse preciso utilizar a força armada contra os que ensaiassem alguma resistência.

As terras doadas a esses oito senhores eram descontínuas: uma terminava num acidente geográfico, onde a outra começava. Nessa ribeira se estiraram várias sesmarias, mas o recorte espacial analisado está baseado nas localidades adjacentes que aparecem no registro de um texto oficial de um órgão do governo do Rio Grande do Norte sobre a história do município de São Tomé³⁵, no qual está localizada a Serra da Gameleira. As doações de terras consultadas para esse estudo estão referenciadas nesse texto, através da toponímia local que atualmente constitui o território de São Tomé.

Após exame dos registros de doação de sesmarias, percebe-se que o referido texto oficial, e ainda um outro sobre a história dos municípios do RN (MORAIS, 1998, p. 255), indica Francisco Diniz da Penha como receptor de terras em 1736. No entanto, esse documento contém um equívoco histórico, pois esse donatário recebeu terras apenas em 15 de novembro de 1719 sob o registro de número 192 do livro 2 de cartas de datas e sesmarias (FVR, Sesmaria nº. 192). Esse é o único registro de recebimento de terra em seu nome. Talvez devido à ausência de estudos na região, o autor desse texto tenha feito uma combinação confusa com todas as fontes que citam a ribeira do Potengi, construindo, assim, uma versão da história a partir do conjunto de todos os registros de terras estendidas ao longo dela e que hoje integram o município de São Tomé. Frisa-se que várias terras foram doadas nessa ribeira, o que comprova que nas proximidades houve um acúmulo de terras em torno de uma mesma localidade, que mais tarde se tornaria o município de São Tomé³⁶.

³⁵ Disponível em: <<http://www.idema.rn.gov.br/perfil/São%20Tomé/São%20Tome.doc>>. Acesso em 10 nov. 2008.

³⁶ O território que atualmente constitui o município de São Tomé é bastante amplo, ficando entre os sete maiores do RN, com área de 862,58 km², equivalente a 1,65% da superfície estadual (IBGE, 2006).

No mesmo registro, nº. 192, mais antiga doação de terras da região, a principal referência é uma “Data Pica-Pau³⁷” doada ao Desembargador Francisco Diniz da Penha. O titular deveria demonstrar ser uma pessoa de posses ou possuir gados e revelar não ter terra para criá-los. Nele, ficam evidenciados os marcos naturais como cachoeiras e serras. O comprimento dessa terra é estabelecido partindo de “dentro de um olho d’água na parte Sul”, ou seja, na parte oposta que poderia ser a Serra da Gameleira.

Outra referência, agora ao “riacho do Pica-Pau”, aparece mais tarde no registro nº. 443 de 7 de abril de 1758, concedida a Joseph da Costa Vilarinho. Provavelmente o riacho do Pica-Pau era o marco geográfico divisor de duas terras: entre as terras de Francisco Diniz da Penha e as de Joseph da Costa Vilarinho. O leito do riacho poderia repartir a sesmaria ao meio, já que a referência às ribeiras denotava não só acidentes geográficos, mas também demarcações de territórios. No presente caso, não houve declaração de patrimônio extenso, mas sim das suas intenções: ele desejava criar, plantar e principalmente, segundo interesse da metrópole, povoar. Esse titular recebeu terra por duas vezes. A primeira vez exclusivamente no ano de 1758 e a segunda em conjunto com mais duas outras pessoas: Manoel do Santos e Luiz da Rocha Freire, em 25 de Janeiro de 1762, sob o registro de nº 450. Outra marca contígua para estabelecer os limites territoriais nessa segunda concessão é o riacho Pedra Preta. Interessante notar que nesse último registro o nome do recebedor aparece com uma grafia diferente – Joseph é substituído por José. Segundo esse registro, as terras de José da Costa Vilarinho se localizavam “próximas do riacho samba Quixâba, que deságua no rio Potigí”. O que todas essas terras têm em comum é o fato de se localizarem nas margens do rio Potigí.

Em termos de dimensão territorial, todas as referidas doações estão de acordo com o padrão clássico da doação sesmarial do século XVIII: três léguas de comprimento por uma de largura. No registro de 1719, tem-se “trez legoas de terra de cumprido e hua de largo na forma da ley” (CGR - nº. 192). Esses limites eram confrontados através de marcos geográficos, pois, a partir do ano de 1753, por Ordem Régia de Sua Majestade, era obrigatório que existissem limites fundiários precisos. Na mesma ordem vê-se: “Gados seus e cavalares fazendo pião na barra de ambos donde se encontram com hua legoa de largo” (CGR - nº. 192). Os limites também apontam com frequência para a determinação em não prejudicar terras que estivessem fora da demarcação. Não era permitido, portanto, causar prejuízo a terceiros,

³⁷ Atualmente, no extremo oposto da Serra da Gameleira, no município de São Tomé, existe um povoado chamado “Ingá do Pica-Pau”.

ultrapassando os limites das terras que constassem nas doações.

A última informação do quadro em destaque está relacionada com os limites geográficos e a toponímia local. A atenção oferecida à toponímia local indica uma continuidade histórica, pois atualmente reencontram-se vários nomes de lugares que constam nas cartas de doação de terras. Todos esses locais integram o território do município de São Tomé³⁸, como a Serra do Pica-Pau, Olho d'água da Gameleira, os Riachos do Pica-Pau e do Jacaré, o Riachos Pedra Preta e Samba Quixâba e o Riacho Salgado. A ilustração seguinte, baseada na localização territorial que consta no mapa municipal e no nome dos lugares que aparecem nas cartas sesmarias, evidencia a localização aproximativa das cinco terras doadas.

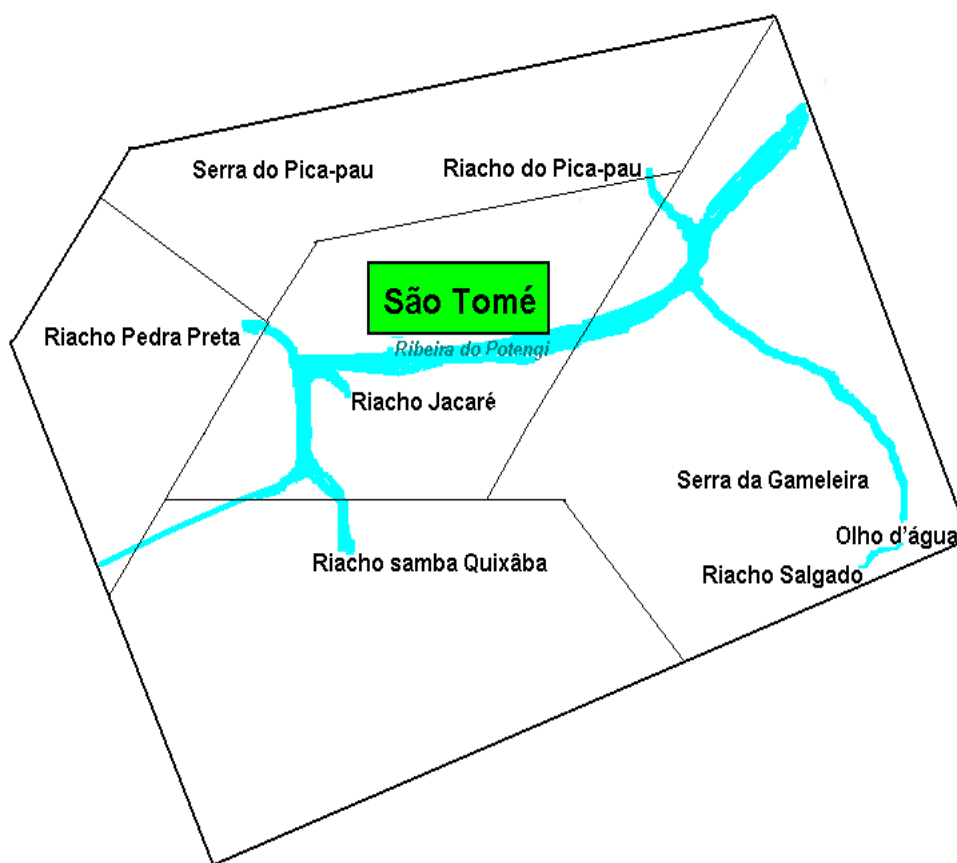


Ilustração 7 – Localização aproximada das terras e toponímia dos lugares.
Fonte: Elaborado pelo autor.

A figura acima enfoca os nomes dos lugares para tornar compreensível sua provável

³⁸ Cf. mapa do território municipal de São Tomé.

localização em relação à Serra da Gameleira. Observando essa imagem e comparando-a com o mapa do território municipal, percebe-se a existência de uma continuidade histórica quando se trata dos nomes dos locais. Juntas, essas terras deram origem à cidade de São Tomé. Segundo Macêdo (2007), a toponímia do sertão é tanto inspirada em criatórios quanto em rios e riachos, porém, para o município de São Tomé, a narrativa que nomeia o lugar começa através de uma história de sofrimento, causada pela fome. Como se apresenta na seguinte versão, amplamente conhecida na sede do município, a qual foi narrada por um médico e ex-político local:

Diz-se que há muito tempo, um viajante passava pelas margens do rio Potengi e andava há dias sem comer nada, quando avistou uma casinha de taipa no meio do nada e próximo uma grande fazenda. Foi até a humilde casa e perguntou ao dono se ele teria algo para comer que pudesse saciar sua fome, pois estava há dias sem se alimentar. O dono da casa foi buscar a única coisa que tinha disponível: uma garrafa de mel que deu ao pobre retirante. Ele bebeu um copo e de pronto exclamou: –“Santo mé!”. Porém, para oficializar o nome da cidade, batizaram-na com nome do apóstolo que só acreditava no que via: São Tomé (José Eriberto da Rocha, 69 anos – Natal, 3 novembro de 2008).

A narrativa anterior imprime a presença marcante do sofrimento na vida das pessoas, expressada através da história de um retirante que, de passagem entre uma fazenda e uma humilde casa, decidiu pedir alimento. Evidencia, também, as condições de vida enfrentadas pelas populações locais, relacionadas à dicotomia fazendeiro x morador comum. Com isso, pode-se pensar numa representação local para revelar a existência de pessoas que ficaram silenciadas nos registros territoriais escritos.

1.4.1 O Capitão brabo

Durante a investigação sobre os nomes dos lugares constantes nos registros das terras, encontra-se a referência a um personagem mítico, que aparece nas narrativas locais: o “Capitão Jô” – grande proprietário de terra, talvez o primeiro que a memória oral consiga alcançar. Ao mesmo tempo, nos deparamos, em dois registros de doação de terra, com um personagem que teria morado na ribeira do Potengi, recebedor de terras por duas vezes. Em meio às investigações a respeito desses dois personagens, far-se-á aproximações entre as diferentes versões orais sobre o Capitão Jô e os registros escritos, assim como sobre o personagem que teria fixado moradia no local: José da Costa Vilarinho.

Através dos registros de nº. 443 e 450 (FVR, Sesmarias do Rio Grande), que datam respectivamente de 1758 e 1762, é possível concluir que José da Costa Vilarinho usou uma estratégia para estender seu patrimônio familiar. A referência à continuidade de seu patrimônio aos “seus herdeiros” é clara nas doações do titular referido. Macêdo (2007) chama atenção para o processo de concentração fundiária por aquisição de sobras de terras desaproveitadas, através de compras ou simplesmente por meio de ocupação pelas populações marginalizadas. No Seridó, existiu um intenso comércio de terras, por meio da aquisição de outras porções. Supõe-se que no Potengi não foi diferente, principalmente em se tratando de terras em uma ribeira. No entanto, também é importante ressaltar a ocorrência de um processo de ocupação com o intuito de tomada de posse dos territórios pertencentes aos índios.

Os registros analisados indicam que esse personagem, receptor de terras por duas vezes, em abril de 1758 e janeiro de 1762, foi uma figura de evidência durante a segunda metade do século XVIII. Pelo que consta, José da Costa Vilarinho não tinha título de destaque, como capitão ou sargento mor. Seu nome sempre aparece com qualificação indeterminada, ou seja, sem complemento algum, e as únicas informações sobre ele foram encontradas nos registros sesmarias. Sabe-se que ele era “morador da Ribeira do Potigy” e prezava-se muito pela sua existência, com afirmações contundentes sobre “o risco de sua vida”. As resistências e ataques dos nativos contra colonos deviam ser ações constantes no local, pois, como se vê, tal afirmação está imbuída de significado.

Sobre uma mesma época de acontecimentos dos fatos, cita-se o exaustivo estudo de Lopes (2005) sobre as vilas de índios do Rio Grande do Norte, sob o diretório Pombalino. A autora coloca que a interiorização das instituições governamentais se deu com o intuito de proporcionar o estabelecimento de situações formais de segurança pública. Por isso, era dever da colônia “Controlar ainda outros ‘inimigos internos’, considerados ainda mais difíceis: os índios bravos, o negro quilombola e o vadio itinerante e biscateiro, principalmente pela ameaça constante que eram aos poderes instituídos” (LOPES, 2005, p. 38-39). Nesse quadro, José da Costa Vilarinho era ao mesmo tempo um protetor e um protegido: um protetor porque exercia controle sobre as terras, recebendo doação por duas vezes, com a função de protegê-las, já que residia no local; e um protegido porque se estabeleceu na ribeira do Potengi e deixava outras pessoas atentas quanto à sua segurança no combate contra os “inimigos internos” (CGR, nº. 450), pois, como consta nas cartas, “temia-se pela sua vida” (CGR, nº. 450 e 443). Vários pontos indicam que José da Costa Vilarinho foi o mesmo que ficou imortalizado na memória oral do local.

Em entrevista com seu Severino Bezerra, 66 anos, morador de Gameleiras de Baixo,

que diz ser “filho natural da Quixâba”, encontrei uma referência mítica de um personagem que vivera ali e se apropriava de terras, chamado "Capitão Jô! Cabra brabo, dono de tudo" (Severino Bezerra, Gameleira de Baixo). Era morador de uma casa de pedra ainda existente, justamente no povoado Quixâba. Por estar localizada fora da Serra da Gameleira, não consegui encontrar a casa, mas Severino Bezerra descreveu-me como sendo diferente das construções “normais”, pois tem paredes grossas, toda construída em pedra, além de ser bastante ampla. Severino ainda complementou que muitas pessoas fizeram buracos nas paredes em busca de uma “botija”, que seria o tesouro escondido do Capitão Jô.

O donatário, José da Costa Vilarinho, auferiu em conjunto com mais dois recebedores de terras, justamente num local chamado Samba Quixâba, que integra riacho e Serra. É uma evidência muito forte que aproxima esses personagens, presente em “documentos” diferentes, nos faz pensar na possibilidade de ser a mesma pessoa.

Severino Bezerra sempre enfatizava o cargo de Capitão. Pode-se imaginá-lo como uma espécie de “capitão do mato”? Um perseguidor das populações nativas ou um nativo batizado que exercia uma função de liderança? Essas questões permanecem sem resposta. Seu sobrenome, Costa Vilarinho, não é encontrado com facilidade em nomes de moradores locais. Ele teria vivido há muito tempo, em um pretérito imemorial, porém, mais de uma pessoa, entre as mais velhas da Serra, ouviram falar nesse capitão, que mandava e desmandava em tudo, que usava da força para se apropriar de terras. A representação é sobre uma pessoa má, que se apoderava através da força de tudo que podia e ninguém poderia questionar a sua autoridade, pois ele mandava matar. Apossava-se da terra ordenando colocar um marcador de um local a outro, fazendo esse território inquestionavelmente seu. Interroguei outras pessoas a respeito desse personagem e todas confirmaram ter ouvido falar sobre ele e completaram dizendo que “Era gente do tempo do cativo... dos escravos” (Loza, 58 anos, Gameleira de Baixo). Sem justificar o grau de parentesco, Severino Bezerra diz que se considera descendente do Capitão Jô.

Cruzando texto escrito com memória oral, poderíamos pensar que são muitas as indicações que vêm a aproximar o conhecido personagem imemorial, “Capitão Jô”, do recebedor de terras por duas vezes, José da Costa Vilarinho, que consta nos registros escritos escondidos nas prateleiras da história. A denominação Jô, do capitão, pode ser compreendida como uma contração do nome José. As indicações analisadas não permitem confirmar que tenham sido a mesma pessoa, porém, é evidente que existem aproximações históricas que devem ser consideradas.

Dessa forma, pode-se afirmar que o Capitão Jô, bastante lembrado pelo memorial oral, foi um personagem responsável pelo processo de colonização da Gameleira. Ver-se-á adiante a viabilidade étnica dos grupos que ficaram ausentes nos registros escritos, mas bastante presente nos textos orais. É preciso ressaltar que, de acordo com as aproximações realizadas sobre as origens desses grupos, todos se situam em um período posterior às doações de terras, realizadas ao longo do século XVIII. Como será mostrado posteriormente, os descendentes desses grupos continuam ali vivendo, conservando em sua memória as lembranças de tempos remotos, através das histórias que lhes foram contadas e recontadas.

Apresentamos a história da serra, no apoiando em dois elementos bastante presente na memória dos moradores da Gameleira: “o tempo do cativo e o tempo das festas”. Nosso objetivo foi o de ao longo da discussão articular, as festas de forró e a etnicidade dos grupos, demonstrada através da genealogia das famílias que a serra é formada por três grupos sociais que conviveram ao longo do tempo. Essa convivência é evidenciada a partir de um lugar de origem comum, para os ancestrais das famílias: o olho d’água. Nesse marco memorial existe ainda uma construção que está lá desde sempre: a calça. Esse percurso é parte integrante de uma história local e regional e deve ser ressaltada para entender o processo de ocupação desse território, bem como para perceber as permanências existentes entre o que se encontra nos documentos escritos e o que é lembrado através da memória oral. Assim é contada a complexa história das famílias que compõe a serra da Gameleira.

CAPÍTULO II

“SAIR DO ROÇADO, NÓS VAMOS PRO FORRÓ!”



Foto 4 – Preparo da terra.

Essa minha rabequinha é meus pés e minhas mãos, minha foice e meu machado, é meu mio e meu feijão, é minha planta de fumo, minha safra de algodão³⁹.

Como foi demonstrado no capítulo anterior a formação histórica de Gameleiras aponta para um tipo de convivência comum entre grupos familiares que tem origens étnicas diferentes. Por se tratar de acontecimentos festivos realizados em um contexto rural, não podemos perder de vista, em nosso estudo, a importância que tem a realidade local. Pensando nisso, qual relação podemos estabelecer entre os diferentes fatos da vida cotidiana? A intenção é perceber a relevância que os moradores dão às festas e ao trabalho.

Na articulação realizada entre eventos festivos e atividades produtivas, evidencia-se que as festas têm um papel fundamental na vida social dos moradores da Serra, além disso, possui linguagem própria que permite o estabelecimento das relações sociais (LEACH, 1996) entre os grupos, uma vez que integram a grande maioria dos moradores em um mesmo ambiente. Essa é vivenciada na prática através de uma ordem pré-estabelecida baseada numa seqüência de acontecimentos que tem como ponto principal o conjunto de lugares festivos para que o forró aconteça.

Por meio de uma descrição sistemática, demonstra-se a equivalência, em termos de importância existente na Serra, na relação habitual que as pessoas mantêm com as festas e com as atividades produtivas diárias – o trabalho. A partir disso, as festas estão bastante próximas e articuladas com essas atividades, isto é, que os eventos festivos selecionam elementos da vida diária: “Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana” (AMARAL, 1998, p. 39). Nesse contexto, “extra-cotidiano” significa dispor de momentos em que o cotidiano possa ser desenrolado junto aos seus próprios elementos, ou seja, o “extra” não quer dizer fora do cotidiano nem nega o ritmo diário. Como diria Roberto DaMatta, “O rito dá asas ao plano social e inventa, talvez, sua mais profunda realidade” (DAMATTA, 1981, p. 31). Portanto, o momento das festas é uma ocorrência que, certamente, faz parte da vida diária.

O mais significativo desses elementos ocorre entre os grupos de parentes e contribui para abrandar os conflitos étnicos. É através da cooperação que todos se reúnem nos roçados e em seguida nas festas de forró, vivenciando e construindo suas relações diárias (GUARINELLO, 2001).

³⁹ Poesia de Cego Sinfrônio Pedro Martins, no livro *Cantadores* de Leonardo Mota. (CASCUDO, **Dicionário do Folclore Brasileiro**, 1962).

Mostrou-se, mediante a elaboração de um calendário que relaciona trabalho e festa, que, em diferentes momentos do ano, a festa alcança seu ápice, com número maior de ocorrências, ou diminui sensivelmente de quantidade. Isso revela que as épocas de maior frequência de eventos festivos são ocasiões de fertilidade. O contrário também é verdadeiro, quando as chuvas cessam, as festas diminuem e inicia-se um tempo de privação.

Diante do cenário festivo que se apresenta na Serra, descreve-se o conjunto das festas de forró que acontecem, destacando características importantes como: a existência das “casas” de forró; a organização – quantos e quem são os “donos” das festas –; as etapas sucessivas e o seu funcionamento interno, sem perder de vista todo o complexo de relações sociais que acontece entre os moradores, sob o qual se apóia esse importante evento local.

José Guilherme Magnani (1998, p. 116) admite a existência de uma sociabilidade intrínseca à vida social nos locais tidos como rurais quando conclui que “nas pequenas comunidades todos se conhecem”. Esta assertiva provoca a possibilidade de transpor a utilização dos conceitos e de pensar que é preciso observar o modo como as pessoas se conhecem e convivem diariamente. As regras da vida social em um ambiente rural são importantes para a compreensão da dinâmica social própria daquele local. Estudos relativamente recentes tratam a sociabilidade como prática propícia para afirmação de valores, reforço de certos tipos de relação e afirmação de identidades coletivas vivenciadas no seio de determinados grupos sociais (REZENDE, 2001, p. 1).

A seguir, através de uma descrição sistemática, demonstraremos que a Serra da Gameleira caracteriza-se por ser um espaço social dividido entre grupos de famílias separados pelas residências.

2.1 UMA SERRA DIVIDIDA

A Serra da Gameleira é um espaço social circunscrito que integra grupos sociais de origens étnicas diferentes, através de certo modo de convivência e interação. Os lugares de sociabilidade na Gameleira são: o orelhão, as igrejas católica e evangélica, as escolas, as associações comunitárias, os bares, os açudes, os roçados, o olho d’água e, por último e não menos importante, as festas de forrós. Quando se fala em formas de diversão, momentos de encontros entre as pessoas ou de lazer na Serra, todos, independentemente do sexo ou idade, fazem referência às festas de forró. Os mais velhos logo associam as festas à “tradição” local,

devido ao tempo memorial que elas ocorrem.

A Serra, assim, não é um espaço vazio ou inóspito, mas um local repleto de históricas relações sociais que possuem regras interna de convivências. As pessoas freqüentam esses locais, principalmente as festas de forró, não de forma aleatória, mas porque a convivência é interessante. São espaços de lazer e diversão nos quais encontros entre os moradores acontecem. Os lugares festivos, portanto, propiciam momentos de sociabilidade.

Quem é da Gameleira, é da Serra e, por isso, conhece as regras do local. As festas formam uma “rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência etc.” (MAGNANI, 1998, p. 115), vividas intensamente pelos moradores da Serra. Os trajetos ligam são traçados entre os lugares festivos, ligando pontos que aqui são denominados de casas de forró. Como todas as festas que acontecem na Serra estão “articuladas”, pensa-se também em trajetos festivos retomando uma metodologia descritiva de Magnani (1998), uma vez que as festas ocorrem, nos diferentes locais alternadamente.

A Serra é formada por moradores de três grupos de residência: Chaves Belas, Salgadinho (ou Gameleiras de Cima) e Gameleiras de Baixo. Realizo essa leitura, pois é a afirmação feita pelos próprios moradores da serra. A referência é precisa quando alguém aponta de onde uma pessoa é: “Ah, é aqui da Serra mesmo! Ali de Chaves Belas” ou “D’ali de Salgadinho”. As pessoas freqüentemente se deslocam e circulam entre essas três pequenas localidades, todos se conhecem e se relacionam, sempre reconhecendo de onde cada um é (se Chaves Belas, Gameleira de Cima ou de Baixo), uma vez que cada uma dessas áreas tem origens familiares distintas. Apesar dessa divisão interna, todos se reconhecem como sendo da serra. As diferenças funcionam como marcadores de um conhecimento sobre as redes de parentesco que dão vigor às práticas de sociabilidade e que formam um tipo de identidade local (MAGNANI, 1998), no qual as pessoas estão agrupadas num todo maior, que é a Serra da Gameleira.

Observando os espaços habitados e frequentados entre os três grupos de residência e os percursos realizados durante as idas ao campo, elaborei um croqui da Serra de Gameleira, enfocando pontos importantes de cada localidade. São locais de sociabilidade onde as relações sociais se realizam. Os pontos preenchidos em verde são as três localidades. Observem que a Gameleira de Baixo tem um número superior de pessoas⁴⁰, visto a amplitude espacial, em relação às demais. O riacho, traçado em azul, aponta os limites que separam as residências. Os quadrados verdes são os roçados (plantações), locais de trabalho diário. E, por último, as cinco casas de forrós, destacadas em amarelo, são os lugares festivos.

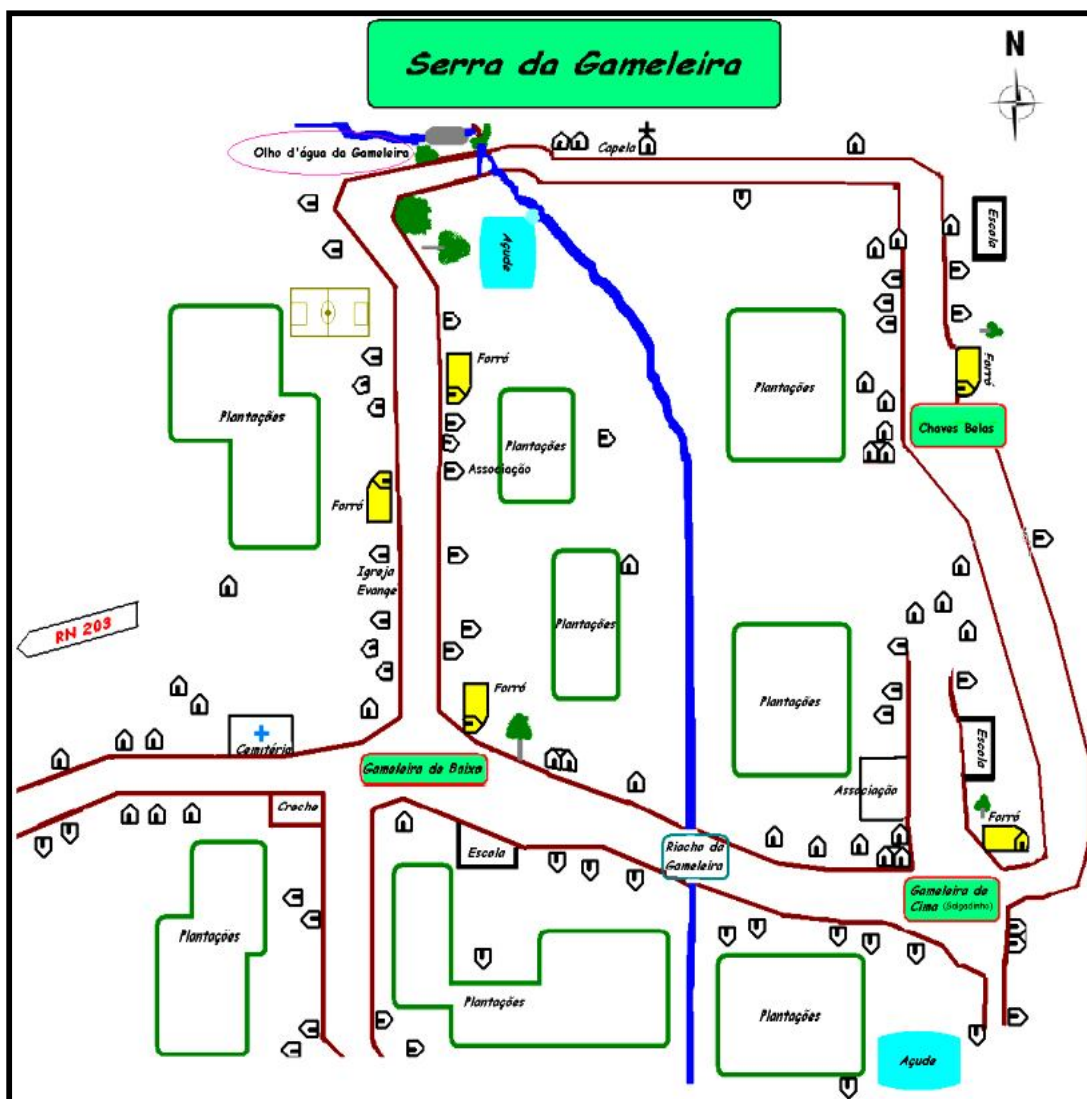


Ilustração 8 – Croqui da Serra da Gameleira.
Fonte: Elaborado pelo autor.

⁴⁰ Cf. dados demográficos sobre as famílias residentes na Serra da Gameleira em anexo.

Todas essas relações sociais acontecem em um ambiente rural em que a noção de roçado é muito presente para designar os locais de trabalho dos grupos familiares, moradores da Serra. Veremos que nesse espaço social, dividido por origens étnicas distintas, moram pessoas que tiram o seu sustento da agricultura. São trabalhadores rurais que ao longo do tempo aprenderam um saber especializado para poderem lidar com a terra.

2.2 FORROZEIROS E ROCEIROS

Por estar localizada em contexto rural, os moradores da serra têm um modo de vida camponês, de acordo com o que aprenderam ao longo de suas vidas. O objetivo dessa seção é estabelecer relações entre estudos clássicos sobre o modo de vida rural – campesinato – e a realidade observada na Serra da Gameleira, a fim de compreender melhor o contexto local. Para tanto, abordaremos estudos sobre a vida rural brasileira e demonstraremos adiante de que forma a realidade campestre visualizada na Serra se enquadra no formato de organização social camponesa.

O trabalho de Antônio Cândido (1971, p. 21) integra o universo das culturas “rústicas” e chama atenção para os grupos que ficaram à margem no processo de colonização, até então não contemplados pelas interpretações mais amplas de nossa constituição histórica. Nesse sentido estamos chamando atenção para um espaço rural, no qual convivem grupos que historicamente ficaram relegados em segundo plano. Que sequer tiveram sua presença no local reconhecida.

Em contexto mais próximo da realidade observada, encontramos Lygia Sigaud (1979), que nos faz refletir sobre trabalhadores rurais no interior de Pernambuco ao mostrar inovação no que concerne aos estudos sobre o universo rural. O trabalho e as festas são marcas presentes no mundo rural (PRADO, 1977). Preocupados em compreender como o tempo é percebido pelos moradores de Gameleiras e destacando a oposição entre tempo do inverno e do verão, demonstraremos que as festas estão intimamente relacionadas à noção de trabalho.

Em seu estudo, Prado (1977) classifica as atividades de trabalho coletivo basicamente em roçagem, plantio e colheita, algo muito presente na Serra da Gameleira. Em alguns o presente estudo aproxima-se do trabalho citado, porém como uma festa que associa as pessoas para um fim comum, que é pautado no encontro, favorecendo a minimização dos conflitos.

O uso original do termo “rural” dizia respeito exclusivamente à localização espacial de

uma comunidade. No início da década de 1980, os estudos sobre o universo rural ou campesinato começam a considerar outros elementos da vida social que não apenas o local, o trabalho ou os trabalhadores. Em uma análise sobre a família rural, Mauro Almeida (1986) aponta para ocorrência de atividades rotineiras que funcionam como fator de integração entre as pessoas:

Uma maneira de descrever tais grupos é indicar os contextos em que unidades domésticas distintas se mobilizam em torno de fins ou interesses comuns expressando os vínculos que as unem na linguagem do parentesco. Um contexto típico é a **cooperação** num âmbito local. Assim, vizinhos mobilizam-se rotineiramente em áreas rurais para troca de certos tipos de alimento, para troca de dias de trabalho, para construção de casas, para caçar grandes animais, para uma pescaria conjunta e para **as festas**. (ALMEIDA, 1986, p. 17, grifo nosso).

Nesta citação está implícita a idéia de que as famílias e os grupos de parentes próximos podem adquirir uma dimensão corporativa (WOORTMANN, 1984 *apud* ALMEIDA, 1986) e associativa para além da esfera do trabalho. A categoria trabalho está “associada à agricultura, designando trabalho para si” (MEYER, 1979, p. 76). Essa dimensão cooperativa presente no desempenho de atividades produtivas entre os grupos de parentes da Serra da Gameleira também abrange outra atividade que está mais associada ao lazer e ao divertimento, que são exatamente as ocorrências das festas de forró. Nos forrós, assim como nos roçados, os grupos familiares cooperam e ao final do dia as festas concretizam um trabalho realizado em conjunto. Percebemos, assim, o quanto é estreita a relação existente entre festa e trabalho no universo rural e como o tempo é importante nessa relação, pois mede a ocorrência tanto das atividades festivas quanto das atividades produtivas.

2.3 TEMPO DE TRABALHO, TEMPO DE FESTA

A categoria tempo é fundamental para a organização social na Serra da Gameleira e para a compreensão da vida diária dos grupos familiares, já que determina os períodos referentes às festas e ao trabalho. A noção de tempo é baseada numa clara aproximação com os momentos que “são principalmente reflexos de suas relações com o meio ambiente – tempo ecológico” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 108). Na Serra da Gameleira o tempo ecológico corresponde a um ciclo anual empregado para diferenciar períodos das estações do ano. Esse ciclo tem duas estações principais de dois meses, com variações climáticas no início

e no final de cada período. “O ritmo ecológico [divide] o ano em dois: a estação das chuvas e a estação das secas”, uma vez que as categorias locais de tempo e de espaço são determinadas pelo ambiente físico. Na relação trabalho e festa, a contagem do tempo na Serra obedece a um sistema cíclico (CALAVIA SAEZ, 2006, p. 369), conferindo uma passagem de tempo que se repete durante os anos, orientando o processo agrícola nas plantações e atividades produtivas realizadas nos roçados.

O período chuvoso inicia-se em meados de março e termina no começo de agosto, quando se principia um tempo de escassez de chuva, às vezes de forte seca, que se estende até fevereiro do ano seguinte. Durante o inverno, os homens vão trabalhar no roçado juntamente com suas mulheres – caso estas não possuam “filho de braço” – a partir das cinco horas da manhã. Ambos, com mais ênfase ao gênero feminino, se dedicam a cuidar de animais de pequenos portes, como galinhas, porcos e cabras. Ocasionalmente, quando existe algum animal de grande porte, como bovinos e eqüinos, ao homem cabe o trato necessário. Ao meio-dia, retornam para casa e almoçam. A esposa ou o filho adolescente são encarregados para o preparo da comida. Geralmente, à tarde, chove bastante, dificultando o regresso para os roçados.

Na época de escassez, há uma redução significativa das plantações e, conseqüentemente, a atividade produtiva rural se modifica. Nesse período, a procura por trabalhos temporários em minérios e no corte de lenhas é uma prática comum entre os trabalhadores rurais. Nas proximidades da Serra, existe exploração mineral – inclusive no olho d’água da Gameleira foi firmado um acordo para a exploração local⁴¹. O corte de lenha serve basicamente para abastecer as sedes dos municípios, já que é mais barato do que trabalhar com forno a gás. Durante essa fase, há uma diminuição das ocorrências da festa de forró.

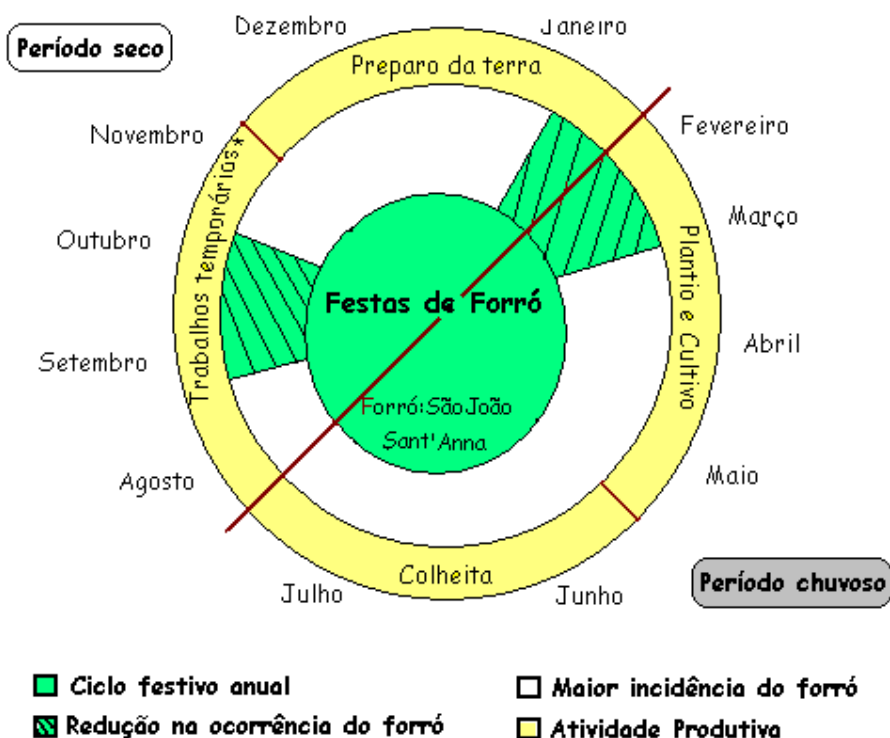
O preparo da terra ocorre entre dezembro e janeiro. Nesse momento, as festas acontecem regularmente, sem redução. Porém, do final de janeiro ao início de março, há outra redução dos forrós, porque há uma preocupação exacerbada com o plantio e é preciso aproveitar as chuvas que estão começando a cair.

O calendário abaixo apresenta as principais atividades coletivas da Serra: o trabalho e as festas. Nele, ressalta-se como as festas de forró concretizam um trabalho realizado em grupo, com forte presença durante as atividades produtivas, notadamente as ligadas à

⁴¹ O presidente da Associação da Serra da Gameleira de Baixo assinou um acordo com um professor do CEFET-RN, representando um projeto do Ministério de Minas e Energia, para exploração de lavra garimpeira na Gameleira.

agricultura.

Calendário anual: festa e trabalho



* Trabalhos em minérios, corte de lenha e ocorrência do forró fora da Serra.

Gráfico 1 – Calendário anual: festa e trabalho.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O calendário está organizado conforme a existência de três círculos: o menor indica a presença de forrós na Serra durante todo o ano; o intermediário representa as ocorrências do forró dividido em grupos de grande incidência e momentos de redução; e o círculo externo sintetiza as atividades produtivas que acontecem concomitantes às festas de forró. A linha que corta o gráfico ao meio divide o ano em duas estações: verão e inverno – ou melhor, seca e chuva. Já as linhas pequenas que cortam o círculo externo separam os diferentes momentos das atividades produtivas. As legendas abaixo do calendário explicam os fatos, em relação aos meses do ano.

Como visto no calendário, entre o preparo da terra, plantio e cultivo a ocorrência dos forrós é em menor escala do que na colheita. Isso é devido ao momento da colheita ser o mais importante, quando as festas atingem o seu auge, trazendo até mesmo pessoas que não moram

mais na comunidade de volta ao local, e fazendo com que todas as atenções estejam voltadas para um “tempo de fartura”. Percebe-se, portanto, a existência desse sistema de contagem de tempo graças à atenção voltada para as questões práticas diárias, aliadas aos momentos de festa que sempre estão articulados com o trabalho nos roçados.

O ano tem duas estações principais no sertão e essa divisão é uma maneira de encarar o movimento do tempo, que está atrelado ao trabalho, também do ponto de vista festivo. O conceito de estações deriva das mudanças climáticas rígidas entre sol e chuva. Já as mudanças nas atividades sociais produtivas são dependentes dessas mudanças. Qual a resposta dada em Gameleiras à divisão climática em períodos chuvosos e secos? Na Serra, existe essa variação no desempenho das atividades produtivas, pois, após o período chuvoso, os trabalhos cessam e a própria vida na comunidade é modificada. É um contraste entre os modos de vida na seca e no auge das chuvas, mas esse contraste também serve para regular a contagem do tempo (MAUSS, 1978). O calendário na Serra de Gameleiras obedece a um ciclo anual que relaciona atividades produtivas e festas de forró e os dois não podem ser isolados, já que existe uma cooperação durante e após o trabalho agrícola para que as festas se realizem. O sentido festivo está articulado com a concretização das atividades sociais produtivas.

A relação estabelecida entre festa e trabalho é fundamental para compreensão da realidade da Serra. O forró da Serra da Gameleira também está relacionado com a contagem cíclica do tempo, principalmente pelo elevado grau de importância que este adquire no contexto local em que é realizado. Essa característica associada à passagem do tempo está articulada à perspectiva da presente análise, em que tudo gira em torno da ocorrência das festas.

2.3.1 Fertilidade e privação

Na Serra da Gameleira, as festas demarcam etapas dos anos, assim como os momentos de fertilidade e de privação. O tempo de fertilidade acontece nos meses de junho e julho, no auge das festas juninas. Geralmente, os meses de festividade são representados pelos nomes dos santos celebrados, como São João e Sant’Anna. Estas festas estão associadas à épocas de colheitas, principalmente de milho e feijão, produtos considerados fundamentais para o comércio e alimentação. É nesse momento que as festas atraem a participação de pessoas de outras “cidades”, como São Tomé e Lajes Pintadas. São filhos, irmãos, sobrinhos, enfim,

familiares e amigos que “vêm visitar” (LANNA, 1995, p.172) e comemorar o ciclo anual, acontecimentos tão marcante para a região. Como assinala Chianca, “A festa junina é uma festa familiar, certamente, mas essa família estende-se aos amigos e vizinhos” (1999, p. 61).

A festa da santa padroeira da Gameleira, Nossa Senhora da Guia, ocorre na primeira metade do mês de agosto e está associado a uma transição que marca o fim da fertilidade e o início das privações. Esse ciclo é caracterizado pelas ausências de chuvas e festas em favor da santa padroeira e da capela, organizadas pela família de Zé Menino – representantes das atividades religiosas da Serra. Após essa celebração, há uma diminuição progressiva das festividades, o que configura o início de um tempo de privação.

Dessa forma, pode-se inferir que os santos celebrados no mês de junho e julho – Santo Antônio, São João, São Pedro e Sant’Anna – são indicadores de um período de abundância para a comunidade e, conseqüentemente, de grande extravagância e euforia evidenciadas nas freqüentes festas de forró que reúnem os moradores da Serra. Trata-se de um ciclo anual intensamente festejado, não apenas por se tratar da fertilidade, mas também porque representa o clima junino existente na Serra. Como lembra Chianca (1999, p. 61), “O forró é a dança mais espontânea do período junino porque não obedece a nenhuma coreografia pré-estabelecida e pode ser dançado por um casal qualquer e em qualquer lugar”. A partir disso, pergunta-se: como a passagem desse tempo está articulada nos roçados e nas festas?

2.3.2 “Botar um roçado”

O tempo das atividades produtivas e o tempo das festas são dois momentos presentes na vida dos moradores da Serra da Gameleira que estão intimamente interligados. Como enfatizado por Roberto DaMata, “As sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festa [...]” (DAMATTA, 1986, p. 57). A rotina e os ritos configuram a vida diária e social da comunidade Gameleira. As festas na Serra são momentos que propiciam a inclusão de diferentes segmentos sociais separados pelas moradias e origens familiares. No seu dia-a-dia, as famílias ficam limitadas apenas ao trabalho em seu roçado, sem contato direto com o restante da população. Com a ocorrência das festas, as distâncias sociais entre os grupos são reduzidas, gerando o seu oposto: a união. Em dias de festas, ouve-se de longe as músicas que são tocadas nas casas e possibilita-se essa aproximação. O forró, qualquer que seja, é sempre o ritmo escolhido: “Só é bom se for forró”, afirmam os moradores. Diante disso, os forrós

apresentam uma (re) criação da vida diária, ampliando a convivência além das relações de parentesco que permeiam o cotidiano familiar. Segundo DaMatta, “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (DAMATTA, 1986, p. 69).

A vida na Serra obedece ao seguinte movimento: **cooperação** (roçado) → **separação** (moradia) → **cooperação** (forrós).

A produção econômica camponesa obedece a uma lógica familiar: a do “modo de produção doméstico” (SAHLINS, 1987). Os roçados e a divisão de terras têm importância fundamental na vida social da população. Uma idéia que direciona o local de trabalho no dia-a-dia do agricultor (camponês) e sua família é a noção de roçado “como uma pequena parcela de terra para o plantio de subsistência” (LANNA, 1995, p. 123). O roçado, portanto, é o local do trabalho e as plantações se referem aos produtos frutos desse cultivo. Na Gameleira, todos trabalham em seus pequenos roçados e não existe a perspectiva dual da relação morador x patrão, base de uma lógica patronal (LANNA, 1995). A inexistência na Serra de grandes proprietários ou fazendeiros faz com que ocorra abertamente entre os moradores uma prática de cooperação do trabalho rural, uma vez que todos residem em suas pequenas casas e trabalham nas terras que se localizam ao redor. Assim, as relações de trabalho nos roçados são reguladas fundamentalmente pelo parentesco (WOORTMANN, 1995), que caracteriza a chamada produção camponesa. Essa produção deve ser entendida como manifestação de um sistema camponês muito diferente do sistema de morada conceituado por Lanna (1995), no qual os moradores vivem nas terras dos grandes proprietários.

A produção agrícola de subsistência é difícil de ser precisamente quantificada, pois é algo não direcionado especificamente ao comércio. O que é produzido é dividido em pequenas escalas, em que uma parte é armazenada para consumo próprio e a outra levada para ser comercializada na feira. Planta-se⁴², principalmente, feijão, milho e fava⁴³, e ocasionalmente o jerimum⁴⁴. Esses produtos geralmente são vendidos pelos próprios produtores na feira local de São Tomé, que acontece aos sábados. O milho é o mais

⁴² Devido à grande quantidade de fotografias dos plantios, reservamos nos anexos um espaço específico para expô-las.

⁴³ “Bot. Planta de caule ereto, ornamental, da família das leguminosas (*Vicia faba*), com propriedades medicinais, de flores alvas ou róseas, com máculas negras nas asas, dispostas em racimos axilares, e cujo fruto é vagem viscosa, verde ou preta, comestível, com várias sementes”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI**. 2005.

⁴⁴ “Fruto da aboboreira, normalmente tirante a amarelo-avermelhado, utilizadíssimo na alimentação humana, e cujas sementes (pevides), descascadas, entram no receituário médico popular como tenífugo. [Sin. (no N. e N.E.): jerimum]”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI**. 2005.

comercializado devido ao período junino que coincide com a colheita. A fava, assim como o feijão, é armazenada em grande quantidade. O feijão verde é o mais cultivado, pois o que não é vendido é armazenado como feijão seco para o consumo familiar no decorrer do ano.

Os frutos nativos, como o imbu – fruto do imbuzeiro –, são pouco comercializados nas feiras e nos comércios “da rua” (referência local à sede do município). Nesses espaços, encontramos apenas frutos como banana, maracujá e limão. Segundo Severino Domingos, 59 anos, um roceiro da Serra, “Isso é fruta do mato, aqui tem muito, ninguém procura, só a gente mesmo, assim que quando passa, apanha pra chupar”.

O ideal para esses pequenos agricultores é, durante a colheita, armazenar uma quantidade suficiente de feijão e milho para o consumo familiar anual. Esses produtos são estocados em grandes tambores em um local da casa considerado seguro, distante de animais e bichos peçonhentos. Os pequenos animais, como galinhas, ocasionalmente caprinos e porcos, são criados no quintal e alimentados com os restos de comida da família. Esses pequenos animais são tidos como fonte de reserva alimentar e comercial para o período seco. As casas de forró são de fundamental importância nesse processo, pois ajuda a alimentar os pequenos animais. Além disso, em alguns casos, ela é também um local de redistribuição comercial. É comum encontrar na Gameleira pequenos comércios improvisados num cômodo da casa onde se vendem alimentos variados.

Os agricultores da Serra da Gameleira possuem um conjunto de técnicas próprias, repassadas dos mais velhos aos mais jovens e que são utilizadas para um trabalho bem sucedido. Geralmente, as terras não ficam desperdiçadas, sempre existe algum uso para elas, seja com animais pastando a mata espessa para a terra descansar, seja resguardando-a durante as fases de colheita. Antonio Cândido (1971), em *Os parceiros do Rio Bonito*, descreve as técnicas de plantio para as diversas espécies de milho, arroz e feijão utilizadas. Segundo o autor, o tempo do parceiro é regulado pelo ritmo de seu trabalho na lavoura. Por isso, as unidades de tempo que importam são o dia, a semana e o ano agrícola. O mês, fundamental para o trabalhador assalariado, é irrelevante nessa realidade.

Dezembro, janeiro e fevereiro são meses de trabalho intenso, assim como de ocorrência festiva. É tempo de preparar a terra que virá a ser transformada em roçado durante o período chuvoso, em fins de janeiro e início de fevereiro. No mês de março até o final de abril é comum a incidência diária de chuvas. Ao longo desse mês, as terras estão molhadas, o que favorece a germinação das sementes e o plantio. Em fins de agosto, inicia-se o período de estiagem e a terra seca e fragilizada precisa descansar e se recuperar para o próximo plantio. Ellen Woortmann e Klaas Woortmann (1997) mostram que essa relação é sagrada para o

sitante, pois este cuida da terra como um ser vivo que também precisa descansar. A partir de então, na Gameleira, é hora de colocar os animais de grande e pequeno porte para dentro dos roçados e transformá-los em pastos. Os maiores animais, como vacas, cavalos e jumentos, ficam sempre nos pastos; já os menores, como cabras e ovelhas, retornam para o quintal ao final do dia, onde estão mais seguros. A terra descansa com o adubo desses animais. Após todo esse intenso movimento de atividades diárias, os grupos vão aos forrós, já à noite.

As plantações agrícolas são dificultadas pela irregularidade dos terrenos. Os roçados têm que ser feitos no alto de serrotes em sentido declinado e os terrenos acidentados não ajudam as plantações. Porém, segundo a visão dos agricultores, apesar das irregularidades, as terras são boas para o plantio, já que “aqui tudo que se planta nasce”. A imagem seguinte demonstra como se realiza o trabalho agrícola em um terreiro residencial.



Foto 5: Trabalho nas roças do terreiro.

Uma boa plantação precisa de pelo menos mil covas (abertura na terra) de espaço, que equivale a 25 braços de comprimento por 25 de largura. As plantações ocorrem em sentido horizontal/vertical, tendo como referência a terra. Habitualmente, é preciso dispor entre 4,5 e 5 palmos de distância (aproximadamente 70 cm) de uma semente para a outra, para que não haja o risco das sementes “não saírem” ou, se saírem, ficarem muito próximas e não crescerem. A única exceção é um tipo de feijão plantado na Serra, conhecido como feijão estendedor, o qual precisa ser plantado com nove palmos de distância de um para o outro para poder germinar. A imagem seguinte mostra o resultado do trabalho agrícola dos moradores da

Serra.



Foto 6 – Plantações de milho, feijão e espaço de mata.

Por se tratar de terrenos acidentados em alguns pontos, é comum o acúmulo de água após as chuvas. São nesses locais – conhecidos como vargens – que ocorrem as plantações nos períodos marcados pela ausência de chuvas, uma vez que apresentam terras mais úmidas e estão localizadas às margens de pequenos açudes e rios.

Na Serra, existem espaços que não são aproveitados para o plantio e, por isso, são conservados como sempre estiveram – permeados de mato nativo. O mato é uma reserva de recursos renováveis e fornece os meios para reprodução social das práticas tradicionais camponesas (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997, p. 29) e é dele que se retiram ervas medicinais, galhos de folhas para rezadeira, lenha, alimento, caça, entre outros. Existe um extenso repertório de plantas “do mato” que são utilizadas como alimento pelos moradores e pelos animais, tais como: Mucunã⁴⁵ (que precisa ser lavado em nove águas), o Sodoro (xiquexique⁴⁶), a Macambira⁴⁷ e a Maniçoba⁴⁸. Esse repertório de alimentos são

⁴⁵ “[Do tupi: Mucunã] Bot. Gênero de plantas herbáceas e trepadeiras lenhosas tropicais, da família das leguminosas, dotadas de folhas trifolioladas e flores exuberantes, em racemos pedunculados, axilares”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005

⁴⁶ “[De tapuia] Bras. N.E. Bot. Espécime da família das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), característico das caatingas sáfaras, cujo caule é um cladódio sem folhas, espinhoso, rico em água. É cilíndrico-anguloso e cespitoso. [Sin: alastrado, xinane]”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005

⁴⁷ “[Do tupi] Bras. N.E. Bot..Planta da família das bromeliáceas (*Bromélia laciniosa*), de folhas rígidas e espinhosas, muito dispersa nas regiões secas nordestinas, onde o povo, premido pela fome resultante da seca, prepara, com as folhas dela, uma espécie de pão sem qualquer valor nutritivo; estas folhas são usadas como forragem”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005

⁴⁸ “[Do tupi] Bot. Arvoreta da família das euforbiáceas (*Manihot glaziovii*), própria do N.E., da qual se extraiu, no passado, o látex, para produzir borracha, que é de segunda classe, e cujo fruto é uma cápsula que se abre em três porções; maniçobeira”. Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005

constantemente referenciados quando as pessoas lembram dos tempos de dificuldade, em que não se tinha nem o que comer devido a seca.

Depois de toda essa investida realizada para relacionar festa, tempo e trabalho, podemos considerar o forró como sendo festa e dança integradas às atividades produtivas, mais especificamente à produção agrícola.

2.4 UMA SERRA DE FORRÓS

Já nas primeiras idas ao campo, compreendi que o forró é um elemento central da vida social da Serra da Gameleira, como uma festa “tradicional” da localidade. Articulado por uma rede de relações sociais, favorecendo a sociabilidade e a integração, os lugares festivos formam um círculo e acontecem durante o ano inteiro. É inconcebível pensar na Serra sem a existência do forró. Quando perguntados sobre festividades, grande parte dos moradores da Serra queriam falar somente sobre forró, o que me conduziu a investigar com maiores detalhes os forrós que acontecem no local.

Na Serra da Gameleira, não existe apenas uma festa de forró. Na verdade, são cinco⁴⁹ centros festivos, em diferentes locais, que proporciona convívio, entre todos da Serra – quadro esse que inspirou a escolha do título Os Forrós nas Gameleiras para o presente estudo. O forró acontece alternadamente nesses locais, favorecendo a integração e a união entre as pessoas. No entanto, existe uma “tradição” festiva mais ligada à Gameleira de Baixo, que remonta a rabequeiros e sanfoneiros antigos.

O gráfico a seguir (Gráfico 2) mostra a localização das casas de forró “oficiais” – lugares festivos reconhecidos localmente como forrós e que são também moradia. Todavia, existem festas de forró em locais “não oficiais”, quando qualquer pessoa faz um forró em sua residência motivado por alguma data festiva, como um aniversário, um casamento, para comemorar o dia de um santo, entre outros. Neste gráfico, localizam-se os lugares festivos que existem, enfatizando a dinâmica das relações sociais, fundamentais para compreender a sociabilidade, a cooperação e a união que ocorre entre os diferentes grupos familiares, através das festas na Serra da Gameleira.

⁴⁹ Dado referente até janeiro de 2009 – após a conclusão da pesquisa de campo, uma nova casa de forró foi aberta na Gameleira de Baixo.

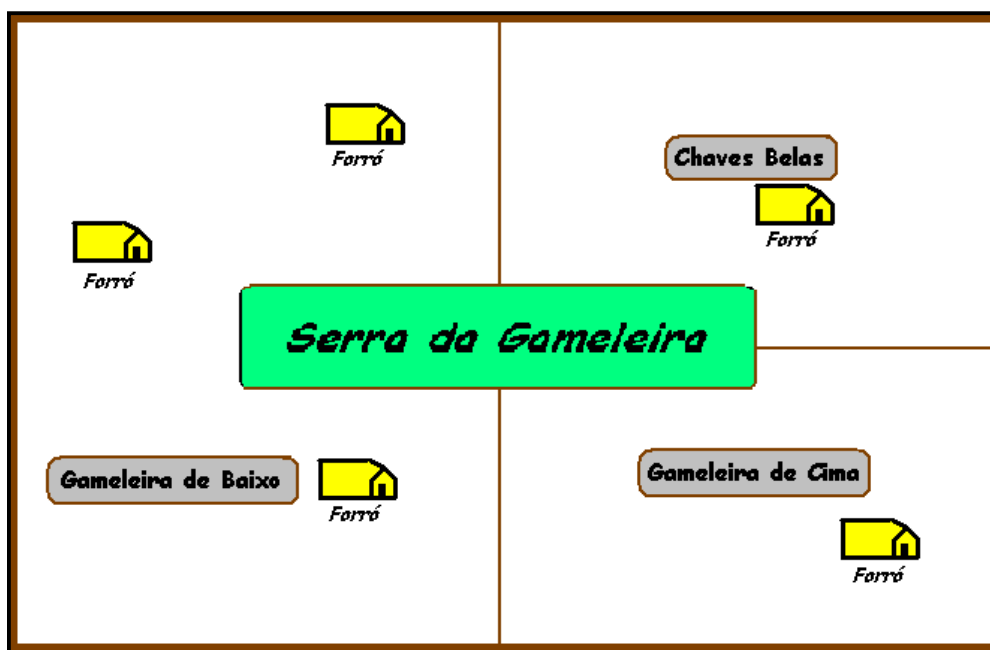


Gráfico 2 – Os forrós da Serra.
Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro seguinte apresenta as festas observadas, direta e indiretamente, durante a pesquisa de campo. Foi elaborado a partir do acompanhamento prévio e posterior das festas de forró, ocorridas durante um período de tempo considerável – de junho de 2008 a janeiro de 2009, totalizando 15 festas. Percebe-se neste quadro que, entre os meses de agosto, setembro e outubro, houve apenas uma festa de forró na Serra, acontecida no dia da padroeira, ao contrário dos meses de junho e julho, onde houve 1/3 do total. O quadro oferece informações a respeito das datas de acontecimento, sobre as casas de forró (ocasionalmente com as suas respectivas motivações) e sobre os locais na Serra (e de fora dela) onde as festas foram realizadas⁵⁰.

⁵⁰ O Quadro 3 serviu de modelo para a elaboração do calendário festivo – Cf. 06.

	Data	Motivação + Casa de Forró	Local
1	14 de junho de 2008	Forró de São João em Neném	Gameleira de Cima
2	21 de junho de 2008	Forró de São João em Loza	Gameleira de Baixo
3	27 de junho de 2008	Forró de São João em Piaba	Gameleira de Baixo
4	28 de junho de 2008	Forró de São Pedro na residência de “Lú”	Chaves Belas
5	19 de julho de 2008	Forró de Sant’Anna em Luiz Besouro	Gameleira de Baixo
6	16 de agosto de 2008	Forró da festa da padroeira em Loza (Único forró do mês de agosto)	Gameleira de Baixo
7	07 de setembro de 2008	Forró realizado fora da Gameleira (Os tocadores saem da Serra, e se apresentam em uma cidade vizinha)	Município de Cerro-Corá
8	08 de novembro de 2008	Forró em Neguinho Israel	Chaves Belas
9	15 de novembro de 2008*	Forró em Piaba	Gameleira de Baixo
10	29 de novembro de 2008	Forró em Loza	Gameleira de Baixo
11	05 de dezembro de 2008	Forró em Neném	Gameleira de Cima
12	13 de dezembro de 2008	Forró em Luis Besouro	Gameleira de Baixo
13	31 de dezembro de 2008	Forró de ano novo em Piaba	Gameleira de Baixo
14	17 de janeiro de 2009	Forró em Neném	Gameleira de Cima
15	24 de janeiro de 2009	Forró em Piaba (com Loza tocando)	Gameleira de Baixo

* Esse forró foi adiado no dia de sua ocorrência, pois seu João do Ó, irmão de Zé Menino, faleceu.

Quadro 3 – Ocorrências das festas de forró.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro acima demonstra que as festas podem ser pensadas como parte integrante de uma rede festiva composta por vários membros, fundamentais para que os forrós aconteçam, que incluem: os organizadores e os donos das casas de forró, os animadores, os tocadores e os forrozeiros. Identificam-se os lugares festivos a partir da etnografia, onde a todos é permitido participar das festas, sem restrições. Frequentar esses espaços é mover-se numa rede social que possibilita manter contatos diretos, muito valorizados, com vários tipos locais, como por exemplo, as lideranças que representam as comunidades.

2.4.1 Os donos dos forrós

A descrição dos lugares festivos inicia-se através da organização interna das festas de forró, que funciona sistematicamente de acordo com os locais destinados para a realização das celebrações. Durante a pesquisa, percorri os cinco centros festivos da Serra, começando por Gameleira de Baixo, passando pela Gameleira de Cima e chegando a Chaves Belas. Em cada um desses locais, obtive a colaboração de interlocutores envolvidos com a organização dos eventos, os chamados donos do forró. Nas conversas iniciais, supôs que os donos dos espaços eram os únicos a promoverem as festas e, só após observação minuciosa, é que compreendi como realmente se configura as festas de forró.

A organização específica de cada festa, nas três localidades que compõe a Serra, segue um padrão pré-estabelecido. O local, o horário, quem toca, o dia da festa, o valor da entrada, se mulher irá pagar, são pontos decisivos em termos de participação, uma vez que os eventos acontecem quase todo final de semana, dependendo do período anual, aumentando as possibilidades de escolha dos moradores. As formas de sociabilidade estão estreitamente relacionadas à realização das festas de forró e constituem elemento central do evento e devem ser compreendidas a partir da natureza da celebração. Uma festa com pouca participação ou poucas pessoas não é considerada um acontecimento bom, por isso a organização é tão importante. Quando se fala em “casa cheia”, significa que o limite ou a normalidade de participantes do forró excedeu-se, o que é uma constante – segundo os responsáveis pela organização, nunca houve festa com pouca gente e isso é algo no mínimo inconcebível para os que vivem as festas de forró.

No entanto, esse padrão começa a variar a partir do momento que saímos do âmbito geral da organização e vamos para as características peculiares dos organizadores, ou seja, dos donos dos forrós. Nem sempre os organizadores dos eventos são os proprietários do espaço físico destinado para a realização da festa, mas, mesmo assim, ainda são considerados os donos da festa, como observando na festa da padroeira Nossa Senhora da Guia. Nesse caso, a organizadora é uma liderança católica na Serra, filha do principal líder religioso que construiu a capela da Gameleira ao lado da sua casa, seu Zé Menino.

Mas, afinal, quem são essas pessoas “donas” dos forrós? Para o desenvolvimento do presente trabalho, escolhi apenas os proprietários dos espaços físicos, devido a facilidade de localizá-los e entrevistá-los, assim como a regularidade com que realizam as festas. Através das entrevistas, descreverei quem são os donos dos espaços físicos onde as festas acontecem..

Não é qualquer pessoa que pode ter um forró, uma vez que são considerados os “guardiões” do forró. O dono de um forró é legitimado pela relação que mantém ao longo da vida com as festas. Pode ser o filho, sobrinho genro ou ter algum grau de parentesco com um ex-forrozeiro ou mesmo um ex-tocador. Na Gameleira de Baixo são três os donos de espaços onde as festas acontecem.

Começarei por José Ronildo Domingos, ou simplesmente “Piaba”, como é mais conhecido. Piaba é casado com sua prima, filha de Severino Domingos. Tem legitimidade para organizar as festas por vir de uma família que tem história com os forrós. Os primeiros eventos organizados por ele na Serra aconteceram na escola do distrito e com a autorização da prefeitura. Quando a prefeitura deixou de ceder o espaço para os acontecimentos festivos, José Ronildo decidiu construir um espaço na Gameleira para realizar os seus forrós. Ele relembra: “Resolvi fazer meus forrós em casa mesmo. Desde 1996, que eu tenho minha casa própria de forró. É conhecida demais, todo canto que andar aqui por perto o povo conhece o forró de Piaba”. Esse forró fica localizado no ponto mais baixo da Gameleira. Seguindo seu caminho se chega ao campo de futebol, ao pequeno açude, a capela e, seguindo mais adiante, em Chaves Belas.

O dono do forró enfatiza a importância das festas no cenário local, dizendo que na Serra “para forró, todo tempo é tempo”. Apesar dessa constância, ele ressalta que “o mês de junho não tem igual, parece que é mais animado por ser o mês de São João. Já os meses de janeiro, fevereiro e março são fracos de forró, quase não tem, pois todos estão voltados para agricultura”.

De acordo com Piaba, a organização dos eventos é toda realizada por ele. Somente para divulgação é que conta com o auxílio de outra pessoa, chamada de animador, responsável por colocar os cartazes e avisar nas rádios. Ele explica:

Eu é que tomo conta de tudo, faço serviço de bar e aqui mesmo consigo algum primo pra ficar na portaria. Meu forró aqui é sempre lotado, tendo forró em Piaba todo mundo vem. Principalmente o pessoal aqui da comunidade, de Chaves Belas ou de Salgadinho. Aqui é o povo de toda idade, é velho, é novo, todo mundo dança e brinca nos forrós. Depois que fecho com a banda, o forró tá garantido. As bandas também são aqui da região, já trouxe bandinha de Santa Cruz, Lajes Pintadas. Faz uma portariazinha cobrando cinco reais, quando a banda é melhorzinha, aí a gente cobra dois reais de mulher. (sic) (José Ronildo Domingos, “Piaba”, 35 anos, Gameleira de Baixo – novembro de 2008).

Segundo Piaba, quando passa um mês ou dois sem organizar nenhuma festa, as pessoas já ficam cobrando: “ ‘mas, Piaba, nunca mais teve um forró?!’ Depois vem o pessoal das bandinhas e sugerem: ‘Ei, Piaba, vamos ajeitar um forró, mais nunca fizesse’ ”. Essa festa

em especial tem uma regularidade maior em termos de ocorrência. Como visto na declaração acima, Piaba preza muito pela concorrência e se esforça para não ficar atrás dos outros na organização das festas.

Outro dono de forró na Gameleira de Baixo é Francisco Félix dos Santos, o Loza do Acordeon, que abriu sua casa juntamente com a sua esposa Chiquinha e seu enteado Mecías, prestando-me valiosíssimas informações. Loza, desde criança, tem um profundo envolvimento com os forrós. Ele relata que seu espaço não é muito antigo e antes só tocava quando os donos da festa o convidavam. Resolveu fundar o forró quando seu enteado começou a cantar profissionalmente, em 2004.

O espaço em que Loza realiza suas festas é bastante amplo. Tem uma estrutura maior do que a de Piaba, pois dispõe de palco, cobertura parcial, além de ser murado. O forró de Loza segue a lógica das festas da Serra, porém, tem suas regras próprias para poder concorrer com os demais, como a questão do preço da entrada: “Aqui sempre a gente arruma uma portariuzinha de cinco reais, quando não tem cinco entra com três, dois, um e cinquenta. Não tem isso, não! E graças a Deus nunca tenho prejuízo, já fiz forró aqui e arrumei de 700 a 800 contos (sic)”.

Durante a entrevista, Loza relatou sobre uma festa que iria promover, lembrou como foi a primeira que organizou e ainda desabafou sobre o tempo em que não tinha seu próprio espaço para realizar festas:

Talvez amanhã o menino de São Tomé já mande fazer os cartazes e já esteja divulgando na rádio. Aqui, nessa casa, o primeiro forró que eu fiz foi em 2004, era aniversário de Mecías, deu muita gente e foi muito bem visto, graças a Deus, o pessoal prestigiou bastante. Foi a primeira vez que eu toquei sem ser nas casas dos outros, toquei na minha casa de forró. A partir desse dia, eu posso me orgulhar de tá fazendo o meu forró. Antes tocava em Luis Besouro, em Neném, em Piaba, aqui em Chaves Belas, mas o pessoal daqui mesmo não valoriza muito, sabe? Então é melhor ter minha casa de forró porque lá quem manda é eu. Agora que pude começar a fazer um bar melhorzinho aqui no salão. Acontece o seguinte, por eles a gente não toca aqui, porque não valoriza e prefere chamar gente de fora (sic) (Francisco Félix dos Santos, “Loza”, 57 anos – Gameleira de Baixo, novembro de 2008).

O último dono de forró na Gameleira de Baixo é Luis Bezerra da Silva, mais conhecido como “Luis Besouro”, da família dos “Besouros” de Chaves Belas. Ele tem 54 anos e se dedica à atividade de forrozeiro e à agricultura. Além disso, tem um pequeno comércio onde vende um pouco de tudo. Seu forró está localizado em ponto central da Serra, no caminho que segue para a Gameleira de Cima. Luis Besouro também tem adotado uma perspectiva de competição com os demais donos de forrós, sendo, no entanto, mais rígido nas

suas posições. Ele define, sempre enfatizando, o que é certo a partir da sua posição de dono de forró – desde reivindicar anterioridade do seu forró em relação aos demais até questão dos preços das entradas na festa.

O certo mesmo era que o meu forró, aqui na Gameleira, fosse o mais antigo, porque eu já trago ele lá de Chaves Belas. Minha família é toda nascida e criada aqui na Serra, só que ali em Chaves Belas, e vim pra cá já tem uns dez anos e sempre organizando forró, não tem igual ao meu. Quando organizava os forrós lá, todo mundo daqui descia pra lá, agora o povo de lá que vem pr'aqui [risos]. Você precisa vir em um forró que eu fizer aqui, viu? E não vai pagar entrada, não! Aqui no meu forró só quem paga pra entrar são os homens mesmo, é cinco reais, porque o certo mesmo é mulher não pagar. Nunca vi fazer um forró e mulher pagar. Por aqui tem gente que cobra, viu? Mas eu nunca fiz, e olhe que faz tempo que faço forró aqui, vejo as mulheres irem e ficarem fora. Aí também não aparece homem no salão porque não tem com quem dançar, depois reclamam que o forró foi fraco, não sabe fazer, né?! (sic) (Luis Bezerra da Silva, “Luis Besouro”, 54 anos – Gameleira de Baixo, novembro de 2008).

O depoimento de Luis Besouro revela muito sobre as disputas entre os donos dos forrós. É uma competição interna para aglutinar o maior número de pessoas nas suas festas. Diante dessa concorrência, as festas são pensadas de acordo com os outros donos e isso faz com que Luis Besouro fixe um preço único, mas apenas para os homens. Segundo Luis, “O povo aqui gosta muito de tá nos forró, porque senta nas mesas, conversa, bebe, dança, encontra com os primos. Eu vejo muita gente que só se fala quando se encontra nos forrós, pode ser quem for. No final, todo mundo brinca” (sic), destacando a importância das festas e reforçando a nossa percepção sobre o papel de sociabilidade dos forrós.

No forró de Luis Besouro, quem tem a preferência para tocar é Loza do Acordeon e Mecias Show. De acordo com ele, é vantagem chamá-los para tocar porque, como são da Serra, não teriam problema em não receber o valor integral do pagamento acordado se a festa fosse “fraca”. O pagamento do tocador é feito após a realização do forró, mas existe um acordo anterior de um valor médio estipulado. A maior parte do valor arrecadado na portaria com a cobrança das senhas de entrada serve para pagar o tocador. A outra forma de arrecadação de dinheiro é através do bar, com a venda de bebidas, lucro esse inteiramente do dono da casa de forró.

Esse proprietário confessou que não tinha problema com ninguém do local, mas que já havia se desentendido com uma pessoa por ser organizador de forró. Ser dono de forró é ficar muito exposto e conhecido na Serra, por isso cada um tem a sua visão a respeito das pessoas que freqüentam o forró.

No final de uma entrevista, Luis Besouro tentou amenizar o que havia falado outrora

sobre a competitividade entre eles – os donos. Ele comenta: “Ninguém pode atrapalhar o forró do outro, tem que fazer em dias diferentes, para não dar problema, sabe? Porque ficar com rivalidade, não dá muito certo”.

É importante não coincidir os eventos organizados, pois, além de ocasionar concorrência nas festas, gera também um desconforto entre os donos dos forrós. Segundo Luis, o ideal é que as datas não sejam muito próximas – como um forró na quinta e outro no sábado –, uma vez que é preciso haver um tempo mínimo de uma semana, pois cinco reais – o custo médio de entrada para as festas – é um valor que faz falta no orçamento das famílias.

De fato, em meio às disputas, existe um comum acordo entre os donos dos forrós. A frase seguinte de José Ronildo, “O Piaba”, ilustra bem esse tratado informal que está implícito: “No dia que eu marco de fazer, Loza não faz; quando Loza faz, eu não faço. Quando ele marca um forró, de hoje a quinze dias, eu só marco de hoje a um mês, quinze dias depois do dele. Todos são assim, tem que ser tudo combinado”.

Em Chaves Belas, tem apenas um dono de forró responsável pela realização das festas. Chama-se Israel Souza, mais conhecido como “Neguinho Israel”. Ele tem 41 anos e também vive da agricultura. Além disso, é parente da família “Os Tatu”, originária de Chaves Belas. Sua iniciação nas festas de forró teve como causa a perda na animação local do mestre do Boi Reis, seu Severino Maozinha, tio de Loza. Outro motivo, segundo Neguinho Israel, foi porque “na Serra toda já tinha forró, menos aqui. O pessoal daqui começou a reclamar que não tinha uma festa aqui. Então fiz meu primeiro forró e a lotação foi grande. Rapaz, o povo todo aqui da Serra subiu pra cá! E foi assim que eu comecei” (sic). Ele legitima seu forró através de uma motivação dos próprios moradores, para não ficarem atrás na concorrência em relação às festas.

Por fim, chegamos a Gameleira de Cima, que também conta apenas com um dono de forró, chamado Vicente Lopes Pereira, mais conhecido como “Neném”. Ele é o vice-presidente da Associação Comunitária da Gameleira de Cima, tem 49 anos e é filho de Arnaldo Lopes, neto de Antonio Lopes e bisneto de Pedro Lopes, ancestral comum da família Lopes. Localmente, é reconhecido como um líder político na defesa dos interesses dos moradores da Gameleira de Cima. Dono da única casa de forró da Gameleira de Cima, ele criou a casa de forró há aproximadamente dez anos, mas antes um primo seu já realizava festas de forró no local. Sua casa fica em um ponto estratégico central e de passagem pela comunidade e consta de várias residências adjacentes. A idéia desde sempre era a de poder realizar festas também na Gameleira de Cima, visto que, segundo ele mesmo disse, “em Baixo sempre teve as festas dos negros”. Neném também é responsável pela organização dos

festejos juninos em Gameleira de Cima, evento que reúne pessoas de toda a Serra. Suas filhas organizam, convocam os jovens e coordenam os ensaios da única quadrilha junina da Gameleira que se apresenta fora da Serra.

Esses são os cinco donos de espaço físico – ou casas de forró – e também organizadores das festas na Serra da Gameleira. O Quadro 4 relaciona as cinco casas existentes na Serra, com seus respectivos donos e a sua localização.

	Casa de Forró (como é conhecida)	Dono (responsável)	Local na Serra
1	<i>Forró de Piaba</i>	José Ronildo Domingos	Gameleira de Baixo
2	<i>Forró de Loza</i>	José Félix dos Santos	Gameleira de Baixo
3	<i>Forró de Luiz Besouro</i>	Luiz Bezerra da Silva	Gameleira de Baixo
4	<i>Forró de Neném</i>	Vicente Lopes Pereira	Gameleira de Cima
5	<i>Forró de Neguinho Israel</i>	Israel Souza	Chaves Belas

Quadro 4 – As casas de forró da Serra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o quadro exposto, são três casas na Gameleira de Baixo, uma em Chaves Belas e outra na Gameleira de Cima. Essas são as casas de forró consideradas fixas”, porém, dependendo da motivação, existem casos de outros moradores que organizam sua própria festa de forró em suas residências. Na relação que ocorre entre as pessoas que frequentam esses centros festivos, o forró funciona como elemento integrador, “cimento” social, que une e associa as pessoas da Serra da Gameleira.

2.4.2 O forró “dentro” das casas

Como vimos, aqueles que organizam as festas são também os donos dos lugares conhecidos como casas de forró. Os espaços físicos onde as festas de forró acontecem são lugares fixos, localizados nos próprios domicílios desses donos. Roberto DaMatta (1981), em seu estudo sobre o carnaval brasileiro, coloca “o espaço familiar das casas como espaço de intimidade e as ruas como espaço público” (DAMATTA, 1981, p. 81). Na Gameleira, essa dicotomia não existe, pois o espaço familiar da casa é íntimo, mas também é aberto ao público. Essa realidade nos provoca o seguinte questionamento: qual o significado das festas

de forró acontecerem dentro das casas?

O fato de a casa ser um espaço ao mesmo tempo íntimo e público é de extrema relevância, pois a intimidade entre os donos e as pessoas que freqüentam os forrós é uma dimensão vivida também através dos laços de parentesco. Talvez a participação e popularidade que as festas de forró têm tenham relação com a sensação de se estar em casa, mesmo em um ambiente público, que os moradores da Serra experimentam nesses salões. As festas acontecem dentro do domicílio por facilitar um ponto de apoio para a realização do evento. As fotos a seguir ilustram esse modelo de casa de forró dentro da casa de domicílio.



Foto 7 e 8 – Relação casa de forró x casa domiciliar

As casas de forró demarcam a permanência dos pontos que compõem os lugares festivos de forró descritos nesse trabalho. Tais casas, pela freqüência e tempo com que realizam as festas, tornaram-se reconhecidas como espaços festivos. Desenvolvi a idéia de que em alguns desses espaços, nesse caso o das casas de forró, seriam particularmente propícios à integração e à sociabilidade (REZENDE, 2001).

As casas de forró, enquanto pontos fixos são referências de localização na Serra, pois são facilmente identificados até por quem não é do local. Todas as casas são espaços construídos pelos próprios donos do forró, como indica o depoimento de Israel em Chaves Bela, ao narrar a maneira simples com que ergueu sua casa: “Cimentei e cerquei o salão e ta aí esse espaço que você tá vendo no terreiro da minha casa. É onde faço as festas” (sic). As casas têm que ter um amplo espaço, para que haja circulação de pessoas. As menores casas são a de Luis Besouro e a de Neném, respectivamente localizadas na Gameleira de Baixo e na de Cima. As demais possuem espaço interno equivalente.

Nas casas de forró também ocorre uma divisão dos papéis sociais. Em pesquisa realizada em uma comunidade rural do estado, Albano (2008) mostra que a casa é um espaço

social, no qual a presença feminina é muito marcante justamente por ter essa dimensão do privado. Contudo, nas casas de forró da Gameleira só os homens aparecem. Identificou-se, durante a pesquisa, somente uma mulher que realiza forró⁵¹, mas ocasionalmente. Não existem mulheres donas de uma casa fixa porque somente os homens aparecem nessas atividades ritualizadas.

As mulheres que participam da organização do forró são responsáveis pela venda das senhas na portaria e também pelo preparo das comidas da festa, os tira-gostos. O bar é serviço dos homens. Apesar dos homens serem reconhecidos e aparecerem como os donos das festas, em meio a organização sempre existe a presença de uma mulher, como é o caso de dona Chiquinha, esposa de Loza, que veremos adiante. Esse fator é surpreendente e interessante para aprendermos como ocorre o funcionamento interno dessas “casas” enquanto lugar de relações sociais em seu sentido micro.

Novamente é interessante perceber que o forró, enquanto uma manifestação amplamente coletiva, toma forma partindo de uma dupla dimensão: privada e particular, que é justamente o espaço da casa (DAMATTA, 1981). É importante questionar, ainda, qual o conceito de domicílio que se tinha ao se iniciarem essas festas. Será que a casa era correspondente a um espaço apenas de convivência privada ou eram espaços de vivência comum, através dos estreitos laços de parentesco que são muito presentes nos locais?

No forró de Seu Zé Menino, o que predomina é a fé católica, uma vez que a capela da comunidade foi construída por ele ao lado da sua casa. Mesmo assim, seus familiares se envolvem com as festas organizando o forró da padroeira em outro local que não próximo à igreja. De acordo com Zé Menino, na Serra da Gameleira, as festas sempre eram realizadas num local que também servia como domicílio: “tinha casa aqui que os negros se juntavam à noite toda... dançando forró”. Essa referência é sobre casas antigas, mas nos oferece pistas para compreensão do uso do termo e a sua lógica de utilização atual.

As casas de forró são bastante parecidas em sua estrutura física. A que mais se diferencia é a de Loza, pois é murada. Todas são formadas por amplos espaços abertos que se espalham por toda a Gameleira. As fotos seguintes são das casas de forró de Loza e de Piaba, respectivamente.

⁵¹ Cf. Ilustração XX – Cartazes anunciando festas.



Foto 9 e 10 – Casas de forró na Serra da Gameleira⁵²

Os donos das casas têm, necessariamente, de oferecerem bebidas, como cerveja e cachaça, para serem vendidas, obviamente, pelo dono do forró. Geralmente, a casa é do dono do forró, ou organizador, aquele que fica responsável por toda a estrutura necessária para receber uma festa. Esse espaço festivo pode ser considerado um elemento fundamental da ocorrência do forró, pois está intimamente relacionada à sua origem local. Tais casas são pontos centrais que compõem os trajetos aqui chamados de festivo para articular ao conceito de lugar festivo. A idéia de trajeto aqui está mais relacionada à sua evidência empírica e prática formulada por Magnani (1998), enfatizado a seguir.

2.4.3 Trajetos festivos

Os lugares festivos estão interligados através de um determinado trajeto que possibilita a circulação de pessoas a todo momento, assim como a comunicação e a partilha da linguagem da festa nos diferentes lugares. Esse movimento é tão somente o percurso realizado pela pessoa para ir à festa. Por exemplo, se o acontecimento festivo ocorrer em Gameleira de Baixo, as pessoas que moram no local têm facilidade para chegarem ao espaço destinado ao forró, já as pessoas que moram em Chaves Belas e Gameleira de Cima precisam se deslocar e percorrer certo caminho, aqui nomeado trajeto festivo. O trajeto aplica-se a fluxos num espaço mais abrangente da Serra, ou seja, entre uma e outra casa de forró. Ele é festivo porque o seu percurso também faz parte da festa.

⁵² Ver fotos de todas as casas de forró em anexo.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de percorrer esse caminho. Para observar um forró me desloquei da Gameleira de Baixo, onde estava hospedado, até Chaves Belas, local da festa. O trajeto foi realizado em cima da carroceria de uma caminhonete que estava lotada de forrozeiros, todos em clima de festa, cantando as canções mais lembradas no momento. O sentimento externado naquele percurso de deslocamento de uma localidade para outra era de total euforia, êxtase e expectativa de como a festa seria naquele dia. O gráfico seguinte demonstra o percurso.

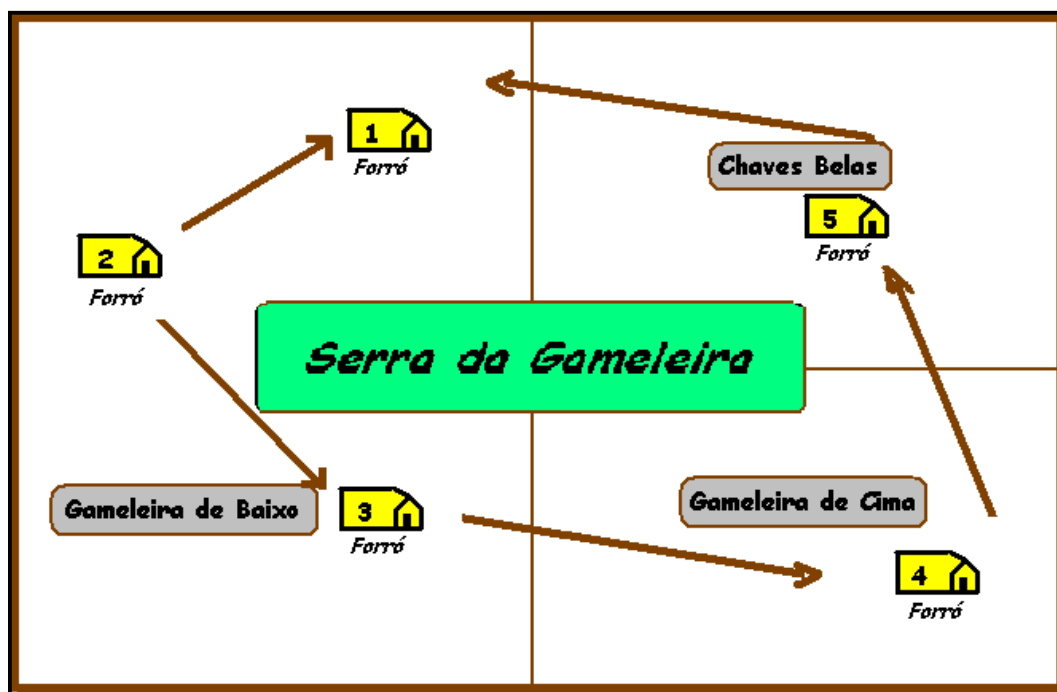


Gráfico 3 – Trajetos festivos.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar neste gráfico que as três localidades estão interligadas em um trajeto que é circular. Pode-se ir da Gameleira de Baixo a Chaves Belas por dois caminhos distintos, que facilitam o acesso aos lugares de festas. Além disso, a imagem revela-nos como as moradias da Serra estão distribuídas e organizadas espacialmente.

A numeração das casas define quem são os donos das casas: (1) Forró de Piaba; (2) Forró de Loza; (3) Forró de Luiz Besouro; (4) Forró de Neném; e (5) Forró de Nequinho Israel. A circulação entre esses espaços é freqüente e o trajeto se realiza semanalmente, dependendo do período do ano. As casas que integram o percurso exposto são locais fixos, no entanto, também pode ocorrer eventos que não sejam necessariamente nesses ambientes.

Os cartazes abaixo divulgavam as festas da Serra no mês de junho. Das cinco casas que compõem o trajeto anteriormente descrito, duas das festas aconteceram nas casas,

respectivamente, de número dois e de número quatro. Um dos cartazes aponta para uma festa realizada em Chaves Belas, mas em uma casa que não é fixa. Isso acontece recorrentemente devido ao mês junino.



Foto 11 – Cartazes anunciando três festas na Serra durante o mês de junho de 2008.

A imagem acima anuncia três festas ocorridas no mês junino. O cartaz superior a esquerda convida os forrozeiros para uma festa na Gameleira de Cima (ou Salgadinho) realizada na casa de forró de “neném” chamada oficialmente de “espaço do vaqueiro”. Acima à direita, com a animação de “Neguinho” é o forró em Chaves Belas na “residência de Lú”. O cartaz de baixo convida para uma festa no espaço casa show, ou melhor, na casa de forró de Loza do acordeon, um tocador antigo que permanece fazendo alunos no forró, os chamados tocadores de hoje.

2.4.4 “Os tocadores de hoje”

As festas de forró na Serra da Gameleira ocorrem com frequência, por isso é um

evento tão importante para compreender a vida dos seus moradores. Nelas incluem-se ocasiões de música e dança⁵³, que aparecem obrigatoriamente nos momentos sociáveis (REZENDE, 2001, p. 1). Para a efetivação desses acontecimentos é fundamental a figura dos tocadores. Afinal, quem são as pessoas que continuam tocando e animando as festas de forró na Gameleira? São indivíduos que vivem para a música e tiveram esse interesse despertado ainda quando crianças. Os tocadores de hoje são personagens primordiais para que as festas continuem acontecendo. Diante disso, reescreverei a história de aprendizado de um sanfoneiro que repassou esse saber e destacar a importância dos demais tocadores.

O primeiro na ordem de importância é Francisco Félix dos Santos, ou simplesmente Loza do acordeon, filho do antigo sanfoneiro Elisbão Gídio. Além de sanfoneiro, Loza trabalha na agricultura e tem um pequeno caminhão que transporta os estudantes para a escola e as pessoas da Serra para a feira de São Tomé, sempre aos sábados pela manhã.

Loza é um jovial senhor de 57 anos, casado com dona Francisca – que prefere ser chamada de Chiquinha. O sanfoneiro recorda-se bem como e quando aprendeu a tocar: “Papai nunca disse coloque dedo aqui ou acolá. Eu que tinha muita vontade de aprender a tocar, mas papai não queria, ele dizia que tocar sanfona era ganhar ponta de cigarro”. Essa declaração demonstra o reconhecimento que os tocadores recebiam – uma espécie de falta de retorno financeiro, pois a figura do tocador possivelmente tinha um status diferenciado, ou seja, era um indivíduo desprestigiado. Loza lembra com orgulho que, apesar das dificuldades, nunca desistiu do sonho de aprender a tocar, a sua vontade era grande e, por isso, enfrentou a opinião de seu pai. Ainda era criança quando começou a se interessar:

Um dia idéie que ia começar a tocar. Eu tinha uns dez, doze anos, ainda não trabalhava no roçado, mamãe que ia mais papai e eu ficava em casa pra cozinhar o feijão. A casa que a gente morava era uma palhoça de taipa. Papai deixava a sanfona dele trancada no quarto e levava a chave. Um dia sai pegando nas varas e pulei pra dentro do quarto. A primeira coisa que eu fiz, ninguém me ensinando, foi arrumar um jeito de começar a tocar e fui fazendo, só de olhar mesmo eu comecei. Aí fiquei feliz de mais, e foi assim, eu fui ficando tão emocionado que um dia deixei a caixa da sanfona aberta. Aí papai chegou e viu.

Ele viu e disse: Quem foi que pegou nessa sanfona aqui? Será que você tá pegando nela escondido?

Eu respondi: Sei não, papai, mamãe não leva a chave?

Ele: É sua sorte, seu cabra safado, eu não lhe dar uma pisa.

Aí eu fiquei com medo, pronto, não vai ter jeito. Quando foi num dia de quinta feira, eu me lembro como se fosse agora, eu pulei de novo e toquei minha primeira música, tinha uma que era a mais tocada nos rádios, era assim: “meu bem vem cá, venha ligeiro, eu vou lhe esperar na sombra do

⁵³ Dedicaremos-nos apenas ao forró enquanto festa, os aspectos musicais e performáticos não serão aprofundados.

juazeiro⁵⁴ [...]”. Eu comecei a fazer as primeiras partes, já sabia que tava pegando o ritmo. (sic) (Francisco Félix dos Santos, “Loza”, 57 anos – Gameleira de Baixo, julho de 2008).

Na declaração de Loza, percebemos o quanto a sanfona era um objeto precioso, por isso ficava trancada, não sendo permitido ninguém mais mexer nela além do tocador. Outro elemento interessante diz respeito à influência das músicas tocadas nas rádios. Era um processo de divulgação de um gênero musical que representava as imagens do interior.

O depoimento a seguir resume com detalhes como foi o processo de aprendizagem de Loza como sanfoneiro, o qual enfrentou todas as dificuldades a fim de aprender a tocar o instrumento.

Surgiu um primo meu, chamado Zé Antônio, através de Chico Preto. Só que ele aprendeu a tocar com Papai, o professor dele era papai. Papai foi o professor dele e não foi meu. Aí eu comecei a aprender mais com o finado Zé Antônio, que era sobrinho de minha mãe. Ele aprendia muito mais, porque pegava todo dia. Um dia ele tava tocando numa festa ali em Salgadinho, aí pedi a sanfona pra ele. Mas ele disse que não dava!

Ele disse: Dou não que você não toca nada.

Eu disse: Então tá certo, e fiquei desgostoso demais.

Aí eu disse: Tanta vontade que eu tenho!

Ele disse: Se você quiser bater pandeiro, venha!

Aí eu achei que ele já estava me humilhando muito porque eu já tocava. O pandeirista dele na época era Pelé, primo da gente. Pelé se embebedou e não podia mais tocar. (sic) (Francisco Félix dos Santos, “Loza”, 57 anos – Gameleira de Baixo, julho de 2008).

Ao saber do que estava acontecendo entre o Loza e Zé Antônio, Elisbão decidiu ajudar o filho na aprendizagem do instrumento. Para isso, começou levando-o para tocar na festas em que participativa: “Eu me lembro a primeira vez que toquei com papai, eu já era grandinho, foi na casa do velho Chico Máximo, era um casamento que ele fez”. Com o passar do tempo, Elisbão percebeu que já era hora de Loza ter sua própria sanfona e tocar sozinho. Foi, então, que comprou a primeira sanfona de Francisco Félix.

[...] Na noite que ele chegou com essa sanfona, que era usada, mas pra mim era zero, era uma faixa assim de umas sete horas. Eu peguei e toquei a noite todinha, papai foi se deitar e pra não fazer zoadas pra ele, saí assim pro lado de fora e fui lá pra debaixo de um pé de pau, fiquei a noite todinha. Quando eram umas quatro horas da manhã, eu entrei, porque eu tinha que ir trabalhar, mas a vontade de tocar era grande. (sic) (Francisco Félix dos Santos, “Loza”, 57 anos – Gameleira de Baixo, julho de 2008).

Esses depoimentos recriam verdadeira encenação da história de Loza do Arcodeon. Se

⁵⁴ Música composta, em 1964, por Elino Julião e Arlindo Alves (SANTOS, 2008).

observarmos minuciosamente os fatos e os argumentos contidos nas versões do sanfoneiro, encontraremos elementos dramáticos da sua vida. A dramatização tem início com o interesse despertado, através da influência dos tocadores da época. Em seguida, a proibição do seu pai, que também era tocador, pois não queria que seu filho seguisse o caminho de sanfoneiro. E, por fim, o pai que antes não permitia, agora ajuda no reconhecimento do talento do filho para se consolidar como um tocador da Serra.

Apesar de ser considerado um sanfoneiro da atualidade, tocando sempre que é chamado, Loza foi contemporâneo de quase todos os tocadores antigos. Ele presenciou as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Segundo o músico, antigamente os forrós eram animados apenas ao som da sanfona e às vezes com pandeiro, nada mais. As músicas não eram cantadas, apenas tocadas. Ele complementa explicando: “Nesse tempo não tinha cantor, tinha que fazer tudo no dedo mesmo, não tinha som, nem palco. Depois foram colocando triângulo. Acho que papai não chegou nem a tocar com a zabumba⁵⁵”. Ele lembra que só na década de 1960 começou a tocar com zabumba e triângulo, pois antes não existia esse tipo de acompanhamento.

Grande parte das entrevistas foram realizadas no alpendre e na sala de sua casa, em Gameleira de Baixo. Em nosso primeiro encontro, Loza se mostrou bastante receptivo. Tivemos, inclusive, a impressão que nossa entrevista havia se tornado um verdadeiro grupo de discussão, pois as pessoas que passavam em sua porta entravam para dar sua contribuição ao que estava sendo debatido naquele momento.

As lembranças de Loza são revividas sempre que ele abre o fole e começa a tocar nas festas. Quando ele abre a sanfona, tem que estar bastante concentrado quando vai tocar para não sair do tom. Demorei vários encontros até que Francisco Felix resolveu abrir seu fole e me apresentar sua sanfona, revelando o enorme carinho dedicado à música e ao instrumento musical. A fotografia seguinte nos mostra sua sanfona. Ela já tem cerca quinze anos e é sua terceira sanfona, pois ao longo das dificuldades que enfrentou teve que se desfazer dos outros instrumentos. Loza afirma um grande apreço por ela e só pretende comprar outra se essa realmente não tiver mais condições de tocar.

⁵⁵ A zabumba se classifica entre os Membranofones – tambores que são percutidos sobre uma pele de animal ou sintética. É uma membrana que entra em vibração e, assim, é responsável pelos sons emitidos. Há um grande número de formas diferentes de tambores (PINTO, 2001, p. 52).



Foto 12 – A sanfona do “mestre” Loza.

Nos últimos anos, Loza tem tocado com a companhia de seu enteado Mecías, considerado por ele como um filho, segundo declaração do sanfoneiro. Há algum tempo, Loza ensina Mecías a tocar sanfona e os segredos do forró. Quando estão se apresentando, Loza e Mecías demonstram um entendimento musical que vai do início ao final da festa. O cartaz na foto a seguir convida todos da comunidade a participarem de um show do grupo “Os feras do forró”, banda que integra o “mestre” Loza do Acordeon, seu discípulo Mecías Show, seu primo Clidenor Gídio e outros parentes.



Foto 13 – Cartaz anunciando festa na Gameleira de Baixo.

Como visto no cartaz, Mecías Show é conhecido como “o sem-vergonha do forró”. Apesar de ter iniciado sua carreira seguindo os passos do pai, o mesmo já conseguiu uma relativa autonomia, sendo reconhecido como um forrozeiro que tem futuro no meio musical.

O próprio anúncio nos revela certa separação entre os organizadores da festa, Mecías e Família. No começo de 2008, o jovem-revelação foi convidado por uma banda da cidade de Santa Cruz - RN, através de um amigo tecladista, para participar da gravação de um show dessa respectiva banda de forró. Nessa participação, Mecías cantou três músicas que ficaram registradas áudio-visualmente em DVD, o que é motivo de orgulho para os moradores da Serra e os parentes do cantor.

O jovem José Mecías conta que seu interesse partiu da influência da presença de Loza e outros músicos tocando e se apresentando na Serra. Ele revela: “Bateu em mim como uma invocação”. Segundo Mecías, a invocação é a certeza de querer seguir aquele caminho, como se ele tivesse nascido com essa inclinação. Isso aconteceu quando ainda era criança: “Uma vez, quando eu era menino, acho que tinha uns sete anos, eu fui a um forró e vi meu padraço (Loza) tocando, aí eu me aproximei e fiquei olhando, prestando atenção e ele me chamou pra pegar o triângulo”. Loza, que nunca teve filhos, procurava um pupilo para ensinar-lhe o forró e Mecías apareceu em um momento favorável para isso. Hoje eles compõem um grupo musical que se apresentam nos forrós da Serra e nos forrós que eles mesmos organizam.

É preciso indicar que os tocadores acima escolhidos fazem parte de uma radiação de sanfoneiros que se desenvolve no meio familiar através das festas de forró. Reconstituiu-se como se deu o aprendizado desse saber unicamente para mostrar a importância que os tocadores antigos, que aparecem na memória dos mais velhos, exercem para as gerações atuais e estas para a continuidade das festas. Porém, é preciso lembrar que os tocadores atuantes não se restringem a apenas esses.

O quadro seguinte apresenta seis dos principais tocadores da Serra, com seus respectivos instrumentos e suas idades. É importante perceber que esse quadro diferencia-se do anterior no que tange à variabilidade dos instrumentos tocados. Se no quadro dos tocadores antigos a sanfona era maioria, neste ela permanece, mas ao lado de outras técnicas especializadas.

	Tocador	Ofício musical	Idade
1	José Félix dos Santos – Loza	Sanfoneiro	57
2	Clidenor Félix dos Santos	Panderista/ Triângueiro	48
3	Ivan Domingos	Zabumbeiro	31
4	Anderson Domingos	Triângueiro	25
5	José Mecías	Vocalista/Sanfoneiro	22
6	Arnaldo Lopes Pereira Neto	Sanfoneiro	16

Quadro 5 – Os tocadores de hoje.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse quadro demonstra ainda a importância das famílias na continuidade de um saber musical. Os tocadores acima relacionados estão em plena atividade e juntos fazem as festas acontecerem. Eles têm um papel central para que as reuniões aconteçam nas festas. Assim é a realidade festiva e musical na Serra, uma história que inclui o saber de ser tocador, um tipo de herança passado através de gerações e atualizado de acordo com a realidade atual.

2.4.5 Forrozeiros e animadores

Forrozeiros são as pessoas que freqüentam com regularidade as festas de forró na Serra da Gameleira. É uma categoria fluida, pois não existe uma quantidade numérica precisa que venha a determinar os forrozeiros. As pessoas entrevistadas na Serra se consideram participantes ativas das festas. O forrozeiro ouve e dança forró, espontaneamente, o ano todo. Seu repertório não é limitado, apenas dirigido a um gosto musical comum sancionado temporalmente pelos moradores da Serra e seus moradores não têm o mínimo interesse em escutar ou dançar outras músicas.

É interessante notar que vários forrozeiros locais extrapolam os limites de ocorrência do forró apenas no espaço da Serra. Em conversa com alguns familiares, pude perceber a importância em sair durante os forrós nos arredores: “O bom é ir também a festas em outras comunidades, pois a pessoa fica mais ‘desenrolada’”. Esse depoimento frisa a relevância que as festas adquiriram na Serra e que ser forrozeiro é poder acompanhar o forró nos circuitos locais e até mesmo extrapolando esse circuito mais restrito, é a necessidade de viver “uma diferenciação contínua e sistemática dos iguais” (DAMATTA, 1983, p. 149), é diferenciar-se

em relação às pessoas de dentro e de fora da Serra.

Outro personagem fundamental para a ocorrência das festas são os animadores. Animar uma festa de forró é fazer conectar os lugares festivos. Geralmente, os animadores não moram na Serra, eles são ou de Lajes Pintadas ou de São Tomé, uma vez que nessas localidades existe o acesso ao veículo de comunicação local, como a rádio. O sentido da presença do animador, na verdade, se confunde com o de divulgador. As pessoas que divulgam as festas têm esse papel de levar o forró da Gameleira para pessoas de fora da Serra também poderem participar. Os animadores elaboram e imprimem os cartazes para serem colados nos locais onde a festa acontece e em suas proximidades. Faz-se essa divulgação também no boca a boca, quando encontra-se amigos e conhecidos na rua. Os animadores aproximam-se do que seria um produtor musical, mas se limitando exclusivamente à divulgação. Essa atividade revela, também, o grau de relação que uma pessoa de fora pode manter com os moradores do lugar, efetivando-se por meio das festas de forró.

Se a festa não tem muita presença de público externo, pois as pessoas da Serra já têm sua participação assegurada, a responsabilidade maior é desse animador que não fez bem o seu trabalho. Isso significa que a renda da festa foi pequena e, por isso, o animador não irá receber o pagamento total combinado. Comumente, o animador é sempre o mesmo em cada um dos municípios, já que não existe uma variedade de pessoas que se envolvam a esse ponto com as festas. A missão central do animador é chegar até o forrozeiro, outro personagem central, para que as festas se realizem.

Diante do exposto neste capítulo, pudemos perceber de que maneira se articulam os lugares festivos de ocorrência dos forrós na Serra da Gameleira. Entendemos que a estrutura se firma num eixo que envolve fatores importantes – como organização das festas, trajetos festivos e casas de forró –, além dos personagens fundamentais para a organização e sucesso desse circuito: donos dos forrós, os tocadores, os forrozeiros e os animadores, a fim de atrair o público e efetivar uma sociabilidade tradicional entre os membros da comunidade local.

CAPÍTULO III

ANOITECER E AMANHECER NO FORRÓ DO LOZA: ETNOGRAFIA DE UMA CASA DE FORRÓ



Foto 14 - Loza do Acordeon, Chiquinha e Mecías Show: uma família de forrozeiros

Passaram a noite toda, cantando mulher rendeira, dançando e bebendo pinga ao redor duma fogueira, tocando e batendo o pé e levantando a poeira⁵⁶.

Nesse momento, serão centrados os esforços etnográficos na tarefa de descrever sistematicamente uma festa de forró na Serra da Gameleira a partir da observação direta. As casas onde as festas acontecem são lugares centrais na constituição de uma rede festiva que integra praticamente todos os moradores da Serra. Nesse sentido, elegeu-se a casa de forró de Loza do Acordeon como espaço festivo propício aos encontros dos grupos que vivem na Serra, ou seja, como um espaço de sociabilidade (REZENDE, 2001).

A opção por apenas um ambiente festivo como foco de estudo se justifica em virtude da recorrência de festas realizadas nesse mesmo local. Todavia, o evento proposto servirá de modelo para os demais, pois está inserido em um determinado contexto etnográfico (SEGALEN, 2002) em que os elementos e aspectos gerais utilizados seguem um padrão estabelecido, como já explicitado.

A escolha pela casa de Loza teve como fatores decisivos a afinidade estabelecida ao longo da pesquisa de campo e o reconhecimento musical do sanfoneiro na região. O contato direto com o tocador proporcionou a oportunidade de aproximação com os espaços festivos e o mundo das festas de forró dos moradores da Serra. Além disso, as extensas conversas sobre os mais variados assuntos, as refeições realizadas na casa de Loza, o bom humor e receptividade em responder as perguntas, acabaram por estreitar os nossos laços, o que enriqueceu bastante o trabalho. Ele foi acompanhado nos mais variados eventos, nos quais pude realizar o registro de imagens de suas apresentações e vivenciar a realidade estudada. A foto abaixo retrata uma das entrevistas realizadas na casa de Loza.

⁵⁶ Cordel: **Lampião em Serrinha** (CAVIGNAC, 2006. p. 159).



Foto 15 – Loza em sua casa durante uma das entrevistas.

Nossa análise terá como referencia a questão do tempo de ocorrência de uma festa de forró. Como lembra Martine Segalen (2002, p. 31), o sentido essencial da atividade ritual é “combinar o tempo individual e o tempo coletivo”. Apesar da variabilidade temporal, as festas de forró se caracterizam pelo seu tempo de duração: começa logo ao anoitecer, se estende pela madrugada e termina com o amanhecer⁵⁷. Dessa forma, ir a uma festa de forró na Gameleira é anoitecer e amanhecer em um lugar festivo que obedece a uma seqüência de acontecimentos.

São várias as etapas que permeiam o ambiente da festa: a entrada, o encontro, o momento de comer e beber, as conversas, a dança. O que acontece no início jamais permanece até o final e há sempre uma rotatividade de pessoas indo e vindo. A festa somente começa quando o salão torna-se cheio de forrozeiros com os pares dançando. Nunca acontece do salão não lotar, até porque sempre ficam pessoas do lado de fora na expectativa do sucesso da festa ou do preço da portaria baixar para poderem entrar, o que aumenta a circulação de pessoas e determina a presença dos diferentes grupos no interior da festa. O final da festa se aproxima quando ela começa a “fraquejar” em termos de público.

Dos quinze eventos listados e acompanhados na Serra da Gameleira, participei de cinco. Através da observação direta, foi possível compreender as minúcias constituintes em uma festa de forró, desde suas etapas, seus objetos, sua linguagem e signos, até os comportamentos específicos (SEGALEN, 2002). Para análise dessa realidade, selecionei uma festa realizada em 21 de junho de 2008, integrante das comemorações juninas e do tempo de fertilidade.

⁵⁷ De acordo com informação de João Batista Domingos, algumas festa na Serra duram até duas noites diretas sem intervalo.

3.1 “EU TOCO NO MEU FORRÓ”

Era um dia de sábado e todos da região se aprontavam para festejarem com muito forró a boa colheita e agradecer ao santo da virtude e da alegria: São João. Na entrada, o pequeno portão de madeira estabelece os limites para participar da festa. Todavia, essa fronteira é bastante tênue, como revela Loza: “não deixo juntar muita gente do lado de fora, o caboclo tem que entrar com o dinheiro que tem”. De fato, observou-se que nos forrós de Loza existe uma negociação com o público logo na entrada. São negociações individuais, mas que acontecem com frequência: quando uma pessoa não tem o dinheiro completo para pagar, pede para chamar Loza ou a sua esposa, que prontamente faz os devidos ajustes para que a pessoa possa participar da festa. Pelo que se pôde perceber, essa regra não acontece apenas nos forrós de Loza, mas em todas as festas na Serra.

As casas de forró da Gameleira possuem vários aspectos em comum, no entanto, a casa de Loza se destaca das demais por apresentar um grupo de tocadores de forró do qual o próprio dono do espaço participa e lidera. A casa de Loza localiza-se na Gameleira de Baixo e é a única da região cercada por muros. O sanfoneiro tem um cuidado especial com a aparência da sua casa, a fachada é pintada, há sinalizações indicando o local da entrada, da bilheteria, entre outros. O espaço tem um palco em frente à entrada e conta com uma cobertura improvisada de palhas de coqueiro e lona plástica. O piso é dividido em duas partes: uma coberta apenas pelo barro batido e outra, mais ao centro do salão, cimentado. O desejo de Loza é construir um bar dentro do salão da festa, já que precisa improvisar um local para venda de bebidas e comidas. Frequentemente, a casa de forró se torna uma extensão da casa domiciliar e o contrário também ocorre em dias de festas. Ou seja, não existem limites precisos entre os ambientes, os lugares se combinam e se comunicam.



Foto 16 – Limites imprecisos: casa de forró e casa domiciliar.

A fotografia⁵⁸ acima demonstra a percepção diária que as pessoas têm em relação à festa, quando uma casa é amplamente reconhecida como sendo uma casa de forró, atribuindo à esse espaço caráter festivo e, de certo modo, público, onde a população local vivencia relações de sociabilidade (SIMMEL, 2006).

É preciso lembrar que as festas são atividades ritualizadas e seguem uma ordem pré-estabelecida. Os espaços físicos onde ocorrem esses eventos são as casas de forró. Tais casas devem ser pensadas enquanto espaços de sociabilidade, pois se encontram fixados, estabelecendo um lugar festivo. A casa de Loza é um dos três lugares festivos da Gameleira de Baixo.

⁵⁸ Não é nossa intenção pensar sobre a utilização de fotografias no texto etnográfico, mas faremos uso destas com o objetivo de poder explorar melhor o campo e o objeto pesquisado, pois as fotografias retratam a vida aproximando-se de uma realidade, e a experiência de pesquisa de campo, vivenciada através da relação pesquisador x pesquisado. Não utilizei a máquina fotográfica exaustivamente, mas sim em situações favoráveis ao seu uso, por isso não problematizo as imagens enquanto ferramenta de pesquisa.

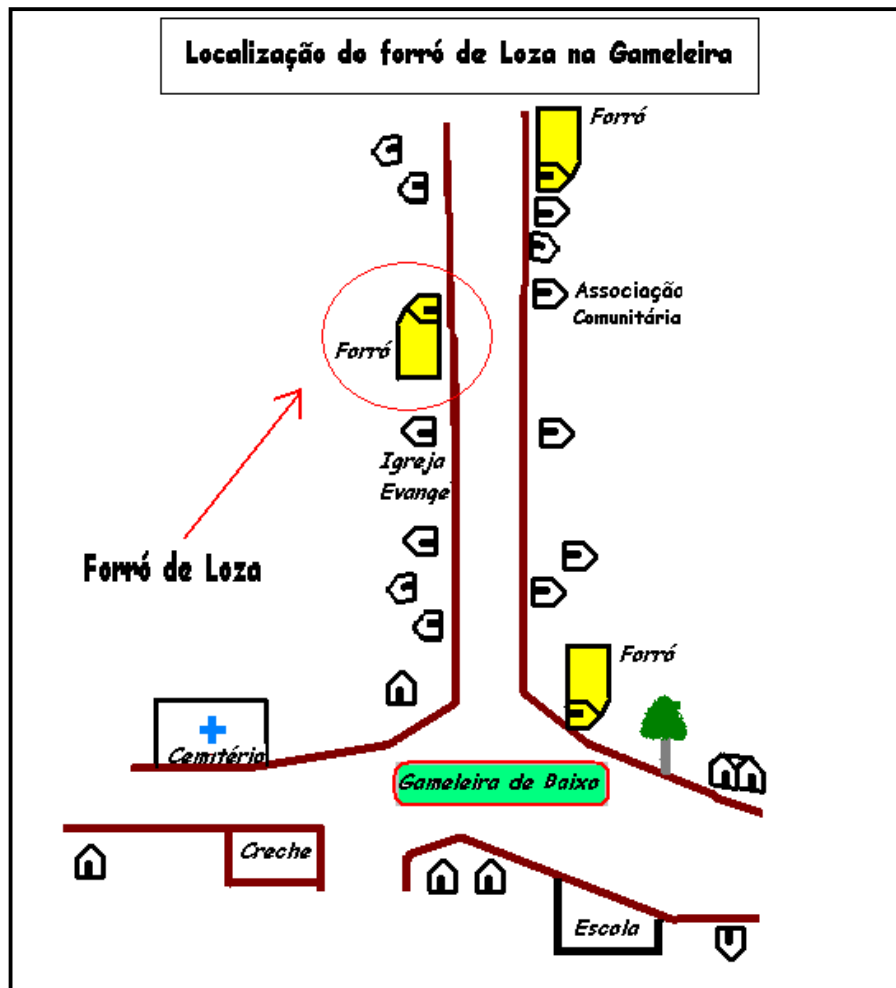


Ilustração 9 – Localização do Forró de Loza.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse é um dos locais que acontece uma sociabilidade festiva, a partir dos encontros nesse respectivo lugar de festa. Esse momento é vivido, com um vigor a mais pelo “dono” da casa: o sanfoneiro Loza, como é mais conhecido, orgulha-se em poder tocar em seu forró. Apesar de possuir sua própria casa de forró, Loza também toca em outras casas e até mesmo em localidades vizinhas à Serra da Gameleira quando é convidado. É de fundamental importância para o sanfoneiro e os demais moradores da Gameleira realizar e participar das festas de forró durante todo o mês de junho e julho – meses que comemoram os dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e Sant’Anna. Nesse período, as festas ganham um significado religioso, quando as pessoas fazem votos para esses santos trazerem dias mais chuvosos, férteis e de fartura.

Mas, como são as etapas de uma festa realizada no espaço de Loza? Para que o forró de Loza aconteça, todos os envolvidos na organização precisam cooperar. É um esforço

coletivo que conta com familiares e pessoas próximas ao sanfoneiro. Chiquinha, esposa de Loza, é a responsável pelas comidas e pela portaria. Geralmente tem o apoio de uma sobrinha, que cuida também da cozinha e sempre encontra um jeito de escapar para o salão, nem que seja para dançar uma música. Os ajudantes podem variar dependendo da festa. Na festa em que a pesquisa participou, duas pessoas estavam ajudando na cozinha – a sobrinha e a mãe de Loza. Clidenor Gídio, Mecías Show, Anderson Domingos, os integrantes da banda, também participaram na elaboração do evento.

Na organização do forró de Loza, primeiramente há a divulgação da festa, espalhando-se cartazes pela Serra e comunicando-se o evento na rádio da sede do município. Além disso, os próprios tocadores, durante a festa, divulgam o local, o dia e quais músicos irão tocar no evento seguinte. Em seguida, Loza compra as bebidas na cidade, como cachaça, conhaque, catuaba, cerveja e refrigerante. No dia da festa, os comerciantes fazem a entrega das bebidas. Em seguida, Chiquinha passa o dia preparando as comidas. Como veremos adiante, a maior parte são as “comidas de milho”. Loza ainda ensaia no final da tarde o repertório que a banda irá tocar à noite, o que é fundamental para não se “fazer feio”.

A preparação da festa envolve diversas atividades e colaboradores, movimentando o interior da casa. Mas, apesar de os limites entre casa de forró e casa domiciliar serem fluidos, o espaço de festa tem uma divisão interna com ambientes próprios para cada coisa acontecer. Por exemplo, não se pode dançar no domicílio, uma vez que a dança deve ser experimentada no coletivo e, por isso, dançar sozinho ou em outro ambiente não faz sentido. A imagem seguinte é da casa de Loza do Acordeon e dos seus devidos espaços internos.

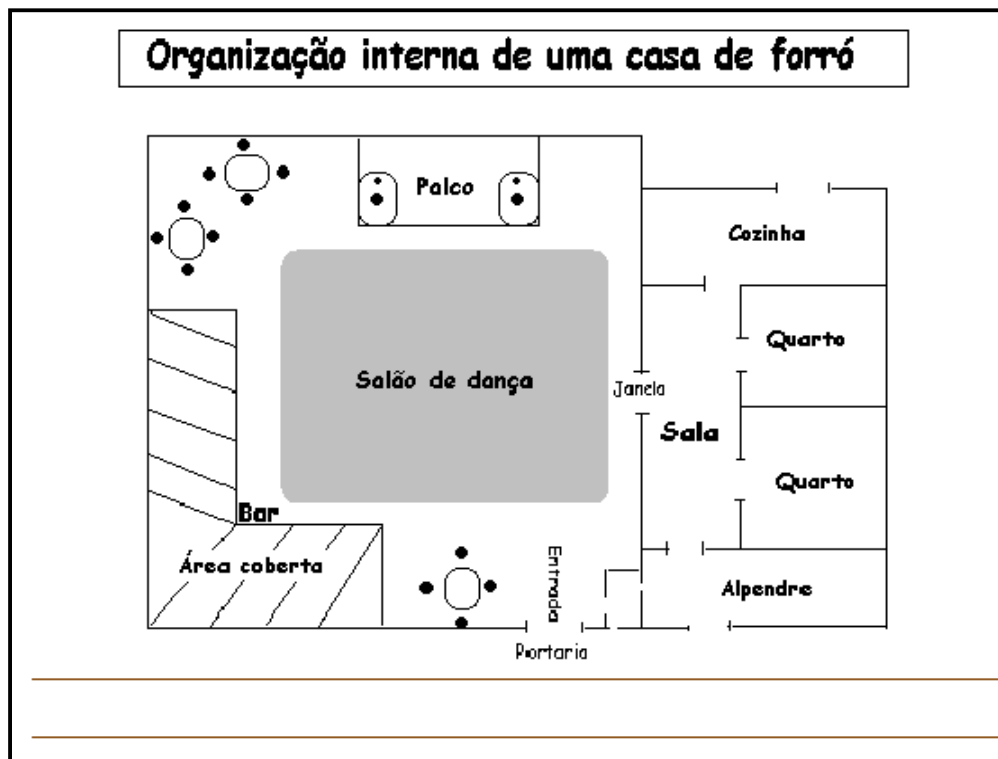


Ilustração 10 – Organização interna de uma casa de forró.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa imagem nos informa sobre um determinado espaço no qual ocorrem tanto atividades festivas quanto domiciliares. Não existem limites precisos, característica recorrente entre todas as casas de forró. No sentido geral, a festa acontece nos dois lugares, pois existe uma comunicação intensa entre os espaços. O salão é o local preferido pelos freqüentadores de forró, já que é o espaço destinado para os casais “dançarem um forró”. Circulei por todos os locais da casa de Loza, explorando o que acontecia neles e quem ali estava.

Tudo isso só foi possível após a chegada e a entrada na festa. Até chegar e entrar na festa outros fatos ocorreram, ou seja, houveram outras etapas sucessivas como veremos a seguir.

3.1.1 Um encontro para um forró

Dezessete horas, fim de tarde: as pessoas começam a se preparar para ir ao forró na casa de Loza. Enquanto isso, permaneço atento, observando a circulação dos moradores,

tentando compreender o que causa tanta euforia e entusiasmo entre eles. Estamos no mês de São João⁵⁹, período em que mais concentra ocorrência de festa de forró durante todo o ano na Gameleira. Os forrós, nesse mês, são especiais, pois ocorrem durante um período de abundância nas mesas das casas dos moradores.

Estou hospedado na casa de Severino Domingos, presidente da Associação Serra de Gameleira de Baixo. Todos em sua casa, especialmente seus filhos, se preparam para irem à festa. Diferentemente do que se possa imaginar, não são apenas os jovens que vão aos forrós, os mais idosos também entram na dança com muito vigor.

Existe toda uma forma ritualizada para se preparar para ir a um forró. É um acontecimento importante e não participar de um forró é algo inconcebível para quem mora na Serra. A justificativa na Gameleira para se faltar um forró é “uma doença que deixe a pessoa sem andar”.

Ligados por uma vontade comum, todos na casa de Severino me perguntam se “vou ao forró”. Também me aponto para o evento, mas tentando não causar muito espanto entre eles, pois sei que minha presença já interfere no ritmo dos acontecimentos da festa. Ao anoitecer, na casa de Severino, seus três filhos já estão prontos. Aos poucos, seus primos e amigos mais próximos vão chegando, se animando, se reunindo, até chegar a hora da festa começar. A espera acontece em um ponto estratégico de maior movimentação de pessoas e segue uma ordem baseada no parentesco e na afinidade. Suas conversas demonstram expectativa em relação à festa que está por vir e concentra as pessoas que já estão à espera e aguardam os atrasados.

A espera acontece antes da saída das pessoas para a festa. A concentração aconteceu no alpendre da casa de Severino. Nesse momento três jovens, Janilson, Janielson e Hilson, filhos de Severino Domingos, já estavam prontos para a festa. Um a um vão chegando, quem chega primeiro é um primo que é muito amigo de Janilson. Eles conversavam entre si a espera dos demais, pois marcaram de saírem juntos. Logo, percebi que eles não queriam me deixar de fora da conversa. Repentinamente nove jovens estavam presentes no alpendre. Suas conversas demonstram expectativa em relação à festa que estava por vir. Essa reunião concentra as pessoas que já estão prontas e aguardam os “atrasados”. Começam os comentários entre eles sobre as roupas que vestem para irem à festa, entre outras coisas o

⁵⁹ No período junino também ocorrem ensaios de um grupo de quadrilha que representa a Serra nas apresentações fora da Gameleira. O grupo que faz parte da quadrilha é composto pelos mais jovens moradores da Serra e se apresenta nos municípios mais próximos. Os ensaios acontecem na Gameleira de Cima, onde todos os jovens – de Gameleira de Cima, de Baixo e de Chaves Belas –, se encontram.

assunto principal é a festa que está próxima.

A foto a seguir demonstra a expectativa dos jovens antes das festas de forrós. No momento que antecede a festa, os jovens tentam mostrar para os demais que estão na moda, com roupas novas, botas ou tênis, bonés, celulares com fones de rádio. Quando perguntados sobre a razão de freqüentarem esses locais, eles respondem que vão para se divertir, dançar, beber, namorar e ouvir as músicas, pois eles sabem a maior parte das letras e cantam juntos, tudo é pela diversão.



Foto 17 – Encontro dos forrozeiros antes da festa começar.

Essa concentração agrega os jovens a partir do sexo: rapazes esperam juntos com outros rapazes. A aproximação com as mulheres só ocorre na hora da dança. É como se o encontro entre os sexos só tivesse validade no interior da festa. O propósito é chegar à festa apresentando-se como novidade, modificando a rotina dedicada apenas ao trabalho no roçado.

Como dito no capítulo anterior algumas casas da Serra, tem pequenos comércios que vende um pouco de tudo. A casa de Severino não é diferente, por isso a mensagem na fachada na imagem anterior. Trata-se de um recado para os que querem comprar sem pagar. O chamado “fiado”, comprar e pagar depois (às vezes bem depois) ou quando puder. Interessante que esse “pagar” pode ser feito mediante troca, se você não tem como pagar com dinheiro, pode dar uma galinha, um objeto, um animal de caça etc.

A espera termina quando a maioria se encontra e já se aproxima a hora da festa. Geralmente o forró em Loza começa bem cedo – é uma regra de suas festas. Segundo Loza, a festa que começa cedo é mais organizada e ganha respeito entre moradores e não existe a

possibilidade de só começar tarde da noite, pois quem quer dançar e brincar direito chega cedo.

Quando está na “hora de sair” todos vão juntos, eu os acompanhei de perto, quando Janilson Domingos disse em voz alta: “Ta na hora de sair, quem vai, vamos!”. Apesar de conhecerem muito bem todas as estradas da Gameleira, Janilson iluminava o percurso com uma pequena lanterna, pois como o forró de Loza é próximo, a caminhada não é tão comprida. Se o forró é na Gameleira de Baixo íamos caminhando, mas se era em Chaves Belas ou em Gameleira de Cima, nós partíamos em caminhonetes ou de moto. Janilson me disse que o habitual é irem a pé, a todas as festas, pois são lugares bastante próximos, mas como eu estava junto, eles não queriam que eu andasse muito pelo “mato escuro”, pois eu não conhecia os caminhos. Logo avistamos uma pequena concentração de pessoas do lado de fora do forró. Já é hora de entrarmos na festa.

3.1.2 A portaria

Chegando ao forró do Loza, ainda na entrada, as pessoas olham-me curiosas. Naquela ocasião, mesmo estando acompanhado de moradores locais, me vêem como uma presença estranha das que habitualmente freqüentam o forró. Algumas pessoas, conhecidas em outras ocasiões, me cumprimentam e perguntam se gosto da festa.

O movimento de pessoas ainda é bastante reduzido, tanto do lado de dentro quanto do de fora, provavelmente devido ao horário (vinte horas). Apesar de Loza fazer questão de começar cedo, a maioria das pessoas só se dirige para a festa um pouco mais tarde, depois das vinte e uma horas.

A entrada para a festa custa cinco reais e somente os homens são obrigados a pagar. Essa política de mulher não pagar é comum entre os donos de festa. Hermano Vianna observou a mesma conduta em seu estudo (1988, p. 72) e não ofereceu uma explicação plausível para tal ocorrência. Podemos supor que essa prática seja uma forma de atrair mais homens para as festas. No entanto, na Serra a cortesia para mulheres trata-se de uma regra, como defende Loza “O certo mesmo é mulher não pagar”.

A pessoa encarregada de ficar na portaria está orientada a cobrar um determinado valor para todos que queiram entrar. Porém, quando um forrozeiro não dispõe do valor completo, logo recorre a quem está hierarquicamente acima da portaria – nesse caso, o dono

do forró. Isso ocorre devido às estratégias de solidariedade existentes entre os moradores. No entanto, não quer dizer que seja fácil entrar sem pagar, mas Loza analisa cada caso pessoalmente, já que todos se conhecem ou são parentes na Serra.

A responsável pela portaria na casa de Loza é a sua esposa, Chiquinha. Segundo ela, as noites de festas são sempre de lucros: “aqui nós nunca tivemos prejuízo”. No entanto, por ter de cuidar dos outros afazeres da casa, como o preparo da comida, geralmente ela recebe auxílio de sua sobrinha. Geralmente, nas casas de forró, a venda dos ingressos ficam à cargo das mulheres, por terem maior habilidade com o dinheiro.

Ao entrar no forró, já me deparo com a banda “Os feras do forró” animando a festa, porém, apenas ao som da sanfona, do zabumba e do triângulo. A atração principal, Mecías Show, começaria logo em seguida. Ao me ver entrar no salão, Loza me saúda ao microfone: “Um abraço, meu amigo Flávio!”. É visível em seu rosto a alegria de me ver participar de um evento tão importante para os moradores da Serra, dedicado ao São João e marcado por características tão diferenciadas. Além disso, a minha presença também traz prestígio para festa, pois nesse instante sou visto como uma pessoa de fora que foi à Serra especialmente para participar do ato festivo.

Com o decorrer da noite, percebo que o momento mais esperado da festa é quando os casais se formam e vão dançar no salão. Os filhos de Severino, juntamente com seus amigos, se apressam em encontrar um par. Surpreendo-me sendo convidado para entrar na dança e participar mais efetivamente do forró – o que não posso recusar e danço uma música. Grande parte do espaço da casa é reservado para as danças, uma vez que é no salão onde tudo acontece. No entanto, nem todos os freqüentadores de forró vão para as festas com a intenção exclusiva de dançar. Os moradores da Gameleira também vão ao forró para conversar com os parentes e vizinhos questões que envolvem grande parte dos moradores locais, assim como beber, comer, ouvir música – as possibilidades de interação nesse ambiente são múltiplas, o que é fundamental para se compreender o real significado da festa.

3.1.3 Comidas e bebidas

Festa, comes e bebes é uma combinação que acontece muito recorrentemente (DAMATTA, 2001). Uma característica intrínseca às festas é o aspecto gastronômico que lhe é próprio. Na Serra, as pessoas permanecem um longo tempo dentro das casas de forrós e,

nesse intervalo, se alimentam com pratos que fazem parte do sentido de festejar. Em todos os forrós da Gameleira, as comidas e as bebidas são elementos presentes que satisfazem ainda mais a presença dos freqüentadores da festa. Comer e beber em um ambiente coletivo é compartilhar sabores e vivenciar regras alimentares próprias.

Na casa de forró de Loza também ocorre com regularidade comercialização de bebidas e comidas e é sua esposa quem prepara os alimentos que serão vendidos na festa. O papel da mulher na organização da festa é preparar as refeições e auxiliar nas vendas do bar. Graças a esse trabalho, a festa segue o seu desenrolar regrada por um variado cardápio.

Observo que no início da festa a procura por bebidas é reduzida, até porque muitos estão dançando. A banda “Os feras do forró” já tocam há mais de uma hora e o salão está cheio de casais dançando quando, de repente, Chiquinha e sua auxiliar começam a levar para o bar da festa pratos de comidas. Entre o intervalo de uma música e outra, as pessoas começam a procurar o que comer e o que beber.

A festividade na casa de Loza é dedicada a São João, por esse motivo tudo o que acontece nesse forró é diferenciado, até mesmo as mesas estão mais fartas, prevalecendo as receitas preparadas com o milho colhido nas plantações, como milho assado e cozido, pamonha, canjica, bolo de milho (CASCUDO, 2004) e também as comidas habitualmente servidas, como o churrasquinho e o caldo quente

No período junino, o milho é o ingrediente essencial na alimentação dos moradores da Serra. O preparo é um tipo de trabalho coletivo, realizado apenas pelas mulheres. Acontece exclusivamente no espaço doméstico da cozinha, ao final da tarde. Depois das espigas de milho serem colhidas e estarem à disposição, o trabalho inicia-se nos diferentes espaços de preparo de alimentos da casa: as cozinhas (ALBANO, 2008; DANTAS, 2008). Descascar, ralar, cozinhar, o objetivo é preparar pratos para serem apreciados durante a festa. Depois de prontas, as comidas ficam guardadas na cozinha da casa domiciliar e somente são levadas para as casas de forró na hora de serem comercializadas. Para complementar esses pratos, Chiquinha prepara outros, utilizando a carne dos animais das pequenas criações: galinhas, porcos e bodes. Nesse dia, Chiquinha preparou todos os pratos com muita dedicação, a fim de confirmar que na Gameleira “o bar mais diversificado em termos de comida é o dela”. De fato, não se ouve qualquer reclamação relativa aos alimentos oferecidos e todos parecem bastante satisfeitos.

O bar na casa de Loza é improvisado para os dias de festa com uma bancada externa e palhas de coqueiro ao redor e em cima. Observando a movimentação do bar, compreendo um pouco do seu funcionamento interno. Duas pessoas, geralmente, são as responsáveis pela

comercialização das comidas e bebidas. Nesse dia, a namorada de Mecías cuida do bar e um sobrinho de Loza da entrega dos produtos. Os dois, apesar de estarem em serviço, também aproveitam para se divertirem entre uma música e outra. Chiquinha, por sua vez, faz a fiscalização do trabalho dos ajudantes e abastece o bar.

As estratégias de solidariedade continuam a acontecer dentro da festa. Quando uma pessoa está sem dinheiro para beber, o normal é que um amigo pague. No dia da festa, um dos filhos de Severino – Hilson Domingos – paga as primeiras rodadas de bebidas dos seus amigos (refrigerante como cachaça), assim como de uma pessoa que não é do grupo, mas que é da Gameleira de Baixo e é parente. Comumente, esse tipo de agrado é retribuído. No caso exposto, por exemplo, minutos depois o primo de Hilson volta com um tira-gosto em agradecimento pela bebida. A recusa dificilmente acontece, já que as trocas ou agrados são realizados entre pessoas conhecidas. Mas a solidariedade só ocorre internamente aos grupos, é raro alguém da Gameleira de Cima pedir algo para alguém da Gameleira de Baixo ou de Chaves Bela.

O encontro na festa é duradouro. O evento em si consta de momentos diversificados, mas o encontro é percebido como um componente universal que perdura a noite toda. As pequenas reuniões entre amigos acontecem com maior intensidade quando estes se encontram ou se dirigem ao bar. O espaço da festa pode ser, assim, entendido como um lugar de circulação e interação de pessoas e assuntos diversos. Mas, como isso ocorre?

3.2 “O SALÃO TÁ CHEIO? ESSE FORRÓ VAI DAR BOM!”

Todos os aspectos que permeiam a festa de forró – a dança, a música e o salão – são percebidos como elementos possuidores de um mesmo significado. Quando alguém usa o vocábulo forró, pode estar se referindo a uma música – “aquele forró novo”; a uma dança – “eu dancei aquele forró com fulano”; ou ao local da festa – “eu fui ao forró de Loza”. Esses três termos estão integrados em um único sentido: a festa. As festas de forró são vividas pelas pessoas como locais de encontro e de ampla circulação. Segundo Rezende (2001, p. 1), na festa inclui-se ocasiões de música e dança que aparecem “obrigatoriamente nos momentos sociáveis”. Em alguns momentos, durante a entrevista, tive dúvidas sobre qual aspecto o interlocutor aludia ao falar do forró, por isso, resolvi estipulá-lo como categoria geral que compreendesse as três dimensões – lugar, dança e música – das festas as quais vivenciei para

compreender melhor a aceção que as pessoas lhe atribuem.

Já se aproxima da meia-noite e os casais continuam dançando sem demonstrar quaisquer sinais de cansaço. Os momentos de pausa são ocasionais, apenas durante os pequenos intervalos entre uma música e outra. O salão está completamente lotado, a sensação que tenho ao perceber a quantidade excessiva de pessoas ao redor é de que o espaço de repente diminuiu. Observo que a circulação e o encontro se intensificam, em comparação com o início da festa. Como a participação e o número de pessoas aumentam significativamente, o evento fica, segundo Loza, com “cara que ia dar boa”.

Em decorrência de estar centrado na circulação e no encontro entre as pessoas, chamo atenção para três pontos favoráveis que considero igualmente relevantes para a ocorrência e aspectos gerais da festa: o público, ou seja, as pessoas que freqüentam e circulam no local; a banda, no caso os tocadores e cantadores que são responsáveis pelas músicas e animação da festa; e, por fim, o sentido de partilhar os momentos festivos em todos os seus aspectos, que abrangem o encontro e a sociabilidade. Estes três pontos foram percebidos a partir de uma observação que não inclui apenas a participação nesse forró específico, mas também a minha imersão no conjunto das demais festas de forró da Gameleira.

3.2.1 Sobre os forrozeiros

No auge da festa, depois da meia-noite, começo a prestar atenção e observar os detalhes sobre quem são as pessoas que se fazem presentes nesse espaço de diversão e encontro. Olho ao meu redor e todos estão profundamente concentrados na dança. De repente, um jovem, sobrinho de Severino, vem até mim e pergunta se a festa está ruim, pois eu danço pouco. Fico constrangido e respondo que a festa está boa, mas que o cansaço está chegando. Ele olha-me com um ar de questionamento. Só depois compreendo que para os moradores da Serra é inconcebível ir à festa e não dançar, ainda mais se sentir cansado na metade da noite. A recusa ao convite para uma dança é vista como um desrespeito e estes comportamentos são rejeitados, assim como a pessoa que a fez. Além disso, na Gameleira, não são apenas os homens quem têm a iniciativa de fazer um convite para uma dança. É comum as mulheres se dirigirem e convidarem os homens para dançar. Sou convidado algumas vezes para dançar por jovens que me conheciam das entrevistas realizadas em suas residências, mas danço pouco, apenas o suficiente para evitar a recusa e compreender melhor os demais elementos que

compõem a festa.

Muitos jovens, homens e mulheres, vão ao forró também para paquerar. Segundo os forrozeiros, “no forró tudo pode acontecer”. Geralmente, os pais deixam seus filhos livres para dançarem, se divertirem e namorarem nas festas. Porém, os pais mais cautelosos preferem acompanhar seus filhos, principalmente aqueles mais jovens.

Ao perceber que o salão está completamente “cheio” de forrozeiros, começo a visualizar que a distribuição das pessoas dentro da festa obedece a uma lógica determinada e pequenos grupos de forrozeiros se formam no interior da festa. De certo modo, os espaços sociais estão sendo reproduzidos. Pelo contato que tinha, alguns moradores são fáceis de identificar, mas Janilson Domingos ajuda-me assinalando de onde seriam os pequenos grupos formados dentro da festa. As pessoas que vieram da Gameleira de Cima resolvem ficar localizadas em um ponto à esquerda do palco. Os anfitriões de Gameleira de Baixo, maioria do público presente na festa, ocupam o centro do salão próximo ao palco, subdividindo-se da seguinte forma: na frente, estão os membros da família Domingos, bastante empolgados e dançando todas as músicas; no centro, a família Félix dos Santos; e ao fundo, mais à esquerda, algumas pessoas da Família Fernandes. Já as pessoas que vieram de Chaves Belas, se acomodam no lado direito do palco.

Durante o forró, os conflitos são minimizados, mas a distribuição sócio-espacial é reproduzida. Apesar das relações sociais dentro da festa serem dinâmicas, com intensa circulação, a distribuição dos espaços sociais bem demarcados permanecem. A lógica seguida baseia-se na moradia e no parentesco, com maior eficácia para a aproximação entre parentes que conservam laços de uma mesma origem. A imagem seguinte ilustra a reprodução dos espaços sociais.

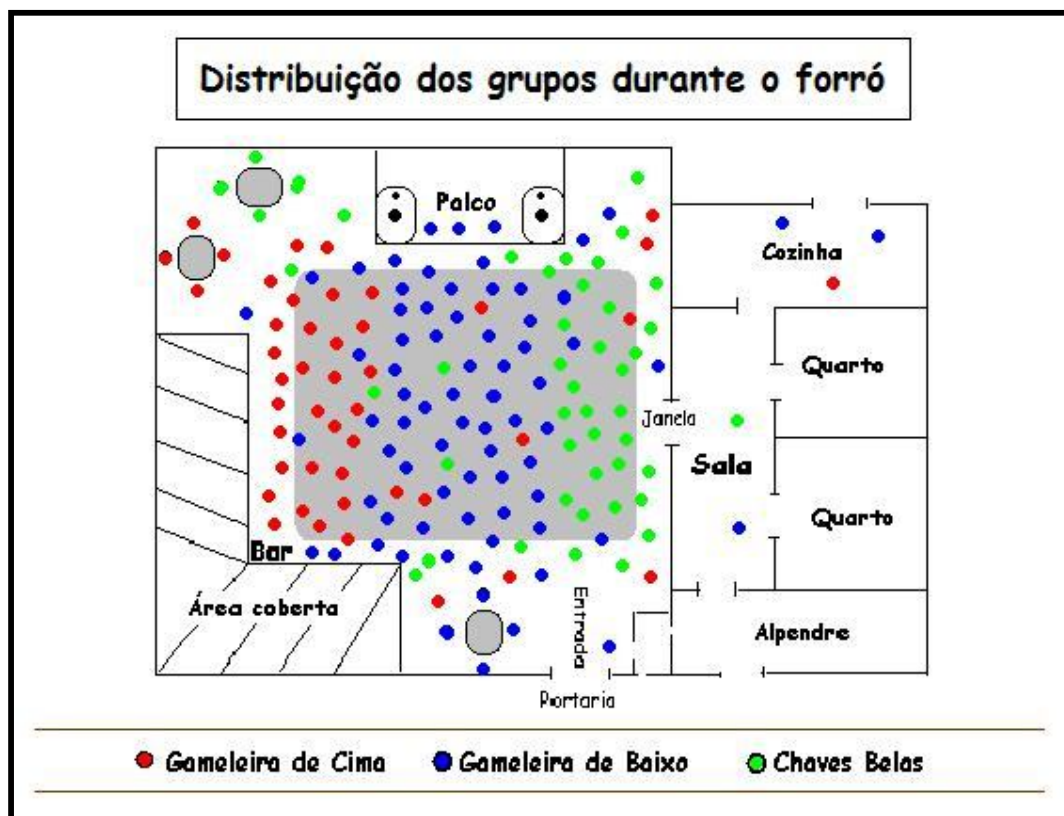


Ilustração 11 – Distribuição dos grupos durante o forró.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Não existe limite de idade para participar dos forrós, o público é composto por jovens, crianças, idosos e adultos, sem restrições. Porém, a maior parte do público dançante e ativo na festa é de jovens e de adultos. Os mais velhos participam da festa e até dançam bastante, apesar de preferirem as músicas mais antigas. O público jovem, no geral, é o mais empolgado. Eles próprios se mobilizam, comentam e criam expectativas para a festa que vai acontecer. A fotografia seguinte foi tirada na casa de Severino Domingos, minutos antes de todos saírem para o forró de Loza, e demonstra a presença marcante dos jovens nas festas de forró.



Foto 18 – Jovens e crianças: presença marcante nas festas.

A fotografia acima demonstra a utilização de um padrão estético seguido entre os jovens forrozeiros. Os homens vestem calças jeans com camisas estampadas, o uso de bonés também é freqüente, assim como o de botas, o que aparenta familiaridade com animais de cela (cavalos), caracterizando-o como um vaqueiro. As mulheres, sempre maquiadas e com os cabelos soltos, preferem roupas coladas que destaquem seus corpos, como calças ou saias justas. O cuidado com a roupa e o penteado é fundamental para quem vai ao forró. Esse padrão de roupa é característico do estilo musical utilizado em função da dança.

É evidente a alegria dos mais jovens em serem fotografados enquanto forrozeiros participantes de uma festa e por estarem inseridos nesse acontecimento tão importante na vida social de todos que residem na Serra. Essa satisfação é algo que não tem idade. Muitos adultos que me concederam entrevista foram iniciados nas festas ainda crianças. As lembranças sobre o forró como uma festa que faz parte da história de vida das pessoas é muito forte. Loza, um dos mais velhos tocadores da Gameleira, lembra que na infância acompanhava o seu pai nas festas. As festas têm um sentido compartilhado por todos da Serra. As pessoas as vivem no sentido de uma continuidade linear em suas histórias pessoais.

Os grupos e as características das pessoas presentes nessa festa são essenciais para compreensão da realidade dos moradores da Serra. Aparentemente, no decorrer do forró, tudo é muito integrado e os detalhes somente são perceptíveis quando alguma mudança brusca ocorre.

A banda “Os feras do forró” tocam sua última música e se despedem temporariamente do público, solicitando alguns minutos de espera para que a outra atração da noite se junte a

eles no palco. A partir desse momento, percebo, a festa passa para outra etapa, um momento seqüencial, continuador do forró.

3.2.2 Quem toca e quem canta

Geralmente quem toca nesse forró é a banda do dono da casa: “Os feras do forró”. Quando acontece da festa ser organizada por outras pessoas, mas dentro do espaço de Loza, a escolha da banda fica a critério do encarregado do evento. Da mesma forma que o sanfoneiro é convidado para tocar em outras casas de forró da Serra, em algumas festas outras bandas animam o forró do Loza. Ou seja, não existe uma regra muito fixa em relação aos tocadores, tudo depende do momento.

A foto seguinte retrata a base da banda – sanfona, zabumba e triângulo – ensaiando algumas músicas antes do forró. O ensaio começou no meio da tarde, no alpendre da residência de Loza, e teve por objetivo fechar o repertório e acertar as etapas da festa.



Foto 19 – Clidenor Gidio, Loza do Acordeon e Mecías Show: “Os feras do forró”.

Nesse momento, os integrantes da banda estavam ensaiando e posando para fotos. Os mais velhos usam calça, pois preferem se apresentarem mais sérios e formais. Já o mais jovem, ensaia de short e prefere um estilo mais despojado que o de seus parceiros.

Os músicos que fazem parte da banda “Os feras do forró” são todos da Gameleira de Baixo e têm ligações familiares: Loza é o sanfoneiro e líder da banda; Clidenor Gídio é primo de Loza, panderista e também toca o triângulo; Ivan Domingos é sobrinho de Loza e toca a zabumba; Anderson Domingos, também sobrinho de Loza, toca o triângulo quando Clidenor está no pandeiro; por último, o jovem José Mecías⁶⁰, ou artisticamente “Mecías Show”, aluno e enteado de Loza, é responsável pela parte vocal da banda, além de substituir seu padraсто na sanfona quando necessário. Todos os músicos da banda dedicam-se à agricultura, assim como os demais moradores da Gameleira. O forró é vivido apenas em momentos diferenciados.

Após o ensaio, todos foram se arrumar para o evento. Loza estava muito bem vestido, segurando sua sanfona com um enorme carinho para com o instrumento. Os demais integrantes da banda também se mostravam arrumados com roupas novas para comemorar o São João.

“Os feras do forró” tocam aproximadamente até uma hora da madrugada, quando pedem alguns minutos para um intervalo. Demora apenas uns quinze minutos a pausa, pois chega o momento mais esperado da noite: “Mecías Show” sobe ao palco bem arrumado, ao lado de seu padraсто Loza, para “soltar a sua voz”. Assim, logo a festa tem seu reinício. Percebo que a expectativa em relação a Mecías é maior entre os jovens, uma vez que seu repertório é mais atualizado, incluindo os forrós que estão fazendo sucesso nas rádios, o forró romântico⁶¹ e os forró pé de serra antigo e atual⁶². Porém, apesar da sua diversidade musical, ele se autodenomina como um cantor de pé de serra, talvez para poder seguir mais fielmente os passos de seu padraсто, como revela: “Mecías Show é forró pé de serra ao vivo”. Para Mecías, ser cantor pé de serra é oferecer roupagens inovadoras aos sucessos musicais antigos. Já com as músicas que estão fazendo sucesso no momento, ele as adapta ao som da sanfona, do triângulo e do zabumba. Disse-me, ainda, que sempre tenta fazer esses ajustes para não perder as origens do autêntico forró.

⁶⁰ O jovem Mecías começou sua carreira em conjunto com a banda, mas atualmente está um pouco afastado, pois também faz shows como convidado por outras bandas da região. No começo de 2008, o jovem-revelação de Gameleiras foi convidado por uma banda da cidade de Santa Cruz - RN, através de um amigo tecladista, para participar da gravação de um show dessa respectiva banda de forró. Nessa participação, Mecías cantou três músicas que ficaram registradas em áudio e visualmente em DVD, o que orgulha os moradores da Gameleira de Baixo ao assistirem e falarem que são parentes do cantor.

⁶¹ Segundo ele, são músicas de bandas como Aviões do Forró, Calcinha Preta, Caviar com Rapadura, Forró do Muído, etc.

⁶² São classificadas como Pé de Serra as músicas que originalmente foram compostas e são tocadas apenas com triângulo, zabumba e sanfona, sem a presença de outros instrumentos, como guitarra, bateria, etc. Esse estilo musical se divide em dois: o pé de serra atual, também chamado de forró universitário, que conjuga em suas letras temáticas rurais e urbanas, como o forró de Falamansa, Ferro na Boneca, a dupla Sirano e Sirino, entre outros; e o pé de serra antigo, que privilegia temas rurais, com músicos como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Dorgival Dantas, Santana, Flávio José, entre outros.

A banda tem uma formação fixa de cinco músicos e conta com a participação de alguns tocadores iniciantes. Os tocadores se forró são vistos como profissionais do forró e, por isso, há o anseio de muitos jovens em fazer parte da banda. Loza atua como professor desses principiantes, criticando-os quando necessário e sendo respeitado por todos.

Nessa noite, quando “Mecías Show” sobe ao palco e junta-se a “Os feras do forró”, a euforia toma conta de todos os presentes. Mecías mostra um formato musical mais atualizado, satisfazendo e agradando bem mais os jovens presentes. As pessoas cantam juntamente com ele, que retribui o carinho do público mandando abraços e alô. Mecías cumprimenta de maneira diferenciada os visitantes, já que a grande maioria são familiares que apoiam sua carreira musical. As músicas, mesmo sendo tocadas na sanfona, têm um ritmo mais rápido, diferente das primeiras, e mostra um conteúdo mais integrado à realidade das músicas de forró atuais, que são amplamente tocadas nas emissoras de rádios. As canções que Loza toca, em sua maioria, são instrumentais, inclusive com composições próprias, e talvez, por isso, os jovens não se interessem muito. Somente depois que Mecías começa a cantar que observo e comparo os comportamentos das pessoas no salão. Com Loza, a predominância no salão é de um público mais velho, enquanto com Mecías é o contrário. Diante disso, podemos distinguir dois momentos nas festas de forró. No primeiro, as pessoas aparentam estar mais calmas, apenas dançando. Já durante o segundo, a euforia e agitação tomam conta da maioria presente no salão, fazendo as pessoas cantarem junto com Mecías.

No decorrer dessas etapas, existe um fator que está no centro do acontecimento e que, acredito, movem as pessoas para a festa: os encontros e as conversas. Trata-se de intencionalmente compartilhar a festa, proporcionando entre as pessoas uma maior integração, diferente do que habitualmente acontece na vida diária na Serra.

3.2.3 Encontros e conversas

O evento observado teve como motivação a celebração da festa junina e da colheita, trazendo consigo tempos de fertilidade para a mesa das pessoas que dependem da agricultura. No entanto, na Serra da Gameleira, as festas acontecem durante o ano inteiro, não se restringindo apenas aos meses de junho e julho. Os moradores da Serra percebem o forró como um momento para compartilhar, de encontros e conversas, tão relevante quanto a motivação da dança. Na verdade, todas as festas têm um caráter coletivo mobilizador

(DURKHEIM, 1978) que está no centro da nossa questão.

Os freqüentadores dos forrós, geralmente, preferem ir em grupos. Existem pessoas que se encontram em algum lugar específico da Serra, vão juntas para o espaço festivo e permanecem próximas até o final da festa. Porém, no decorrer da noite, circulam e conversam com os demais. Há também os moradores que preferem se encontrar no interior do ambiente de forró. Percebo esse deslocamento interno quando volto para próximo de Hilson Domingos e dos seus amigos. Mais dois jovens, que não vieram conosco, se integram ao grupo. É no grupo que se consomem bebidas de forma compartilhada, fazem-se comentários sobre possíveis paqueras e, também, é próximo aos grupos que os casais costumam dançar. Caso o casal deseje um contato mais íntimo, se afastam um pouco dos amigos e vão para um lugar mais reservado.

É regra permanecer em pequenos grupos dentro da festa, isso acontece com maior freqüência entre os mais jovens, já que os mais velhos sempre permanecem com suas esposas. Porém, todos se comunicam, conversando com freqüência entre si, se reconhecendo enquanto membros de um mesmo espaço. Os interesses entre as pessoas também são fundamentais para que as relações sociais se estabeleçam. Os jovens interagem com os jovens, o líder de Gameleira de cima troca informações com o líder de Gameleira de Baixo e Chaves Belas, os adultos se divertem juntamente com outros adultos. Essa ampla participação permite a comunicação entre os moradores e representantes da Serra⁶³. Além disso, existe uma expectativa entre os participantes com relação a quem vai à festa a fim de se encontrar no seu interior. Toda essa relação é gerada através dos acontecimentos festivos. O contato com o vizinho, muitas vezes, só ocorre nas casas de forró, uma vez que as residências na Serra são relativamente distantes umas das outras.

O encontro no forró propicia, também, a aproximação de pessoas que estavam sem se falar por algum motivo. É evidente o potencial que a festa tem até mesmo para minimizar os conflitos individuais. João Domingos disse que estava brigado com um primo seu que mora em Chaves Belas há mais de um ano, mas voltaram a se falar em um forró em Piaba, quando um resolveu se redimir com o outro pagando uma bebida. José Ronildo, “o Piaba”, sintetiza essa realidade:

O povo aqui gosta muito de tá nos forrós, porque senta nas mesas, conversa, bebe, dança, encontra com os parentes... é assim! Eu vejo muita gente que só se fala quando se encontra nos forrós. Pode ser quem for. Se tiver intrigado,

⁶³ Em várias reuniões convocadas pelas associações de moradores, a presença foi mínima. No entanto, no dia em que tem forró, as pessoas conversam, nem que seja brevemente, sobre temas que seriam abordados nas reuniões.

na hora da festa faz as pazes e fica tudo normal (sic) (José Ronildo Domingos, “Piaba”, Gameleira de Baixo, junho de 2008).

Apesar das disputas existentes entre os “donos das casas de forró”, informalmente eles celebram um acordo de respeito mútuo entre si, comparecendo e prestigiando sempre que possível as festas de seus concorrentes. É interessante que os responsáveis pelas festas também escolhem o forró para conversarem e se encontrarem com os amigos e parentes. Nesse dia, quase todos organizadores marcam presença na festa de Loza, até como forma de garantir a participação do sanfoneiro no próximo acontecimento realizado na Gameleira. Dessa forma, os encontros e as conversas acontecem enquanto algo central na festa, abrangendo todos os momentos e todos os presentes.

Como todas as festas da Serra dispõem de pouca iluminação, não consegui tirar boas fotografias. Porém, observando um álbum de fotos antigas de Severino Domingos, percebi o quanto é importante o momento do encontro e as conversas que acontecem entre os forrozeiros. Entre as fotos, uma me chamou atenção particular. Ela evidencia que o ritmo é importante, mas a empolgação do público é despertada principalmente pelo lugar, isto é, os amigos e parentes que se encontram, conversam e se divertem juntos, a alegria de festejar em grupo. Outro detalhe importante é um tipo de sociabilidade dividida existente entre os participantes. Dentro das festas, os moradores procuram interagir com seus amigos e conhecidos, mas sempre em função do sexo e da idade – que define o estilo musical dos participantes. Em um grupo em que há somente homens, as mulheres não participam. O contato só ocorre no momento da dança.



Foto 20 – Encontros e conversas: fórró da Gameleira na década de 1990.
(Arquivo pessoal de Severino Domingos)

Como observado na foto, durante a festa, a maioria dos freqüentadores ficam em pé. Na festa de Loza, percebo que as pessoas que estão sentadas têm algum tipo de destaque no cenário local, como Severino Domingos, Vicente Lopes (neném) e Luis “Besouro” – estes estão separadamente acomodados em mesas.

A animação dos presentes começa a reduzir quando os moradores resolvem ir embora e a festa parece se encaminhar para o seu final. As festas que ocorrem na casa de Loza se encerram quando o dia amanhece. Ele se recusa a deixar que seu fórró “fique direto”, como alguns às vezes o fazem, sem se importarem se o dia amanheceu ou não. Nesse dia, o fórró permanece sendo dançado até mais tarde – ou seria cedo?

Nos momentos finais da festa, Loza passa a sanfona para Mecías e desce do palco. Põe-se a andar, cumprimentando os amigos no salão e nas mesas. Pergunto a ele por que parou, se está cansado de tocar. Ele justifica que é uma maneira de dar atenção às pessoas e agradecer por elas terem vindo e se divertido. Logo em seguida, ele retorna ao palco e pega a sanfona para tocar mais algumas músicas. A banda faz um agradecimento especial antes de finalmente poder se despedir.

3.3 “O FORRÓ JÁ TÁ FRAQUEJANDO”

A banda “Os feras do fórró” juntamente com “Mecías Show” começam a sinalizar o

término do forró por volta das quatro horas da madrugada através da interrupção das suas músicas. No entanto, às vezes ocorre do evento acabar ainda com a banda tocando, quando o salão começa a esvaziar, indicando que o “forró começou a fraquejar”.

Fraquejar vem da noção de fraqueza e, nesse contexto, nos remete à falta de entusiasmo, esmorecimento. É como se a festa entrasse em um momento de declínio caracterizada pelo esvaziamento do ambiente e seu conseqüente fim. Segundo Loza, as pessoas só se retiram cedo do forró quando nem as músicas nem o ambiente estão mais agradando, assim como quando os preços das bebidas estão altos ou quando há mais homens que mulheres para se dançar e vice-versa. Situações como essa são comuns nas festas de forró. As festas, em sua essência, quase não se diferenciam umas das outras, pois ocorrem num espaço determinado; tocam o mesmo ritmo musical; e têm a mesma “economia” de intensidade e animação (VIANNA, 1988, p. 95).

O fim do forró do Loza é sinalizado por uma sensível redução em relação à quantidade de pessoas que estavam no salão durante a metade da festa. O “fraquejar” é um sinal para o dono da festa e para os tocadores: hora da “saideira”. O certo é somente tocar a saideira quando o forró está “fraquejando” ou quando a festa tem uma hora determinada para acabar. Nesse momento, são anunciadas as últimas músicas a serem tocadas, os organizadores da festa começam a se aprontar para o seu final e a portaria é liberada para que as pessoas que estão do lado de fora possam entrar. Loza explica como ocorre esse procedimento: “mais ou menos uma hora antes da festa se acabar, a gente libera a portaria, mando logo abrir as portas, porque pode ter alguém do lado de fora da festa que ainda queira entrar”. A participação dessas pessoas, geralmente, traz uma nova e temporária animação para a festa. No caso da festa de forró analisada, o portão permaneceu fechado até quase quatro horas da manhã e apenas dois homens entram com a sua abertura.

Dessa forma, a festa de Loza caminha para o final, mas sem as pessoas perderem a animação. É preciso compreender e perceber como ocorre essa etapa. Acredito que a maioria continuaria a dançar sem a mínima vontade de ir embora, mas o dono da festa costuma reclamar da quantidade de trabalho que eles têm ao organizarem um forró. “Fazer uma festa é trabalhoso e cansa, porque todo mundo só quer mesmo se divertir e o trabalho fica pra quem?”, declara Loza. Mas ele justifica porque, ainda assim, continua a realizar as festas: “Eu mesmo faço festa porque gosto, porque aqui não tem muita vantagem, não”, se referindo à questão financeira, pois, como não organiza festa toda semana, diz que não tem como se sustentar apenas por meio dos forrós.

Compreenderemos como ocorre essa “etapa” final da festa.

3.3.1 Hora da partida

A hora da partida é precisamente o momento em que as pessoas se despedem umas das outras para poderem retornar às suas casas. Porém, antes disso, acontece a entrada dos que ficaram do lado de fora, influenciando significativamente o término e a despedida da festa. Loza revela que, como forma de castigá-los e incentivá-los a participar da próxima festa, “segura a portaria até o final”.

Geralmente, a festa só termina quando todos estão cansados e percebem que se aproxima o amanhecer⁶⁴. Às cinco e meia da manhã do domingo, a sanfona de Loza silencia. O triângulo e a zabumba também cessam. Apesar disso, algumas pessoas teimam em não parar de dançar, pedindo outro forró. “Os feras do forró” agradecem a presença de todos do palco e anunciam que irão tocar na casa de Luiz Besouro no próximo final de semana, despedindo-se dos que ali permanecem – apenas uns 5 casais ainda dançam no salão de festa e outros conversam sentados nas mesas. Ouço uma voz dizendo que já é dia e que está na hora de irmos embora. É Janilson, filho de Severino Domingos, que me acompanhou durante toda a festa. Ele gosta de “está nos forrós”, principalmente para dançar, mas diz que quando acaba tem que ir embora, pois terá trabalho esperando nos roçados e também é preciso esperar o próximo forró.

3.3.2 Esperando a próxima festa

É fundamental na hora da partida saber quando será o próximo evento, o próximo encontro. Essa certeza é essencial para dar sentido à vida diária das pessoas que moram na Serra da Gameleira e vivem essas festas de uma maneira bastante particular. Enquanto os moradores se despedem, é comum frases como: “Até a próxima festa, compadre!” ou “Semana que vem, vai ser melhor!”. Como o forró é um dos únicos momentos de lazer coletivo da Serra da Gameleira, todos aguardam ansiosos para o próximo dia de festa. O desejo da continuidade da festa carrega consigo o desejo de eternizar o forró.

⁶⁴ Tem festa que “entra pelo outro dia” com as pessoas dançando sem parar.

É importante frisar que essas ocasiões têm como função minimizar os conflitos entre os grupos que convivem na Serra e gerar o encontro entre grupos locais diferentes. É certo que o próximo forró da Serra acontecerá em outro local e isso deixa transparecer as disputas existentes entre os donos dos forrós. Loza diz que “quer que a festa na casa do colega seja tão boa quanto à dele foi”, porém, é perceptível que, caso uma festa supere a outra em quantidade numérica de participantes, há certo desconforto entre os demais, pois existe uma espécie de ciúmes entre os donos das casas. O saudável é quando os forrós estão com uma média numérica equilibrada, ou seja, quando o número de participantes que estão na festa de Loza é o mesmo que da festa de Piaba.

O relógio já marca seis horas da manhã e percebo que a hora avançada não faz muita diferença para os participantes, pois alguns ainda continuam na porta da festa conversando. Após observar e ouvir durante a noite inteira, posso ir embora. Nessa hora, o silêncio é ensurdecedor. Depois de uma noite inteira de festa e forró, a sensação que tenho é de que todos na Serra dormem o sono da satisfação, esperando, na próxima semana, continuar dançando, festejando a alegria e animação. O final de uma festa de forró é apenas o início da espera pelo próximo evento. E é esse espírito que perpetua as festas de forró na Serra, com a tradição servindo à diversão e à sociabilidade dos moradores de Gameleira.

Diante do exposto no capítulo, podemos perceber minuciosamente o funcionamento interno de uma festa de forró. A casa de Loza foi utilizada como modelo entre as demais, para que pusessemos perceber quais as etapas sucessivas durante a realização de uma festa, bem como, os participantes, os elementos que a compõe e o que acontece durante um forró. Nossa intenção foi mostrar que no interior de uma festa de forró ocorre um tipo de sociabilidade festiva, que agrega os diferentes grupos familiares da serra da Gameleira. Vários fatores são responsáveis para que isso ocorra: desde o encontro para ir à festa, até o seu final. Na festa os conflitos são minimizados, fazendo com que a convivência agregue os moradores como fazendo parte de uma totalidade, a Serra da Gameleira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENCONTROS FESTIVOS

Nessas subidas, caminhamos apenas por uma única trilha até o topo da Gameleira... Ainda existem muitas estradas a percorrer nessa Serra!⁶⁵

A premissa inicial que orientou todo nosso trabalho foi a de que as festas informam sobre a organização social da Serra da Gameleira. Para isso buscamos entender a composição étnica das famílias, mostrando que a Serra é dividida entre diferentes grupos de residências, mas que essas famílias se reúnem por meio da ocorrência das festas de forró.

As festas de forró, que aqui são consideradas enquanto atividades ritualizadas (SEGALEN, 2002; VALERI, 1978), exprimem uma linguagem social específica (LEACH, 1996), visto que seguem um padrão estabelecido: apesar da aparência espontânea, eles revelam traços organizados e programados, assim como fases recorrentes. Demonstrou-se ser possível distinguir duração, lugares de ocorrência, participantes e eventos provocadores (atividades produtivas junto com as comemorações juninas). A real espontaneidade do forró nos diz que: "Os aspectos dispostos 'do forró' não eliminam os significados pragmáticos dos eventos, que se baseiam em um repertório de elementos recolhidos das formas rotineiras de sociabilidade – tais como os calendários rituais de festividades [...]" (PEIRANO, 1995, p. 83).

Os dados empíricos, através da etnografia e pesquisa documental, nos possibilitaram fazer uma leitura das festas de forró que ocorrem na Serra da Gameleira, como lugares onde acontecem relações sociais agregando as famílias residentes. O que torna esse trabalho expressivo é a possibilidade de assinalar um importante aspecto da sociabilidade, o qual implica na associação prazerosa de um grupo específico de pessoas, no caso os moradores da Serra da Gameleira, destacando a convivência atual, que só é realizada satisfatoriamente nas ocasiões das festas de forró. Está implícita a idéia de que partilhando um evento significativo para todos, os grupos familiares se aproximam.

Nesse sentido apresentamos a história da serra, nos apoiando em dois elementos bastante presente na memória dos moradores da Gameleira: "o tempo do cativo e o tempo das festas". Nosso objetivo foi o de, ao longo da discussão, articular as festas de forró e a etnicidade dos grupos, demonstrada através da genealogia das famílias. A Serra é formada por três grupos sociais de diferentes origens étnicas que conviveram ao longo do tempo (OLIVEIRA, 1978). Buscamos, na memória sobre os forrós, uma ligação entre o passado

⁶⁵ Escrito durante minhas últimas investidas ao campo de pesquisa.

étnico e à ocorrência das festas. Essa convivência foi evidenciada a partir de um lugar de origem comum, para os ancestrais das famílias: o olho d'água. Nesse marco memorial existe ainda uma construção que está lá desde sempre: a calça. Esse percurso é parte integrante de uma história local e regional e deve ser ressaltado para entender o processo de ocupação desse território, bem como para perceber as permanências existentes entre o que se encontra nos documentos escritos e o que é lembrado através da memória oral.

As festas de forró são inscritas na história local, realizadas através da cooperação dos grupos que se inicia por meio do trabalho agrícola. Mostramos, dessa forma, que a relação festa e roçados estão muito próximas, já que é impossível pensar as festas desarticuladas dos forrós. Um fator que une festa e trabalho é a cooperação entre as famílias, nos roçados e na organização dos eventos. Percebemos que a existência de lugares festivos permite que os encontros aconteçam regularmente durante o ano inteiro, de maneira cíclica.

Pudemos compreender de que maneira se articulam os lugares festivos de ocorrência dos forrós na Serra da Gameleira. Entendemos que os forrós se firmam num eixo que envolve fatores importantes – como organização das festas, trajetos festivos e casas de forró –, além dos personagens fundamentais para a organização desses lugares: donos dos forrós, os tocadores, os forrozeiros e os animadores, a fim de atrair o público e efetivar uma sociabilidade festiva entre os membros das famílias. Assim o forró é percebido como uma festa tradicional.

No final do trabalho, pudemos conhecer o funcionamento interno de uma festa de forró. A casa de Loza foi utilizada como modelo entre as demais, para que pudéssemos perceber quais as etapas sucessivas durante a realização de uma festa, bem como: os participantes, os elementos que a compõe e o que acontece durante um forró. Nossa intenção foi mostrar que no interior de uma festa de forró ocorre um tipo de sociabilidade festiva, que agrega os diferentes grupos familiares da serra da Gameleira. Em vários momentos identificamos aspectos responsáveis para que isso ocorra, desde o encontro para ir à festa, até o seu final. Na festa os conflitos são minimizados, fazendo com que a convivência agregue os moradores como fazendo parte de uma totalidade, a Serra da Gameleira.

Nesse trabalho, exploramos a possibilidade de pensar a sociabilidade como prática de confraternização entre diferentes. Lanna (1999, p. 193) adverte que, no interior, o forró pode ser visto como um ritmo de união entre as pessoas. Complementaria tal afirmação no sentido de que não apenas o ritmo isoladamente causa união, mas também a festa, ou seja, o ritmo é inseparável da festa. Não existe festa de forró sem que as músicas dançadas também sejam forrós.

As festas de forró da Gameleira propiciam momentos onde os conflitos são colocados de lado, exprimindo formas de união que organizam a própria dinâmica social interna das famílias. O forró-festa é o elemento de associação e integração de todos e através dele as famílias se re-conhecem e se encontram, as pessoas circulam e se comunicam. Além disso, também pode ser pensado como um instrumento de mobilização política, pois reúne e conecta grande parte dos moradores locais. Talvez ele seja o único fato que une todos os residentes da Serra.

Assim concluímos que o forró, tomado enquanto festa, é um evento chave que agrega valores fundamentais de uma cultura percebida como tradicional. Criador de um quadro social que possibilita e induz os agentes nele envolvidos a conceber e participar de um jogo vivencial cujo tema é a expressão de valores compartilhados por grupos que convivem historicamente com essa festa. Entendida como canal de elaboração da ação política, apaziguador de tensões e conflitos sociais e, finalmente, uma divertida forma de lazer coletivo que cria, de fato, uma visão de mundo centrada em uma postura bem humorada de se viver.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Marilu. **Da cozinha ao terreiro da Mutamba da Caiera (RN)**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- ALFONSI, Daniela do Amaral. **Para todos os gostos**: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do forró. 145 f. Dissertação (Mestrado) – USP, São Paulo, 2007.
- ALMEIDA, Mauro. Redescobrimo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS, n. 1, jun. de 1986.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 380 f. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1998.
- ANDRADE, Maristela de Paula. **De pretos, negros, quilombos e quilombolas**: notas sobre a ação oficial junto a grupos classificados como remanescentes de quilombos. In: Boletim Rede Amazônia: dinâmicas de ocupação e exploração – efeitos e respostas socioculturais, Rio de Janeiro; Belém, a. 2, n. 1, 2003.
- Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Organização de Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. 243 p.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CABRAL, João de Pina; LIMA, Antónia Pedroso de. **Como fazer uma história de família**: um exercício de contextualização social. *Etnográfica*, 9 (2), Lisboa, pp. 355-388. 2006.
- CALAVIA SAEZ, Oscar. **O Nome e o Tempo dos Yaminawa**. São Paulo Ed. Unesp; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CARVALHO, Maria Rosário de. Os índios pedem passagem... **Ciencia e Cultura** [online], v. 59, n. 2, p. 29-31. ISSN 0009-6725. 2007.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

_____. **Nomes da terra**. Geografia, história e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CAVIGNAC, Julie. A etnicidade encoberta: 'Índios' e 'Negros' no Rio Grande do Norte. **Mneme**, v. 5, n. 8, maio/jun. de 2003. Disponível em: <<http://seol.com.br/mneme> 2003>.

_____. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Natal: EdUFRN, 2006.

_____. Os 'trancos velhos' e os 'quilombinhos': memória genealógica, território e afirmação étnica em Boa Vista dos Negros (RN). **VII Reunião de Antropologia do Mercosul: desafios em perspectiva**. UFRGS, 2007.

CEARÁ. **Sítio da prefeitura municipal de Jaguaratama**. Disponível em: <<http://www.jaguaratama.ce.gov.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

CHIACCI, A.; CAVIGNAC, J. A. Ouvir a cultura: antropólogos, memórias, narrativas. In: MANUEL, Ferreira Filho (Org.). **Antropologia e patrimônio cultural**. Diálogos e Desafios Contemporâneos. 1. ed. Blumenau, SC: Editora Nova Letra SC, 2007. v. 1.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior** – São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. 1. ed. Natal: Edufrn, 2006. 164 p.

_____. **Para onde vai à cidade?** Festa junina em Natal/RN. **Revista Vivência**, Dossiê “A festa”, UFRN, Natal, v.12, n.1, jan./ jun. 1999.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DANTAS, Maria Isabel. **O sabor do sangue**: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, PPGCS, 2008.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante**: a saga de Luiz Gonzaga. 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. **A cidade em festa**: Nossa Senhora do Ó, contando a sua história. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

GUARINELLO, Norberto L. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Vol. II São Paulo: EDUSP, 2001.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: Hobsbawm, Eric e Terence Ranger (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. **Sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte**. Natal: 1984. (Coleção o mossoroense).

LANNA, Marcos. **A Dívida divina**. Troca e patronagem no Nordeste Brasileiro. Campinas: Ed.Unicamp, 1995.

_____. Festa.... **Revista Vivência**, Dossiê “A festa”, UFRN, Natal, v.12, n.1, jan./ jun, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**: Um estudo da estrutura social kachin. São Paulo: Edusp, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas elementares de Parentesco**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1982.

LIMA, Crizóstimo Félix de. **São Tomé**: uma torre e três sinos – São Tomé (RN). 72 f. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o diretório Pombalino no século XVIII. 700p. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. (Vol. I e II).

MCCALLUM, Cecília. Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: perspectivas de uma antropologia da vida diária. **Revista brasileira de Ciências Sociais** [on-line], v.13, n.38, 1998. ISSN 0102-6909.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos Cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do seridó (SÉC XVIII). 286 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco** – cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. Unesp, 1998. 166p.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Aconteceu na capitania do RN**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

MELO, Veríssimo de. **Calendário cultural e histórico do Rio Grande do Norte**. Natal: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MEYER, Doris. **A terra do santo e o mundo dos engenhos**: estudo de uma comunidade rural nordestina. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

MITCHELL, J. Clyde. **The Kalela Dance**. Aspects os social relations among urbam africans in nothern Rhodesia. Manchester University Press, 1959.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN. 1999.

MORAIS, Marcus. Terras Potiguares. In: **São Tomé**. Natal: Dinâmica, 1998. p. 255-256

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Flávia Moreira. **Reconhecimento étnico em exame**: Dois Estudos sobre os Caxixó. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ LACED, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

_____. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998. p. 17-35.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____, **A teoria vivida**: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.44, n.1, 2001.

PRADO, Regina Paula dos Santos. **Todo ano tem**. As Festas na Estrutura Social Camponesa. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Museu Nacional/UFRJ, 1977.

REZENDE, Cláudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: cariocas e nordestinos na feira de São Cristóvão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

RIO GRANDE DO NORTE. **Sítio do Governo do Estado do RN**. Disponível em: <<http://www.idema.rn.gov.br/perfil/São%20Tomé/São%20Tome.doc>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1987.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 161 p.

SIGAUD, Lygia. **Os Clandestinos e os Direitos**. Estudo sobre Trabalhadores da Cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. 194 p. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, George. **Questões Fundamentais da Sociologia**: individuo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. **Do tempo da sussa ao tempo do forró**. Música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil**: cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Art. Editora, 1988.

VALERI, Valério. Festa. In: **Enciclopédia VI**. Turim: Ed. Einaudi, 1979.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.

WEBER, Max. Relações Comunitárias Étnicas. In: **Economia e Sociedade**. Brasília: Ed. da UnB, 1991.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Ed. da UnB, 1997.

WOORTMANN, Ellen. **Parentesco e reprodução camponesa**. XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1984.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.

OUTRAS REFERÊNCIAS

IHGRN, Natal, RN - Sesmarias doadas pela Capitania do Rio Grande

Sesmaria n° 192 (1719), concedida a Francisco Diniz da Penha na Ribeira do Potengi [FVR. IHGRN. **Sesmarias do Rio Grande do Norte**, v. 2, p. 192].

Sesmaria n° 249 (1736) concedida a capitão Mor Gonçallo de Castro Rocha e o sargento Mor Manoel Theixeira Cazado na Ribeira do Potengi [FVR. IHGRN. **Sesmarias do Rio Grande do Norte**, v. 3, p. 249].

Sesmaria n° 443 (1758) concedida a Josefh da Costa Vilarinho na Ribeira do Potengi [FVR. IHGRN. **Sesmarias do Rio Grande do Norte**, v. 4, p. 309].

Sesmaria n° 450 (1762) concedida a Manoel dos Santos, Luiz da Rocha Freire e José da Costa Vilarinho na Ribeira do Potengi [FVR. IHGRN. **Sesmarias do Rio Grande do Norte**, v. 4, p. 332].

Sesmaria n° 476 (1767) concedida ao Tenente Francisco Tavares Guerreiro na Ribeira do Potengi [FVR. IHGRN. **Sesmarias do Rio Grande do Norte**, v. 4, p. 29].

ANEXO A – Entrevistas orais:

Entrevista (1): Alfredo Lopes, 80 anos, Gameleira de Cima - São Tomé, 09 de julho de 2008.

Entrevista (2): Alfredo Lopes, 80 anos, Gameleira de Cima - São Tomé, 15 de maio de 2008.

Entrevista (3): Antonia Merandolina, 97 anos, Gameleira de Cima - São Tomé, 09 de julho de 2008.

Entrevista (4): Clidenor Félix dos Santos, 48 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 22 de novembro de 2008.

Entrevista (5): Francisco Félix dos Santos, 58 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 21 de julho de 2008.

Entrevista (6): José Fernandes, 84 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 16 de maio de 2008.

Entrevista (7): José Eriberto da Rocha, 69 anos - Natal, 03 novembro de 2008.

Entrevista (8): Manoel Félix dos Santos, 88 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 11 de julho de 2008.

Entrevista (9): Severino Bezerra, 66 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 19 de abril de 2008.

Entrevista (10): Severino Domingos da Cruz, 59 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 16 de maio de 2008.

Entrevista (11): José Ronildo Domingos, 35 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 03 de novembro de 2008.

Entrevista (12): Luis Bezerra da Silva, 54 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 04 de novembro de 2008.

Entrevista (13): Vicente Lopes Pereira, 49 anos, Gameleira de Cima - São Tomé, 09 de julho de 2008.

Entrevista (14): Israel de Souza, 41 anos, Chaves Belas - Lajes Pintadas, 06 de dezembro de 2008.

Entrevista (15): José Mecías, 22 anos, Gameleira de Baixo - São Tomé, 05 de dezembro de 2008.

ANEXO B – Dados demográficos:**Relação numérica das Famílias da Serra da Gameleira - São Tomé - RN**

Casais		Data de Nascimento	Filhos residentes com o casal
Nome			
José Antonio Domingos da Cruz		18/01/79	
Edna Cardoso da Silva		24/05/83	3
Josenildo da Costa Rozendo		20/04/82	
Karolina Aguiar da Silva		29/11/86	1
José Edmilson Lopes Pereira		04/06/67	
Maria Enilda Galdino Pereira		20/02/76	6
José Lopes Pereira		05/09/79	
Márcia Rosendo da Costa		10/01/86	3
José Barros Sobrinho		18/06/45	
Maria Anunciada Fernandes Gomes		29/05/48	1
Darcy Domingos Pereira		19/03/43	
Luiz Domingos da Cruz		24/09/47	0
João Idalino dos Santos		05/06/45	
Margarida mendes dos Santos		03/02/47	2
Severino Domingos da Cruz		01/09/49	
Maria Docarmo da Silva Cruz		28/05/56	6
Marcos de Aguiar		15/03/77	
Ana Cristina Domingos		05/10/85	2
Francisco de Assis Félix dos Santos		15/08/75	
Maria de Aguiar dos Santos		15/07/81	0
Josinaldo Lopes da Silva		28/09/72	
Rosenilda Perreira da Silva		06/01/79	1
Luciano da Silva		04/10/79	
Elizângela Cordeiro dos Santos		03/08/82	2
Cândido Miguel de Azevedo		11/03/50	
Iracema Maria de Azevedo		04/02/51	7
Francisco Félix dos Santos		26/10/1930 +	
Maria da Soledade Domingos da Cruz		02/04/60	1
Francisco Sales Gonçalves		17/04/73	
Maria Leniete de Oliveira		11/11/72	4
Ivan Batista dos Santos		03/04/84	
Claudiana Nicolau Rosendo		22/01/88	2
José Edilson Perreira		05/02/66	
Francileide Bezerra da Cruz		19/11/76	5
Evaldo Lopes Ferreira		30/04/77	
Maria Denise Galdino		19/03/76	6
Domingos José de Menezes		05/10/57	
Francisca Rozendo Martins		08/09/67	2
Valdecy Josias Galdino		27/06/47	
Julia Domingos Galdino		29/10/39	5
Francisco Idalino dos Santos		14/10/59	
Maria Divarina Domingos Galdino		06/02/72	5
João Bosco Perreira		02/07/56	
Maria do Socorro dos Santos Perreira		02/07/53	2
José Perreira de Lima		29/07/56	
Irene Fernandes de Lima		11/04/46	4
José Ronildo Domingos Galdino		19/08/73	
Silvaní Domingos da Cruz		18/05/76	4

Valdomiro Egidio da Silva	22/12/58	
Maria de Fátima da Silva	05/07/55	0
Severino Bezerra Maia	12/05/48	
Maria Soledade Domingos Maia	02/04/42	0
José Agemiro da Silva	14/06/66	
Maria das Graças dos Santos	20/03/57	4
Luiz Bezerra da Silva	18/12/57	
Lúcia Miriam Bezerra da Silva	20/07/61	2
José Francisco de Menezes	02/02/59	
Francisca Rodrigues de Lima	24/06/44	0
José Altomiro da Silva	09/09/54	
Vilma Domingos da Silva	15/05/78	3
José Félix dos Santos	25/02/34	
Maria Félix dos Santos	20/06/37	0
Francisca Cardoso da Silva	06/02/60	
Sebastião Félix dos Santos	25/02/69	0
José Fernandes Perreira	08/06/24	
Maria Rita da Conceição	07/10/27	1
Daniel Lopes Perreira	03/01/44	
Josefa Rosendo Perreira	13/04/43	4
Expedito Francisco de Menezes	28/02/60	
Maria Ivanilda de Menezes	18/11/72	3
Antonio Domingos da Cruz	24/11/1912 +	
Francisca Inácia Domingos dos Santos	18/07/47	0
Francisco de Assis de Aguiar	06/11/66	
Maria das Graças Bezerra de Aguiar	26/10/67	2
Clidenor Félix dos Santos	29/03/63	
Maria do Socorro Félix dos Santos	28/07/58	3
Pedro Gomes do Nascimento	27/06/51	
Maria Aparecida Pereira do Nascimento	05/11/59	4
Francisco Moreira de Santana	31/05/68	
Elanhaine de aguiar da Silva	14/07/85	1
Severino Ananias da Silva	16/02/39	
Rita Inácia dos Santos Silva	11/06/48	1
Francisca Inácia de Aquino	05/10/55	
Francisco Félix dos Santos	04/09/51	2
José Ronaldo Domingos Galdino	17/12/71	
Maria Dalva dos Santos	14/09/78	5
José Rozendo dos Santos	19/07/55	
Maria Lúcia Domingos dos Santos	23/10/47	6
José Ednaldo Pereira	20/05/75	
Sandra Maria Gomes	04/08/75	1
José Leonildo dos Santos	10/08/81	
Claúdia Nicolau Rozendo	13/05/83	4
José Edilson Feitosa	30/08/79	
Adnaide Egidio dos Santos	15/02/80	1
Manoel Félix dos Santos	26/08/26	
Francisca Ana da Silva	26/03/32	2
Maria de Lima	05/07/55	
José Domingos da Silva	14/06/66	8
José Rozendo	10/10/46	
Maria Nicolau Rozendo	08/08/48	7
Francisco Josias Galdino	15/02/48	
Josefa Domingos Galdino	10/03/48	5

José Romualdo Domingos Galdino	24/11/79	
Adriana Cristina Domingos Galdino	05/10/85	0
Artur Fernandes Pereira	04/05/23	
Maria Antonia Fernandes Pereira	18/07/25	1
Expedito Ananias da Silva	25/11/64	
Maria da Paz Fernandes da Silva	06/07/70	5
Francisco Ananias da Silva	11/09/63	
Cacionilda Fernandes da Silva	31/05/55	2
José do Ó Bezerra	17/05/55	
Maria Bezerra da Silva	10/01/55	1
Leonardo José Rodrigues de Lima	31/08/82	
Iranete Maria de Azevedo Lima	29/09/87	1
Gelson Antonio da Silva	08/08/62	
Raimunda Maria dos Santos	14/09/72	9
Erinaldo Ananias da Silva	17/01/83	
Lucineide Rocha da Silva	21/05/83	2
Manoel Egidio da Silva	20/01/20	
Maria Júlia dos Santos	22/12/19	0
Edmilson Martins Ribeiro	04/11/77	
Rosania Rodrigues de Lima Ribeiro	11/08/78	1

Não casados (solteiros, separados, viúvos etc)

Aurino Miguel de Azevedo	23/06/46
Terezinha Rodrigues de Souza	13/06/38
João Batista Galdino	28/02/72
Henrique Fernandes Perreira	15/07/59
Maria Daguia Idalino dos Santos	04/10/66
Francisca Bezerra da Cruz	06/02/42
Francimar Domingos da Cruz	15/11/75
Erivan Domingos da Cruz	20/08/79
Edinaldo Domingos da Cruz	12/12/80
Erinaldo Domingos da Cruz	13/06/83
Luíza Domingos da Cruz	16/05/82
Nerivan dos Santos	26/07/87
João Maria Galdino	19/08/70
João Lopes Pereira	20/11/32
Maria de Lourdes dos Santos	04/07/68
Maria Inácia dos Santos	04/02/39
Luiziana da Silva	11/07/27
Apolinário Fernandes Pereira	23/03/63
Francisco de Assis de Menezes	27/07/56

Fonte: Associação Quilombola Serra de Gameleiras de Baixo – AQSGB.

Secretaria Municipal de Saúde - SMS - Prefeitura Municipal de São Tomé-RN, 2007.

ANEXO C – Outras imagens⁶⁶

CD de Loza

⁶⁶ Todas as fotografias que ilustram essa dissertação foram tiradas pelo autor, fazendo parte do acervo dessa pesquisa, exceto as que estão com as fontes, devidamente citadas logo abaixo das imagens.



Cabeça do boi do falecido mestre Mãozinha



Casa de forró de Loza



Casa de Piaba



Casa de Neném



Casa de neguinho Israel



Casa de Luis Besouro



Plantações



Conversa no dia seguinte a uma festa de forró



Família Domingos da Cruz – Descendentes de Gidio Velho

ANEXO D – Análise da “Caliça”

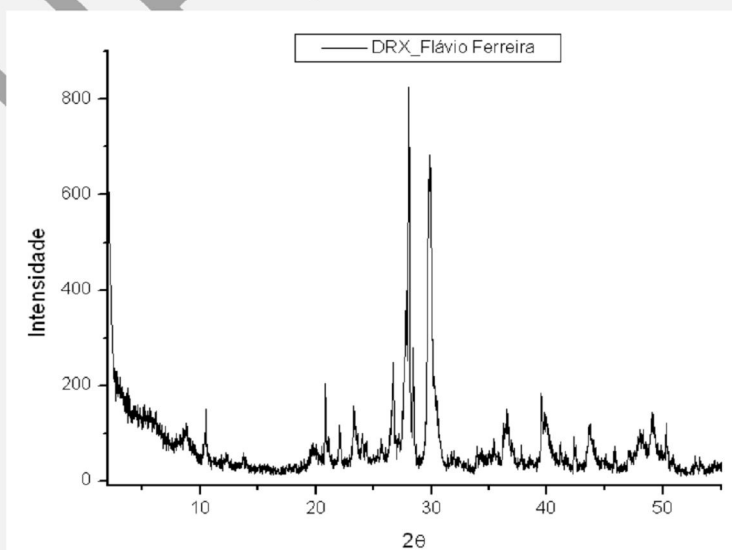


Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Centro de Tecnologia
 Departamento de Engenharia de Materiais
 Laboratório de Cerâmica

DIA: 09/12/2008
 Resultados: FRX e DRX
 Solicitante: Flávio Ferreira

RESULTADOS**1. Análise química: obtida por fluorescência de raios X.**

Elemento	Percentual
CaO	45,041 %
SiO ₂	27,292 %
Fe ₂ O ₃	8,839 %
Al ₂ O ₃	8,493 %
MgO	4,062 %
K ₂ O	2,745 %
TiO ₂	1,209 %
Na ₂ O	1,182 %
MnO	0,231 %
ZrO ₂	0,207 %
P ₂ O ₅	0,191 %
SrO	0,156 %
SO ₃	0,137 %
Cr ₂ O ₃	0,061 %
NiO	0,047 %
CuO	0,046 %
ZnO	0,035 %
Y ₂ O ₃	0,026 %

2. Análise mineralógica: obtida por difração de raios X.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)